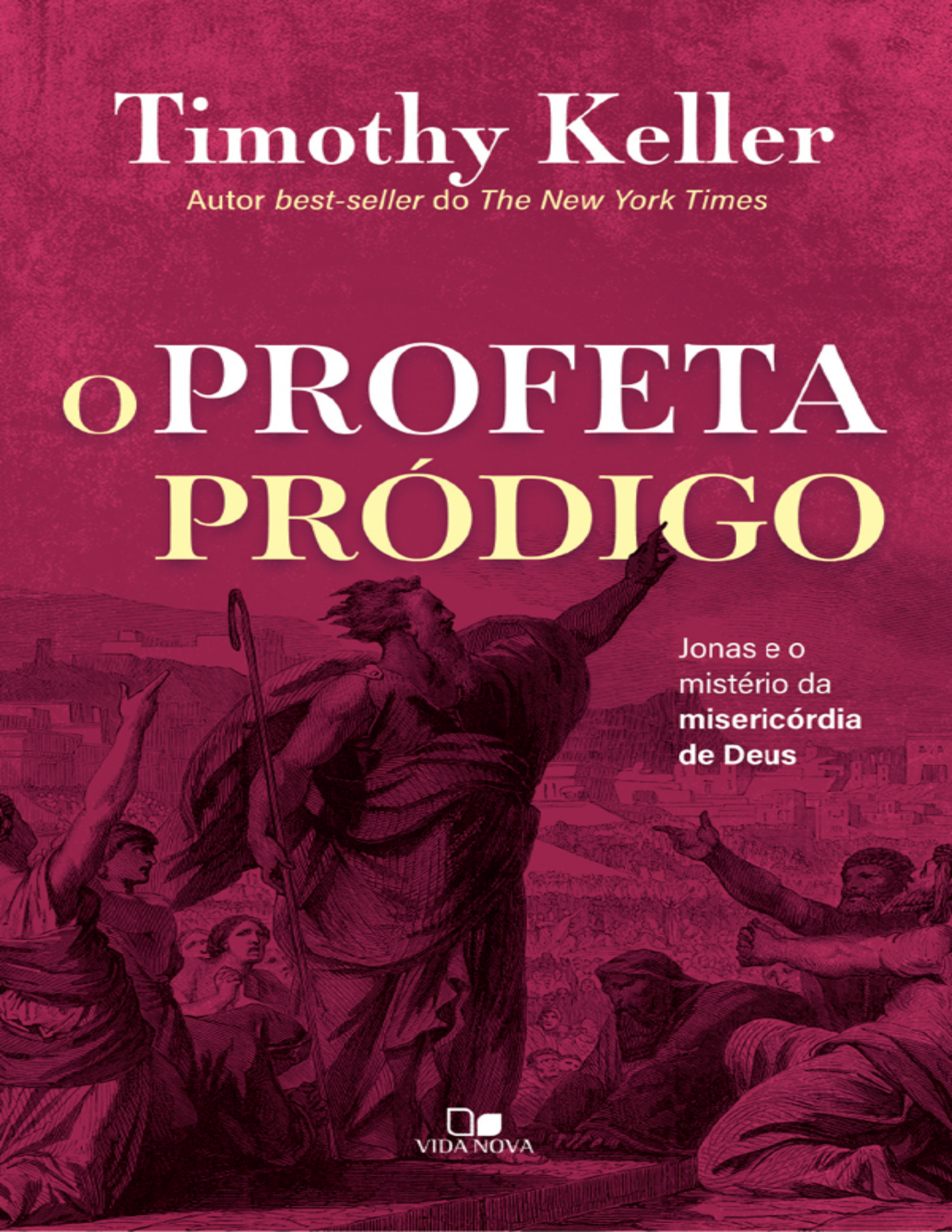
Timothy Keller

Autor *best-seller* do *The New York Times*

O PROFETA PRÓDIGO

Jonas e o mistério da **misericórdia de Deus**



VIDA NOVA

O PROFETA PRÓDIGO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

O profeta pródigo: Jonas e o mistério da misericórdia de Deus / Timothy Keller; tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes.
— São Paulo: Vida Nova, 2019.
208 p.

ISBN 978-85-275-0989-3
Título original: The prodigal prophet: Jonah and the mystery of God's mercy

1. Bíblia. Jonas, Profeta - Crítica, interpretação etc. 2. Deus (Cristianismo) - Misericórdia 3. Bíblia - Estudo e ensino I. Título II. Lopes, Marisa K. A. de Siqueira

19-1013 CDD 224.9206

Índices para catálogo sistemático:
1. Bíblia. Jonas, Profeta - Crítica, interpretação etc.

Timothy Keller

Autor *best-seller* do *The New York Times*

O PROFETA PRÓDIGO

Jonas e o
mistério da
misericórdia
de Deus

Tradução
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

VIDA NOVA

©2018, de Timothy Keller
Título do original: *The prodigal prophet: Jonah and the mystery of God's mercy*,
edição publicada pela PENGUIN RANDOM HOUSE LLC (New York, New York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2019

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação de fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação de versão foram traduzidas diretamente pelo autor. As citações com indicação de versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New International Version (NIV), da English Standard Version (ESV), da New Century Version (NCV) e da King James Version (KJV).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Danny Charão
Ubevaldo G. Sampaio

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Rafael Caldas
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Gustavo N. Bonifácio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

~

DIAGRAMAÇAO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
OM Designers Gráficos

Em gratidão a Deus pela vida e pelo ministério de
JOHN NEWTON (1725-1807), que também se
voltou para Deus durante uma tempestade
e se tornou um pastor que ensinou a nós,
e a inúmeras outras pessoas, as belezas da maravilhosa graça.

SUMÁRIO

Agradecimentos

INTRODUÇÃO
O profeta pródigo

UM
Fugindo de Deus (1.1-3a)

DOIS
As tempestades do mundo (1.3b,4)

TRÊS
Quem é meu próximo? (1.5,6)

QUATRO
Aceitando o outro (1.7-10)

CINCO
O padrão do amor (1.11-17)

SEIS
Fugindo da graça (1.17—2.10)

SETE
Fazendo justiça, pregando a ira (3.1-10)

OITO
Tempestades do coração (4.1-4)

NOVE
O caráter da compaixão (4.4-11)

DEZ
Nosso relacionamento com a Palavra de Deus

ONZE
Nosso relacionamento com o mundo de Deus

DOZE
Nosso relacionamento com a graça de Deus

EPÍLOGO
Quem contou a história?

Agradecimentos

Embora minha esposa Kathy não seja coautora desta obra, ela foi a principal força por trás de sua publicação. Preguei sobre o livro de Jonas em três séries de sermões: uma vez em 1981, outra em 1991 e uma terceira vez em 2001. Apenas Kathy ouviu as três séries, e por anos ela quis que fossem transformadas em livro. É difícil pegar um conjunto de apresentações orais, cada qual especificamente direcionada para os ouvintes originais reunidos naqueles domingos, e transformá-las em uma narrativa escrita contínua que, não obstante, trace numerosas e variadas linhas de aplicação para questões e problemas contemporâneos. Ela fez com que eu voltasse aos esboços mais de uma vez, e trabalhou cuidadosamente com o manuscrito em todas as fases de edição.

Este é o primeiro de meus livros dedicado a uma figura "histórica" — o reverendo John Newton. Ele foi criado em um lar cristão, mas abandonou a religião e tornou-se comerciante de escravos, fugindo de Deus. Contudo, durante uma tempestade dramática no Atlântico, ele orou e começou uma jornada em direção a uma fé vibrante. Como Jonas, ele foi pregar na grande cidade. Mais tarde, veio a se tornar um proeminente sacerdote anglicano evangélico na cidade de Londres. Kathy e eu achamos suas cartas pastorais algo sem igual. Sua sabedoria prática, profundidade teológica e sua centralidade na graça nos ajudaram incessantemente ao longo de anos a fio, e às vezes nos momentos mais sombrios.

Quero, como de costume, agradecer àqueles que me propiciaram ótimos lugares e espaços para trabalhar e escrever, incluindo Ray e Gill Lane, do The Fisherbeck Hotel, em Ambleside, Cúmbria, no Reino Unido, e Janice Worth, de Palm Beach Gardens, Flórida, onde vários anos atrás escrevi os primeiros esboços deste livro. E, mais uma vez, agradeço a David McCormick e Brian Tart, cuja orientação editorial e literária tem sido fundamental para todas as minhas obras.

INTRODUÇÃO
O PROFETA PRÓDIGO

Como a maioria das pessoas criadas em lares cuja família frequenta uma igreja, conheço a história de Jonas desde a infância. Como ministro que ensina a Bíblia, no entanto, já passei por vários estágios de perplexidade e admiração diante desse pequeno livro. Sua diversidade de temas é um desafio para o intérprete. Ele parece tratar de uma *infinidade* de coisas.

Será que o livro trata de raça e nacionalismo, uma vez que Jonas parece estar mais preocupado com a segurança militar de sua nação do que com uma cidade de pessoas espiritualmente perdidas? Ou trata do chamado de Deus para a missão, uma vez que Jonas, a princípio, foge do chamado e depois volta atrás, mas se lamenta por isso? Gira em torno das lutas que os crentes enfrentam para obedecer e confiar em Deus? A resposta é sim, para todos esses temas — e para outros mais. Existem montanhas de estudos acadêmicos sobre o livro de Jonas que revelam a riqueza da história, as muitas camadas de sentido e sua variada aplicabilidade a uma parcela bem grande da vida e do pensamento humanos.[1]

Descobri essa "variada aplicabilidade" à medida que preguei sobre o livro de Jonas, versículo por versículo, em três ocasiões diferentes de meu ministério. A primeira vez foi na primeira igreja que pastoreei, em uma pequena cidade operária do Sul dos Estados Unidos. Dez anos depois, preguei novamente sobre o livro de Jonas para centenas de jovens profissionais solteiros em Manhattan. E então, dez anos mais tarde, preguei sobre esse mesmo livro nos domingos que se seguiram à tragédia do 11 de setembro, na cidade de Nova York. Em cada caso, o contexto cultural e as necessidades pessoais dos ouvintes eram radicalmente diferentes, mas, ainda assim, o texto de Jonas estava mais do que à altura de poder abordá-los com

vigor. Ao longo dos anos, muitos amigos me disseram que os sermões que ouviram sobre o livro de Jonas mudaram suas vidas.

A narrativa de Jonas induz o leitor a pensar nela como uma simples fábula que tem o relato do grande peixe como ponto dramático mais alto, senão inverossímil. Leitores mais atentos, no entanto, veem o livro como uma obra literária criativa e artisticamente trabalhada. Seus quatro capítulos relatam dois episódios. Nos capítulos 1 e 2, Jonas recebe uma ordem de Deus, mas não a obedece; nos capítulos 3 e 4, ele recebe novamente a mesma ordem e dessa vez a obedece. Os dois relatos estão dispostos em padrões quase que completamente paralelos.

CENA 1 ***Jonas, os pagãos e o mar***	**CENA 2** ***Jonas, os pagãos e a cidade***
JONAS E A PALAVRA DE DEUS	
1.1 A Palavra de Deus chega a Jonas	3.1 A palavra de Deus chega a Jonas
1.2 A mensagem a ser transmitida	3.2 A mensagem a ser transmitida
1.3 A resposta de Jonas	3.3 A resposta de Jonas
JONAS E O MUNDO DE DEUS	
1.4 A palavra de advertência	3.4 A palavra de advertência
1.5 A resposta dos pagãos	3.5 A resposta dos pagãos
1.6 A resposta do líder pagão	3.6 A resposta do líder pagão
1.7ss Como a resposta dos pagãos foi, em última análise, melhor do que a de Jonas	3.7ss Como a resposta dos pagãos foi,em última análise, melhor do que a de Jonas
JONAS E A GRAÇA DE DEUS	
2.1-10 Como Deus ensinou graça a Jonas por meio do peixe	4.1-10 Como Deus ensinou graça a Jonas por meio da planta

Apesar da sofisticação literária do texto, muitos leitores dos nossos dias ainda rejeitam a obra porque o texto nos diz que Jonas foi salvo da

tempestade ao ser engolido por um "grande peixe" (Jn 1.17). Como se reage a isso depende de como se lê o restante da Bíblia. Se você aceita a existência de Deus e a ressurreição de Cristo (um milagre muito maior), então não há nada particularmente difícil sobre a leitura literal de Jonas. Muitas pessoas hoje, certamente, acreditam que todo e qualquer milagre seja impossível, embora esse ceticismo não passe disto: é, em si, uma crença que não pode ser comprovada.[2] E não apenas isso, mas o texto não revela evidências de que o autor tenha inventado o relato milagroso. Quem escreve ficção normalmente adiciona elementos sobrenaturais para gerar empolgação ou deslumbramento e, com isso, captar a atenção do leitor; o autor do livro de Jonas, porém, não tira proveito do episódio dessa maneira. O peixe é mencionado apenas em dois breves versículos e sem detalhes descritivos. O episódio é relatado mais como um simples fato que aconteceu.[3] De modo que ninguém se deixa distrair pelo peixe.

A estrutura meticulosa do livro revela nuances da mensagem do autor. Ambos os episódios mostram o modo pelo qual Jonas, um crente fiel e religioso, considera e se relaciona com pessoas de raça e religião diferentes das dele. O livro de Jonas transmite muitas percepções sobre o amor de Deus por sociedades e pessoas não pertencentes à comunidade de crentes; sobre sua oposição ao nacionalismo tóxico e ao desprezo por outras raças; e sobre como estar "em missão" no mundo, a despeito do poder sutil e inevitável da idolatria que trazemos em nosso coração e vida. Compreender essas percepções pode nos transformar em pessoas que constroem pontes, que são pacificadoras e agentes de reconciliação no mundo. É dessas pessoas que o mundo precisa hoje.

No entanto, com o objetivo de entender todas essas lições para aplicá-las em nossos relacionamentos sociais, temos de ver que o principal ensinamento do livro não é sociológico, mas, sim, teológico. Jonas quer um Deus de acordo com sua própria preferência, um Deus que simplesmente destrói os maus como, por exemplo, os ninivitas, e abençoa os bons como, por exemplo, Jonas e seus compatriotas. Quando o verdadeiro Deus — não esse deus falsificado de Jonas — continua a se manifestar, o profeta é lançado em fúria e desespero. Jonas vê o Deus real como um enigma, pois não consegue conciliar a misericórdia e a justiça de Deus. Jonas se pergunta: "Como Deus pode ser misericordioso e perdoar pessoas que praticaram

tamanha violência e mal? Como Deus pode ser *as duas coisas*, misericordioso e justo?".

Essa pergunta não é respondida no livro de Jonas. No entanto, como parte da Bíblia como um todo, o livro de Jonas é semelhante a um capítulo que impulsiona o enredo geral das Escrituras. Ele nos ensina a olhar para o futuro e ver como Deus salvou o mundo por meio daquele que se dizia maior que Jonas (Mt 12.41), a fim de que pudesse ser justo e também justificador daqueles que creem (Rm 3.26). Somente quando nós, leitores, compreendermos inteiramente esse evangelho é que não seremos nem exploradores cruéis como os ninivitas, nem crentes farisaicos como Jonas, mas, sim, homens e mulheres à imagem de Cristo, transformados pelo Espírito.

Muitos dos que estudaram o livro notaram que, na primeira metade, Jonas interpreta o "filho pródigo" da famosa parábola de Jesus (Lc 15.11-24), o qual fugiu de seu pai. Na segunda metade do livro, no entanto, Jonas é como o "irmão mais velho" (Lc 15.25-32), o qual obedece ao pai, mas o censura por ser gracioso para com pecadores arrependidos. Assim como a parábola termina com uma pergunta do pai ao filho farisaico, o livro de Jonas termina com uma pergunta ao profeta farisaico. O paralelo entre as duas histórias, algo que o próprio Jesus pode ter tido em mente, é a razão do título deste livro, *O profeta pródigo*.

---

[1] Um dos mais extensos estudos já feitos sobre todas as interpretações de Jonas ao longo dos anos encontra-se em Yvonne Sherwood, *A biblical text and its afterlives: the survival of Jonah in Western culture* (Cambridge: Cambridge University Press, 2000). Sherwood argumenta que os comentaristas tendem a usar o livro de Jonas para reforçar suas próprias crenças e pontos de vista. Isso certamente é verdade, mas é uma tese irônica para Sherwood, pois ela mesma usa o livro para promover uma agenda do final da era moderna, ou seja, a de que uma interpretação vale tanto quanto qualquer outra. Os primeiros comentaristas cristãos, como Jerônimo e Agostinho, viam Jonas como um tipo de Cristo. Muitos reformadores, entre eles Lutero, viam Jonas como um judeu nada disposto a alcançar os gentios, o que evidencia uma falha de Israel em compreender o evangelho e em ser testemunha

dele para as nações. Do Iluminismo em diante, uma abordagem importante ao livro de Jonas era criticar ou defender a plausibilidade da história, particularmente o incidente com o peixe. Uma via mais recente de interpretação é a análise literária, segundo a qual o livro de Jonas muitas vezes é classificado como sátira ou comédia. Cada uma dessas linhas interpretativas traz pontos importantes e fornece *insights* fundamentais para a compreensão do texto.

2 Para um estudo exaustivo a favor dos milagres bíblicos, veja a obra em dois volumes de Craig S. Keener, *Miracles*: *the credibility of the New Testament accounts* (Grand Rapids: Baker Academic, 2011).

3 David W. Baker; T. Desmond Alexander; Bruce K. Waltke, *Obadiah, Jonah, and Micah: an introduction and commentary*, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove: InterVarsity Press, 1988), vol. 26, p. 123.

UM
FUGINDO DE DEUS

Ora, a palavra do SENHOR veio a Jonas, filho de Amitai, dizendo: "Levante-se, vai a Nínive, aquela grande cidade, e proclama contra ela, porque a sua maldade subiu perante minha face". Jonas levantou-se, porém, para ir para Társis, fugir da face do SENHOR (Jn 1.1-3a).[1]

O emissário improvável

Nossa história começa quando "a palavra do Senhor veio" a Jonas. Essa é a maneira habitual de começar um relato sobre um dos profetas bíblicos. Deus os usava para transmitir suas palavras e mensagens a Israel, especialmente em tempos de crise. Não obstante, já no versículo 2, os leitores originais devem ter percebido que essa era uma narrativa profética diferente de qualquer outra que já tinham ouvido antes. Deus chamara Jonas e dissera para ele: "vai a Nínive, aquela grande cidade, e proclama…". Isso era algo impressionante sob vários aspectos.

Primeiro, era chocante por ser um chamado para um profeta hebreu deixar Israel e sair em busca de uma cidade gentia. Até então, os profetas haviam sido enviados apenas para o povo de Deus. Embora Jeremias, Isaías e Amós tenham proferido uns poucos oráculos proféticos dirigidos a nações pagãs, foram todos breves, e nenhum desses profetas foi enviado para pregar de fato às nações. A missão de Jonas era algo sem precedentes.

Ainda mais chocante era o fato de que o Deus de Israel quisesse avisar Nínive, capital do Império Assírio, da desgraça iminente. A Assíria foi um dos impérios mais cruéis e violentos dos tempos antigos. Os reis assírios frequentemente registravam os resultados de suas vitórias militares, regozijando-se com satisfação maligna diante de planícies inteiras forradas de cadáveres e de cidades totalmente incendiadas até o chão. O imperador

Salmaneser III é notório por retratar, nos mais horrendos detalhes, atos de tortura, desmembramento e decapitações de inimigos em grandes painéis de pedra esculpidos em alto-relevo. A história da Assíria é "tão sangrenta e sanguinária quanto ouvimos".[2] Depois de capturar inimigos, os assírios normalmente cortavam-lhes as pernas e um braço, e deixavam o outro braço para poderem cumprimentar a vítima, apertando-lhe a mão com escárnio, enquanto ela morria. Forçavam os familiares das vítimas a desfilar carregando a cabeça de seus entes queridos espetadas no alto de estacas de madeira. Arrancavam a língua dos prisioneiros e esticavam seus corpos com cordas para poderem ser esfolados vivos e ter a pele exposta nas muralhas da cidade. Queimavam adolescentes vivos.[3] Aqueles que sobreviviam à destruição de sua cidade estavam fadados a suportar formas cruéis e violentas de escravidão. Os assírios foram chamados de "estado terrorista".[4]

O Império Assírio começou a cobrar pesados tributos de Israel durante o reinado de Jeú (842-815 a.C.) e continuou a ameaçar o Reino do Norte durante toda a vida de Jonas. Em 722 a.C., finalmente os assírios invadiram e destruíram o Reino do Norte de Israel e sua capital, Samaria.

E, apesar disso tudo, essa nação foi alvo da obra missionária de Deus. Embora Deus tenha dito a Jonas para "proclamar contra" a cidade por causa de sua iniquidade, não haveria razão para lhes enviar um aviso, a não ser que houvesse uma chance de evitarem o juízo, como bem sabia Jonas (4.1,2). Entretanto, como um Deus bom podia dar a uma nação como essa a mais mísera das chances que fosse de experimentar sua misericórdia? Por que cargas d'água Deus estava ajudando os inimigos de seu povo?

Talvez o elemento mais surpreendente dessa narrativa tenha sido quem Deus escolhera enviar. Foi "Jonas, filho de Amitai". Nenhuma informação antecedente nos é dada indicando que ele dispensava apresentações. O texto de 2Reis 14.25 nos diz que Jonas ministrou durante o reinado de Jeroboão II (786-746 a.C.), rei de Israel. Nesse mesmo texto, aprendemos que, ao contrário dos profetas Amós e Oseias, os quais criticavam a administração real por sua injustiça e infidelidade, Jonas havia apoiado a política militar agressiva de Jeroboão para ampliar o poder e a influência da nação. Os leitores originais do livro de Jonas deviam se lembrar dele como alguém intensamente patriota, um nacionalista altamente combativo.[5] E devem ter ficado surpresos com o fato de Deus enviar um homem assim para pregar às pessoas a quem ele mais temia e odiava.

Nada relacionado a essa missão fazia o menor sentido. De fato, parecia quase uma trama maligna. Se algum israelita tivesse tido essa ideia, ele teria sido no mínimo marginalizado, e, na pior das hipóteses, executado. Como Deus podia ter pedido a alguém para trair os interesses de seu país dessa maneira?

Rejeitando o chamado de Deus

Em uma paródia deliberada do chamado: "Levante-se, vai a Nínive", que Deus fizera a Jonas, ele "levantou-se" e partiu na direção oposta (v. 3). Acredita-se que Társis ficava no ponto mais afastado da margem ocidental do mundo então conhecido pelos israelitas.[6] Em resumo, Jonas fez exatamente o oposto do que Deus lhe dissera para fazer. Chamado a ir para o leste, ele foi para o oeste. Orientado a viajar por terra, ele foi por mar. Enviado para uma cidade grande, ele comprou uma passagem só de ida para o fim do mundo.

Por que ele rejeitou o chamado de Deus? Devemos aguardar as próprias palavras de Jonas, no final do livro, para uma explicação completa das razões e dos motivos dele. Nesse momento, porém, o texto nos convida a fazer algumas suposições. Podemos perfeitamente imaginar que Jonas pensou que a missão não fazia sentido, nem em termos práticos, nem teológicos.

Deus descreve Nínive, tanto aqui quanto mais a adiante, como aquela "grande" cidade, o que de fato era. A cidade era uma potência militar e cultural. Por que a população ouviria alguém como Jonas? Quanto tempo, por exemplo, um rabino judeu duraria, em 1941, se saísse pelas ruas de Berlim e pedisse aos nazistas da Alemanha que se arrependessem? Falando em termos bem práticos, suas perspectivas de sucesso eram nulas, e as chances de ser morto, altíssimas.

Jonas também não teria sido capaz de enxergar qualquer justificativa de caráter teológico para essa missão. Anos antes, Naum havia profetizado que Deus destruiria Nínive por sua maldade.[7] Jonas e Israel teriam aceitado essa profecia de Naum como algo que fazia todo sentido. Afinal, não era Israel o povo amado e escolhido por Deus, por meio de quem estava cumprindo seus propósitos no mundo? E Nínive não era um povo iníquo que vivia em rota de colisão com o Senhor? A Assíria, por sua vez, não era uma nação

extraordinariamente violenta e opressora, mesmo para o seu tempo? É claro que Deus a destruiria — isso era óbvio e (conforme Jonas teria pensado) já estava decidido. Por que, então, esse chamado para Jonas? Uma missão bem-sucedida em Nínive não iria apenas destruir as promessas do próprio Deus para Israel e provar que Naum era um falso profeta? Que justificativa possível, então, poderia haver para essa missão?

Duvidando de Deus

Jonas, portanto, tinha problemas com a missão que recebera. Contudo, tinha um problema maior ainda com aquele que lhe dera a missão.[8] E como não conseguia enxergar uma boa razão para a ordem que recebera de Deus, Jonas concluiu que não poderia haver nenhuma. Ele duvidou da bondade, da sabedoria e da justiça de Deus.

Todos já tivemos essa experiência. Nós nos sentamos no consultório médico atordoados com o resultado da biópsia. Nós nos desesperamos e tememos jamais encontrar um emprego decente, depois que a última tentativa foi frustrada. Nós nos perguntamos por que o relacionamento romântico aparentemente perfeito — aquele que sempre quisemos e que nunca pensamos ser possível — ruiu e se esgotou. E, então, pensamos: se Deus existe, ele não sabe o que está fazendo! Mesmo quando passamos das circunstâncias de nossa vida para o ensino da própria Bíblia, ela parece, sobretudo na ótica das pessoas desses tempos modernos, estar repleta de afirmações que não fazem muito sentido.

Quando isso acontece, temos de decidir: Deus sabe o que é melhor ou somos nós que sabemos? Um aspecto comum do coração humano sem Deus é sempre decidir que somos *nós* que sabemos. Duvidamos de que Deus é bom, ou de que ele esteja comprometido em nos fazer felizes, e, portanto, se não conseguimos ver nenhuma boa razão para algo que Deus diz ou faz, presumimos que não haja nenhuma.

Foi exatamente isso que Adão e Eva fizeram no Éden. O primeiro mandamento divino foi: "E o SENHOR Deus ordenou ao homem: 'Você é livre para comer de qualquer árvore no jardim, mas não deve comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque quando comer dela certamente morrerá'" (Gn 2.16,17, NIV). Lá estava o fruto, e parecia muito "bom […] agradável[…] e desejável"(Gn 3.6, NIV), e Deus, no entanto,

não dera nenhuma *razão* para explicar por que seria errado comê-lo. Adão e Eva, assim como Jonas muitos anos depois, decidiram que, se não conseguiam pensar em um bom motivo para uma ordem de Deus, é porque não havia nenhum. Não puderam confiar que Deus estava pensando no que era melhor para eles. E, então, comeram.

Duas maneiras de fugir de Deus

Jonas foge de Deus. Contudo, se por um momento nos afastarmos e olharmos o livro como um todo, Jonas nos ensinará que existem duas estratégias diferentes para fugir de Deus. Paulo descreve isso em Romanos 1 a 3.

Primeiro Paulo fala daqueles que, de modo claro, rejeitaram abertamente a Deus e "se encheram de todo tipo de maldade, ganância e depravação" (Rm 1.29, NIV). No capítulo 2, no entanto, ele fala daqueles que procuram seguir a Bíblia. "Você confia na lei e se vangloria […] em Deus […]. Você conhece a sua vontade e aprova o que é superior, porque é instruído pela lei" (Rm 2.17,18, NIV). Então, depois de ter olhado para gentios pagãos e imorais, bem como para judeus virtuosos que acreditam na Bíblia, Paulo chega à notável conclusão de que "não há nenhum justo, nem um sequer […] Todos se desviaram" (Rm 3.10-12, NIV). Um grupo está tentando diligentemente seguir a lei de Deus, enquanto o outro a ignora; no entanto, Paulo diz que *ambos* se "desviaram". Ambos estão, de maneiras diferentes, fugindo de Deus. Todos sabemos da nossa capacidade de fugir de Deus nos tornando imorais e irreligiosos. Entretanto, Paulo está dizendo que também é possível evitar a Deus tornando-se uma pessoa *muito* religiosa e virtuosa.

O exemplo clássico nos evangelhos desses dois modos de fugir de Deus está em Lucas 15, a Parábola do Filho Pródigo.[9] O filho mais novo tentou escapar do controle do pai tomando sua herança, deixando o lar, rejeitando todos os valores morais do pai e vivendo como desejava. O filho mais velho ficou em casa e obedeceu inteiramente ao pai, todavia, quando o pai fez algo com a riqueza restante de que o mais velho não gostou, ele explodiu de raiva contra o pai. Nesse ponto, tornou-se óbvio que ele também não amava seu pai.

O irmão mais velho não estava obedecendo por amor, mas apenas como uma maneira, segundo ele pensava, de colocar o pai em dívida e obter controle sobre ele, de modo que, então, o pai tivesse de fazer o que o filho mais velho pedisse. Nenhum dos filhos confiava no amor do pai. Ambos estavam tentando encontrar maneiras de escapar de seu controle. Um fazia isso obedecendo todas as regras do pai; o outro, desobedecendo a todas elas.

Flannery O'Connor descreve um de seus personagens fictícios, Hazel Motes, como alguém que sabe que "a maneira de evitar Jesus era evitando o pecado".[10] Pensamos que, se formos religiosamente atentos às regras, virtuosos e bons, então cumprimos com nossas obrigações, por assim dizer. Agora Deus simplesmente não pode nos pedir nada — é ele que está em dívida conosco. Ele é obrigado a responder nossas orações e nos abençoar. Essa não é a postura de alguém que se move em direção a Deus em grata alegria, feliz submissão e em amor; pelo contrário, é um modo de controlar Deus e, como resultado, mantê-lo ao nosso alcance.

Esses dois modos de fugir de Deus partem da mentira de que não podemos confiar que ele está comprometido com nosso bem. Acreditamos que temos de forçar Deus a nos dar o que precisamos. Mesmo se estivermos obedecendo a Deus externamente, estamos fazendo isso não por ele, mas por nós mesmos. Se, ao procurarmos cumprir suas regras, Deus não parecer estar nos tratando como achamos que merecemos, então o verniz de moralidade e retidão pode entrar em colapso da noite para o dia. O distanciamento interior de Deus, que já vinha ocorrendo por um longo tempo, torna-se uma rejeição óbvia e externa. Ficamos furiosos com Deus e simplesmente nos afastamos.

No Antigo Testamento, o clássico exemplo dessas duas maneiras de fugir de Deus encontra-se bem aqui, no livro de Jonas. Este se revezou nos papéis, ora atuando como "filho mais novo", ora como "filho mais velho". Nos dois primeiros capítulos do livro, Jonas desobedece e foge do Senhor; contudo, arrepende-se e busca a graça de Deus, justamente como o filho mais novo, que sai de casa, mas retorna arrependido.

Nos dois últimos capítulos, no entanto, Jonas obedece ao mandamento de Deus para que fosse pregar a Nínive. Em ambos os casos, porém, ele está tentando obter o controle de tudo.[11] Quando Deus aceita o arrependimento dos ninivitas, Jonas explode em farisaica irritação —

exatamente como fez o filho mais velho em Lucas 15 — pela manifestação de graça e misericórdia por parte de Deus para com os pecadores.[12]

E é esse o problema que Jonas enfrenta, a saber, o mistério da misericórdia de Deus. É um problema teológico, mas, ao mesmo tempo, é um problema do coração. A menos que Jonas consiga enxergar o próprio pecado e veja a si mesmo como alguém que vive inteiramente pela misericórdia de Deus, ele nunca entenderá como Deus pode ser misericordioso para com pessoas más e ainda continuar sendo justo e fiel. A história de Jonas, com todas as suas reviravoltas, nos fala de como Deus conduz Jonas, às vezes pela mão, outras vezes pela nuca, para mostrar-lhe essas coisas.

Jonas foge e foge. Mas, apesar de ele usar várias estratégias, o Senhor está sempre um passo à frente. Deus também varia suas estratégias, e continuamente nos estende misericórdia de novas maneiras, mesmo que não entendamos nem mereçamos isso.

---

1 A tradução do livro de Jonas que uso ao longo de toda obra é derivada do meu próprio trabalho exegético e daqueles estudiosos com maior habilidade em hebraico do que eu. Mas é fortemente influenciada pelas ideias de Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible (New York: Doubleday, 1990); e Phyllis Trible, *Rhetorical criticism: context, method, and the book of Jonah* (Philadelphia: Fortress, 1994). Todas as citações do livro de Jonas, portanto, são traduzidas por mim. Todas as demais citações do restante da Bíblia são indicadas *in loco*.

2 Erika Bleibtreu, "Grisly Assyrian record of torture and death", *Biblical archaeology Review* January/February 1991, p. 52-61, citado em James Bruckner, *The NIV application commentary: Jonah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 28.

3 Bruckner, *The NIV application commentary*, p. 28-9.

4 Bruckner reúne três páginas de registros históricos do que ele denomina "negociações do terror" do Império Assírio, *The NIV application commentary*, p. 28-30.

5 Leslie C. Allen, *The books of Joel, Obadiah, Jonah, and Micah* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 202; Rosemary Nixon, *The*

message of Jonah (Downers Grove: InterVarsity Press, 2003,) p. 56-8.

6 Veja Allen, *The books of Joel, Obadiah, Jonah, and Micah*, p. 204-5.

7 A maioria dos estudiosos da Bíblia data a profecia de Naum antes de Jonas. Veja T. F. Glasson, "The final question in Nahum and Jonah," *Expository Times* 81 (1969): 54-5. Leslie Allen acrescenta que a hostilidade de Jonas para com Nínive é perfeitamente compreensível se nos lembrarmos "do impacto religioso e psicológico da antiga capital assíria sobre uma comunidade que recebeu o livro de Naum como parte de sua herança religiosa" (Allen, *The books of Joel*, p. 190).

8 "[Como] em Jó, a lição relevante [do livro de Jonas] é sobre a incapacidade de os mortais entenderem, quanto mais de julgar, seu Deus". Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation, with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible (New York: Doubleday, 1990), p. 351.

9 Para uma exposição dessa parábola, veja Timothy Keller, *The prodigal God: recovering the heart of the Christian faith* (New York: Dutton, 2008) [edição em português: *O Deus pródigo: recuperando a essência da fé crista* (São Paulo: Vida Nova, 2018)]. Eu uso a palavra "pródigo" em seu sentido mais original de ser "imprudentemente extravagante". Enquanto o irmão mais novo é assim esbanjador com dinheiro, o pai mostra-se extravagante com sua graça.

10 Flannery O'Connor, *Wise blood: a novel* (New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990), p. 22. Trato com mais profundidade do uso da religião para evitar Deus no capítulo 3, "Redifining sin" [Redefinindo o pecado], em *The prodigal God*, p. 34-54.

11 "Jonas efetivamente vê a si mesmo como Deus, e transforma o verdadeiro Deus em um elemento dentro de uma equação maior que o próprio Jonas deseja controlar". Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2011), p. 144.

12 Timmer ressalta que, como Jonas já tinha sido o "irmão mais novo" e pedido perdão, essa recaída para o papel do irmão mais velho é ainda mais chocante. "Jonas quer receber a graça de Deus sem ser transformado por ela e, ao mesmo tempo, quer sonegá-la àqueles cujas vidas *são* de fato transformadas por ela". Timmer, *Gracious and compassionate God*, p. 133.

DOIS

AS TEMPESTADES DO MUNDO

Ele desceu a Jope e, achando um navio que ia para Társis, pagou a passagem e entrou, para seguir nele até Társis, para longe da face do SENHOR. Mas o SENHOR lançou sobre o mar um grande vento, e houve uma tempestade tão grande que acharam que o navio se partiria (Jn 1.3b,4).

Jonas foge de Deus, este, porém, não o deixa escapar. O Senhor "*lançou sobre o mar um grande vento*" (v. 4). O verbo "lançou" é frequentemente usado para descrever a ação de atirar uma arma como uma lança (1Sm 18.11). A imagem de Deus lançando uma poderosa tempestade sobre o mar, ao redor do barco de Jonas, é bem vívida. Era um vento "grande" (*gedola*) — a mesma palavra usada para descrever a cidade de Nínive. Se Jonas se recusa a ir para a grande cidade, ele se verá dentro de uma grande tempestade. A partir daí, notícias desanimadoras e reconfortantes chegam até nós.

As tempestades vinculadas ao pecado

A notícia desanimadora é que todo ato de desobediência a Deus tem uma tempestade vinculada a si. Esse é um dos grandes temas da literatura sapiencial do Antigo Testamento, especialmente no livro de Provérbios. Temos de ser cautelosos aqui. Isso não quer dizer que toda dificuldade que aconteça em nossa vida é a punição por algum pecado específico. O livro inteiro de Jó contradiz a crença comum de que pessoas boas terão uma vida em que tudo corre bem e de que, se a sua vida está indo mal, a culpa deve ser sua. A Bíblia não diz que toda dificuldade é consequência do pecado — em contrapartida, ela de fato ensina que todo pecado lhe trará dificuldades.

Não podemos tratar nosso corpo com pouco caso e ainda esperar ter boa saúde. Não podemos tratar as pessoas com indiferença e esperar manter a amizade delas. Não podemos todos colocar nossos interesses egoístas à frente do bem comum e ainda ter uma sociedade funcional. Se violarmos o desígnio e o propósito das coisas — se pecarmos contra nosso corpo, nossos relacionamentos ou a sociedade —, eles nos atacarão de volta. Há consequências. Se violamos as leis de Deus, estamos violando nosso próprio desígnio, visto que Deus nos criou para conhecê-lo, servi-lo e amá-lo. A Bíblia fala algumas vezes sobre o fato de Deus punir o pecado ("O Senhor detesta todos os orgulhosos de coração [...] Eles não ficarão impunes" [Pv 16.5, NIV]), mas também fala algumas outras vezes do próprio pecado nos punindo ("A violência dos ímpios os arrastará, porque se recusam a fazer o que é certo" [Pv 21.7, NIV]). As duas coisas são verdadeiras, ao mesmo tempo. Todo pecado tem uma tempestade vinculada a si mesmo.

Derek Kidner, um estudioso do Antigo Testamento, escreve: "O pecado [...] gera tensões na estrutura da vida que só podem terminar em colapso".[1] Falando de forma mais abrangente, mentirosos também ouvem mentiras, quem ataca também sofre ataques e aquele que vive pela espada também morre por meio dela. Deus nos criou para vivermos para ele mais do que para qualquer outra coisa, de modo que existe uma "predisposição" espiritual vinculada à nossa vida. Se edificarmos nossa vida e seu sentido em algo além de Deus, estaremos agindo contra a natureza do universo, de nosso próprio *design* e, portanto, de nosso próprio ser.

Vemos no texto que os resultados da desobediência de Jonas são imediatos e dramáticos. Há uma grande tempestade dirigida diretamente a Jonas. A maneira súbita como ela surge e sua fúria são aspectos que até mesmo os marinheiros pagãos conseguem discernir como algo de origem sobrenatural. No entanto, isso não é comum. As consequências do pecado são geralmente mais parecidas com a reação física que alguém sente diante de uma dose debilitante de radiação. A pessoa não sente dor de imediato, no exato momento que é exposta à radiação. Não é como se estivesse sendo atravessada por uma bala de revólver ou uma espada. A pessoa se sente absolutamente normal. Só mais tarde apresentará sintomas, mas aí já será tarde demais.

O pecado é um ato suicida que a vontade comete sobre si mesma. É como tomar uma droga viciante. No começo, pode parecer maravilhoso,

todavia, a cada vez que se toma, fica mais difícil não tomar novamente. Eis aqui um simples exemplo. Quando você se entrega a pensamentos amargos, é muito gratificante fantasiar sobre uma vingança. Contudo, de modo vagaroso e certo, isso ampliará sua capacidade de sentir pena de si mesmo, corroerá sua capacidade de confiar nos outros e de desfrutar de relacionamentos e, em geral, drenará toda a felicidade de sua vida cotidiana. O pecado sempre endurece a consciência, aprisiona a pessoa em sua própria masmorra de defensivas e racionalizações e a consome lentamente por dentro.

Todo pecado tem uma tremenda tempestade vinculada a si. É uma metáfora poderosa porque, mesmo vivendo em uma sociedade tecnologicamente avançada, não podemos controlar o clima. Não se pode subornar uma tempestade ou confundi-la com lógica e retórica. A Bíblia diz: "… estarão pecando contra o Senhor, e podem ter certeza de que não escaparão de seu pecado" (Nm 32.23, NIV).

Tempestades vinculadas a pecadores

A notícia desanimadora é que o pecado sempre tem uma tempestade vinculada a si; todavia, também há notícias reconfortantes. Para Jonas, a tempestade foi consequência de seu pecado; contudo, os marinheiros também foram pegos por ela. Na maioria das vezes, as tempestades da vida surgem não em consequência de um pecado específico, mas por consequência inevitável de vivermos em um mundo caído e conturbado. Tem sido dito que "o homem nasce para as dificuldades tão certamente quanto as fagulhas voam para cima" (Jó 5.7, NIV); portanto, o mundo está cheio de tempestades destrutivas. No entanto, como veremos, essa tempestade leva os marinheiros a uma fé genuína no Deus verdadeiro, mesmo não tendo sido causada por culpa deles. O próprio Jonas começa sua jornada para entender a graça de Deus sob uma nova ótica. Quando tempestades entram em nossa vida, quer em consequência de nossos erros, quer não, os cristãos têm a promessa de que Deus as usará para o bem deles (Rm 8.28).

Quando Deus quis transformar Abraão em um homem de fé que pudesse ser o pai de todos os fiéis na terra, ele o fez passar anos vagando, tendo apenas promessas aparentemente não cumpridas. Quando Deus quis

transformar José de um adolescente arrogante e profundamente mimado em um homem de caráter, ele o fez passar por anos de rude trato. Ele teve de experimentar a escravidão e a prisão, antes de poder salvar seu povo. Moisés teve de se tornar um fugitivo e passar quarenta anos na solidão do deserto, antes de poder liderar seu povo.

A Bíblia não diz que toda dificuldade é consequência de nosso pecado — no entanto, de fato ensina que toda dificuldade, para nós, cristãos, pode ajudar a reduzir o poder do pecado sobre nosso coração. As tempestades podem nos acordar para verdades que, de outra forma, jamais enxergaríamos. Podem desenvolver em nós fé, esperança, amor, paciência, humildade e autocontrole como nada mais pode. E inúmeras pessoas já testemunharam ter encontrado a fé em Cristo e a vida eterna apenas porque alguma grande tempestade as levou até Deus.

Mais uma vez, porém, devemos trilhar o caminho com cuidado. Os primeiros capítulos de Gênesis ensinam que Deus não criou o mundo nem a raça humana para o sofrimento, a doença, os desastres naturais, o envelhecimento e a morte. O mal entrou no mundo quando nos afastamos de Deus. Deus atou de tal maneira seu coração a nós que, quando ele vê o pecado e o sofrimento no mundo, seu coração se enche de dor (Gn 6.6, NCV), e "em toda [nossa] aflição ele também se afligiu" (Is 63.9, ESV) Deus não pode ser comparado a um jogador de xadrez que nos move casualmente como peças em um tabuleiro. Não é claro para nós, senão anos mais tarde, se é que fica claro nesta vida, o bem que Deus estava realizando em meio às dificuldades que sofremos.

Como Deus trabalha por meio de tempestades

No entanto, por mais difícil que seja discernir os propósitos amorosos e sábios de Deus por trás de muitas de nossas tribulações e dificuldades, seria ainda mais difícil imaginar que ele não tivesse controle sobre elas ou que nossos sofrimentos fossem aleatórios e sem sentido.

Jonas não conseguia enxergar que, bem no fundo do terror da tempestade, a misericórdia de Deus estava em ação, atraindo-o de volta para transformar seu coração. Não é surpreendente que Jonas não tenha percebido isso inicialmente. Ele não sabia como Deus viria ao mundo para

nos salvar. Nós, porém, que vivemos deste outro lado da cruz, sabemos que Deus pode salvar por meio de fraqueza, sofrimento e aparente derrota. Aqueles que presenciaram Jesus morrendo não viram nada além de perda e tragédia. Entretanto, nas entranhas daquela escuridão, a misericórdia divina operava poderosamente, trazendo-nos perdão e remissão. A salvação de Deus veio ao mundo por meio do sofrimento, portanto, sua graça e seu poder salvador podem operar em nossa vida cada vez mais, à medida que passamos por dificuldades e tristezas. Há misericórdia nas profundezas de nossas tempestades.

---

1 Derek Kidner, *Proverbs: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1964), p. 80 [edição em português: *Provérbios, introdução e comentário*, tradução de Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova, 1980)].

TRÊS

QUEM É MEU PRÓXIMO?

> *Então, os marinheiros ficaram aterrorizados e clamaram cada um a seus deuses. E lançaram no mar o equipamento que estava no navio para deixá-lo mais leve. Mas Jonas desceu ao porão do navio, deitou-se e caiu num sono profundo. O capitão dos marinheiros aproximou-se dele e disse: "Como tu podes ficar dormindo? Levante-se, clame ao teu deus! Talvez ele nos seja favorável, para que não pereçamos"* (Jn 1.5,6).

O livro de Jonas é dividido em duas metades simétricas — o relato de quando Jonas foge de Deus e, depois, o relato de sua missão em Nínive. Cada metade é dividida em três seções: a palavra de Deus para Jonas; depois, seu encontro com os gentios pagãos; e, finalmente, o diálogo de Jonas com Deus. Por duas vezes, então, Jonas se vê em um encontro bem próximo com pessoas que são diferentes dele no que diz respeito a raça e religião. Em ambas as ocasiões, seu comportamento é de desdém e nada útil, enquanto todos os pagãos têm sistematicamente uma atitude mais admirável do que a dele. Essa é uma das principais mensagens do livro, a saber, que Deus se importa com o modo que nós, crentes, nos relacionamos e tratamos pessoas que são profundamente diferentes de nós.

Em geral, aqueles que pregam e ensinam sobre o livro de Jonas negligenciam essas seções, exceto, talvez, para observar que devemos nos dispor a levar o evangelho a terras estrangeiras. Isso certamente é verdade, mas deixa escapar o sentido mais profundo das interações de Jonas com os pagãos. Deus quer que tratemos pessoas de diferentes raças e de outras crenças de forma respeitosa, amorosa, generosa e justa.

Jonas e os marinheiros

Jonas rejeitou o chamado de Deus para pregar a Nínive. Ele não queria falar com os pagãos sobre Deus nem os levar a crer nele. Então, Jonas fugiu — apenas para se deparar falando de Deus justamente para o mesmo tipo de pessoas de quem estava fugindo!

Quando a violenta tempestade começou, "os marinheiros ficaram aterrorizados" (v. 5). Eles eram marinheiros experientes, acostumados a enfrentar o mau tempo; portanto, essa deve ter sido uma tempestade excepcionalmente aterrorizante. Ainda assim, Jonas encontra-se no porão do navio, dormindo profundamente. Hugh Martin, ministro escocês do século 19, diz que Jonas estava dormindo "o sono da aflição". Muitos sabem exatamente o que é isso: o desejo de escapar da realidade por meio do sono, ainda que por pouco tempo.[1] Ele estava profundamente extenuado e exausto, esgotado por intensos sentimentos de raiva, culpa, ansiedade e tristeza.

Esse é um dos vários contrastes cuidadosamente mostrados entre os desprezíveis marinheiros pagãos e o moralmente respeitável profeta de Israel. Enquanto Jonas está totalmente alheio ao perigo, os marinheiros estão extremamente alertas. Enquanto Jonas está completamente absorvido por seus próprios problemas, os marinheiros estão buscando o bem de todos que estão no barco. Eles oram, cada um para seu próprio deus, embora Jonas não ore para seu Deus. Eles também estão espiritualmente conscientes o bastante para perceber que não era apenas uma tempestade qualquer, mas uma de intensidade peculiar. Talvez, pela forma súbita com que surgiu, tenha parecido não atribuível a forças naturais. Eles são astutos o suficiente para concluir que a tempestade é de origem divina, possivelmente em resposta ao grave pecado de alguém.[2] Por fim, eles não têm mentalidade estreita nem intolerante. Estão abertos a invocar o Deus de Jonas. Na verdade, eles estão mais prontos a fazer isso do que o próprio Jonas.

Quando o capitão encontra o profeta adormecido, ele diz: "Levante-se, clame…!" (no hebraico, *qum lek*, v. 6), as mesmas palavras que Deus usou ao chamar Jonas para se levantar e ir a Nínive, a fim de chamá-los ao arrependimento.[3] Mas, enquanto Jonas esfrega os olhos, há um marinheiro gentio em *cuja* boca estão as próprias palavras de Deus. Mas o que é isso, afinal? Deus enviara seu profeta para direcionar os pagãos para si mesmo. No entanto, agora são os pagãos que estão direcionando o profeta a Deus.

Os marinheiros continuam a agir de maneira louvável. Discernindo que há pecado humano e uma mão divina por trás da tempestade, eles lançam sortes. Lançar sortes para discernir a vontade divina era algo bastante comum nos tempos antigos. É possível que o nome de cada homem tenha sido colocado em um pedaço de madeira, e o escolhido foi o de Jonas.[4] Deus usou o lançar sortes, nesse caso, para apontar o dedo para Jonas. No entanto, mesmo agora, quando parecem ter orientação divina, os marinheiros não entram em pânico nem o agarram imediatamente com raiva. Eles não presumem que agora tenham uma autorização para matá-lo. Em vez disso, cuidadosamente colhem suas provas e seu testemunho para tomar a decisão certa. Demostram o maior respeito para com ele e seu Deus. Mesmo quando Jonas propõe que o joguem ao mar, eles fazem todo o possível para evitar isso. Em cada passo, eles superam Jonas.

Nessa parte da história, há muita coisa que o autor quer que vejamos. O que Jonas deveria estar aprendendo — e o que nós devemos aprender?

Em busca do bem comum

Primeiro, aprendemos que pessoas de fora da comunidade da fé têm o direito de avaliar a igreja no que concerne a seu compromisso com o bem de todos.

Os marinheiros estão em perigo. Eles usaram a tecnologia e os recursos religiosos de que dispunham, mas não foi suficiente. Pressentiram que não poderiam ser salvos sem a ajuda de Jonas, mas ele não estava fazendo nada para ajudá-los. E, assim, temos essa imagem memorável do capitão pagão repreendendo o santo profeta de Deus. Hugh Martin pregou um sermão sobre esse texto intitulado "O mundo repreendendo a igreja"[5]; ele concluiu que Jonas merecia isso e que, em grande medida, a igreja hoje também merece.

Por que o capitão está repreendendo Jonas? Porque Jonas não está interessado em seu bem comum. O capitão está lhe dizendo: "Você não consegue ver que estamos prestes a morrer? Como pode ficar tão alheio a nossa necessidade? Eu sei que você é um homem de fé. Por que não está usando sua fé para o bem público?". Jacques Ellul escreve:

> Esses marinheiros de Jope […] são pagãos, ou, em linguagem moderna, não cristãos. Mas […] a sorte de não cristãos e cristãos está […] ligada; eles estão no mesmo barco. A segurança de todos depende do que cada um faz […]. Eles encontram-se na mesma tempestade, sujeitos ao mesmo perigo, e querem o mesmo desfecho […] e esse navio tipifica nossa situação.[6]

Todos nós — crentes e descrentes — estamos "no mesmo barco". (Esse velho ditado nunca foi tão verdadeiro do que no caso de Jonas!) Se uma comunidade é flagelada por crimes ou problemas de saúde, pela falta de água ou perda de empregos; se sua economia e sua ordem social é afetada, estamos todos no mesmo barco. Por um momento, Jonas vive na mesma "vizinhança" com esses marinheiros, e a tempestade que ameaça uma pessoa ameaça a comunidade toda. Jonas fugiu porque *não* queria trabalhar pelo bem dos pagãos — queria servir exclusivamente aos interesses dos crentes. Mas o Senhor lhe mostra que é o Deus de todas as pessoas, e Jonas precisa ver a si mesmo como parte da comunidade humana inteira, e não apenas como membro de uma comunidade de fé.

Este não é um argumento meramente pragmático: "É melhor os crentes ajudarem os descrentes ou as coisas não correrão bem para eles". A Bíblia diz que temos algo em comum com todas as pessoas: a nossa humanidade, pois somos feitos à imagem de Deus e infinitamente preciosos para ele (Gn 9.6; Tg 3.9).

O capitão insiste enfaticamente para que Jonas faça o que puder por todos eles. Evidentemente, ele não tem uma ideia exata sobre quem é o Deus de Jonas. Provavelmente está esperando apenas que Jonas faça uma oração a algum ser sobrenatural poderoso. No entanto, como argumenta Hugh Martin, a crítica ainda assim é verdadeira. Jonas não está usando todos os recursos de sua fé de forma solidária ao sofrimento de seus concidadãos humanos. E não está dizendo a eles como ter um relacionamento com o Deus do universo. Nem está ele, com base em seus recursos espirituais em Deus, simplesmente amando seu próximo ou servindo a suas necessidades práticas. Deus ordena a todos os crentes que façam ambas as coisas, mas Jonas não está fazendo nenhuma delas. Sua fé particular não traz nenhum bem público.

Alguém pode fazer uma objeção, alegando que o mundo não tem direito de repreender a igreja; porém, existe respaldo bíblico para fazer precisamente isso. No Sermão do Monte, Jesus disse que o mundo veria as

boas obras dos crentes e glorificaria a Deus (Mt 5.16). O mundo não verá quem é o nosso Senhor se não vivermos como deveríamos. Como diz certo livro, somos: "A igreja diante dos olhos observadores do mundo".[7] E merecemos a crítica do mundo se, como igreja, não demonstrarmos amor visível por meio de ações práticas. Assim, o capitão tinha todo o direito de repreender um crente que permanecia alheio aos problemas das pessoas ao seu redor e não fazia nada por elas.

Reconhecendo a graça comum

Também compreendemos que os crentes devem respeitar e aprender com a sabedoria que Deus concede àqueles que não são crentes. Os marinheiros pagãos fornecem um perfil concreto do que os teólogos chamam de "graça comum".

> [Nesse] episódio, a esperança, a justiça e a integridade não estão com Jonas […] mas, sim, com o capitão e os marinheiros […]. Embora sejam vítimas inocentes, os marinheiros nunca reclamam de injustiça. Quando se veem em uma situação perigosa que não foi criada por eles, procuram resolvê-la para o bem de todos. Nunca caem em autopiedade, nem repreendem um deus irado […], nem condenam um mundo arbitrário, nem alvejam o culpado Jonas por vingança, nem promovem a violência em resposta.[8]

A doutrina da graça comum é o ensinamento de que Deus concede dons como sabedoria, discernimento moral, virtude e beleza a toda a humanidade, independentemente de raça ou crença religiosa. Tiago 1.17 diz: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, procedendo do Pai das luzes celestiais" (NIV). Ou seja, em última análise, é Deus quem capacita todo ato de bondade, sabedoria, justiça e beleza — não importa quem o pratique. Isaías 45.1 fala de Ciro, um rei pagão a quem Deus unge e usa para liderança mundial. Isaías 28.23-29 nos diz que, quando um fazendeiro produz muitos frutos, foi Deus quem o ensinou a fazer assim.

Isso significa que todas as grandes e admiráveis expressões artísticas, todo cultivo competente da terra, todos os governos eficazes e avanços científicos são dons de Deus para a raça humana. São imerecidos, são presentes da misericórdia e da graça de Deus. Eles também são "comuns". Ou seja, são distribuídos para toda e qualquer pessoa. Não há indicação de que o monarca ou o fazendeiro mencionado em Isaías tenham aceitado

Deus pela fé. A graça comum não regenera corações, não salva almas, tampouco cria relacionamentos pessoais de aliança com Deus. No entanto, sem ela, o mundo seria um lugar intolerável para viver. Ela é uma expressão maravilhosa do amor de Deus por todas as pessoas (Sl 145.14-16).

Certamente Jonas deparava-se frente a frente com a graça comum. Ele próprio era recebedor da chamada "graça especial". Havia recebido a Palavra de Deus, uma revelação de sua vontade não acessível à razão nem à sabedoria humana, por maior que fossem. Jonas seguia o Senhor, o verdadeiro Deus. Então, como era possível que os pagãos superassem Jonas? A graça comum significa que os incrédulos frequentemente agem de forma mais justa do que os crentes, apesar de sua falta de fé; enquanto os crentes, tomados pelo pecado remanescente, frequentemente agem de forma muito pior do que a crença correta que eles têm em Deus nos levaria a esperar. Tudo isso significa que os cristãos devem ser humildes e respeitosos para com aqueles que não compartilham sua fé. Eles devem apreciar as obras praticadas por todas as pessoas, com a consciência de que os incrédulos têm muitas coisas a lhes ensinar. Jonas está aprendendo isso da maneira mais difícil.

Quem é meu próximo?

Essas duas reflexões sobre a importância da graça comum e do bem comum são ensinadas na famosa Parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus (Lc 10.25-37). Jesus toma a exortação "ame o seu próximo", aparentemente trivial, e confere a ela a definição mais radical possível. Ele nos diz que todos os necessitados, incluindo aqueles pertencentes a outras raças e crenças, são o nosso próximo. Também nos mostra que a maneira de "amar" nosso próximo não é meramente por meio de sentimentos, mas de ações práticas, sacrificiais, custosas, que visam a atender às suas necessidades materiais e econômicas.

O texto indica que Jonas resistiu a fazer qualquer coisa que fosse ou até mesmo a falar com os marinheiros pagãos. Jonas, o mau profeta, é o oposto do bom samaritano. Ele não se preocupa com o "bem comum", e não nutre nenhum respeito pelos descrentes ao seu redor. No livro de Tiago, no Novo Testamento, o autor argumenta que, se você diz ter um relacionamento com Deus baseado em sua graça, e vê alguém "que não tem roupas nem o

alimento de cada dia" (Tg 2.15, NIV), mas nada faz a respeito, você apenas prova que sua fé está "morta" — é irreal (v. 17).[9] É por isso que Tiago pode dizer: "O juízo sem misericórdia será exercido sobre qualquer um que não tenha sido misericordioso" (v. 13, NIV). A falta de misericórdia na atitude e nas ações de Jonas em relação aos outros revela que seu coração não conhecia a misericórdia nem a graça salvadora de Deus.

---

1 Hugh Martin, "The prayer of terror and the sleep of sorrow in the storm", in: *A commentary on Jonah* (Edinburgh: Banner of Truth, 1958), p. 91.

2 Leslie C. Allen, *The books of Joel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 207.

3 Allen, *The books of Joel*, p. 207-8.

4 Phyllis Trible, "Jonah", *The new interpreter's Bible, volume seven: introduction to apocalyptic literature, Daniel, the twelve prophets* (Nashville: Abingdon Press, 1996), p. 498. Veja tb. Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation with introduction, commentary, and interpretation*, *The Anchor Bible* (New York: Doubleday, 1990), p.110-1.

5 Martin, "The world rebuking the church", *Commentary on Jonah*, p. 94-107.

6 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans,1971), p. 29.

7 Francis Schaeffer, *The church before the watching world* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1971).

8 Phyllis Trible, "Jonah", in: *The new interpreter's Bible*, vol. 7, p. 502.

9 Nesses versículos, Tiago está se referindo à misericórdia em relação a crentes pobres (veja o v. 15: "irmão ou irmã"). Assim, nesse caso, Tiago está dizendo que o sinal de que somos salvos pela graça é que tomamos medidas práticas para aliviar o sofrimento dos pobres na comunidade cristã. Esse texto precisa ser colocado ao lado de Gálatas 6.10, versículo em que Paulo diz aos cristãos para que "façamos o bem" (dar ajuda prática) "a todos, especialmente aos da família da fé" (NIV). Em outras palavras, a compaixão pelas necessidades econômicas e materiais de todas as pessoas, mas especialmente de pessoas de dentro da igreja, é uma das marcas da verdadeira fé.

QUATRO
ACEITANDO O OUTRO

E disseram uns aos outros: "Venham, vamos lançar sortes para que possamos saber quem é responsável por esta calamidade que se abateu sobre nós". Então, eles lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. E disseram-lhe: "Fala-nos, tu que és responsável por este mal que veio sobre nós. Qual é a tua missão e de onde vens? Qual é o teu país e a que povo pertences?". Ele lhes disse: "Eu sou hebreu, e o SENHOR, o Deus dos céus, que fez o mar e a terra — é a ele que temo". Então, os homens foram tomados por um grande temor e — depois que Jonas admitiu que estava fugindo da face do Senhor — disseram a ele: "Como podes ter feito isto!" (Jn 1.7-10).

Quem és tu?

Os marinheiros chegam à conclusão de que a tempestade era um castigo pelo pecado e lançam sortes para descobrir de quem seria a transgressão. Quando a sorte aponta-lhes Jonas, começam a bombardeá-lo com perguntas. Essencialmente, estavam lhe perguntando três coisas: qual era o seu propósito (*Qual é a tua missão?*), de onde ele era (*De onde vens? Qual é o teu país?*) e de que raça ele era (*A que povo pertences?*).[1]

Essas são questões relacionadas à identidade. A identidade de cada pessoa envolve múltiplos aspectos. A pergunta "A que povo pertences?" sonda o aspecto social. Nós nos definimos não apenas como indivíduos, mas também por meio da comunidade (família, grupo racial, partido político) com a qual nos identificamos mais de perto. A pergunta "De onde vens?" aponta para o lugar e o espaço físico onde nos sentimos mais em casa, ao qual sentimos pertencer. "Qual é a tua missão?" explora o que pensamos sobre o sentido da vida. Todo mundo faz muitas coisas — trabalha, descansa, casa-se, viaja, cria —, mas *para que* estamos fazendo tudo isso?

Todas essas questões nos fornecem uma identidade, um senso de importância e segurança.

Há alguns anos conheci Mike. Quando lhe perguntei quem era, ele me disse que era um irlandês que morava nos EUA há vinte anos e que havia mudado para cá em busca de um bom emprego. Trabalhava na construção civil e, assim, conseguia sustentar e criar sua família, que era a "coisa mais importante de sua vida", foi o que Mike me disse. No entanto, esperava voltar à Irlanda algum dia, pois era lá que se sentia mais em casa. Também conheci seu filho, Robert, um advogado recém-formado que trabalhava para uma organização sem fins lucrativos que representava pessoas que viviam em moradias de baixa renda.

Utilizando perguntas sobre a missão, o lugar de onde viera e o povo a que pertencia, foi possível ver como houve uma mudança de identidade entre as gerações. A identidade de qualquer pessoa é formada por camadas. O trabalho de Robert era a camada mais fundamental de sua identidade. Ser um profissional instruído e fazer justiça aos pobres era o verdadeiro sentido de sua vida. Quando falei com ele na época, tinha pouco interesse em se casar ou constituir família, de tão dedicado que era em seu trabalho. Já no caso de Mike, em compensação, a camada mais fundamental de sua identidade não era o trabalho. Este era apenas uma fonte de renda para sua principal missão na vida, a saber, ser um bom provedor e criar sua família. Embora Robert valorizasse suas raízes irlandesas, não tinha a menor intenção de voltar para a Irlanda. Os EUA eram o seu lugar. Pai e filho tinham identidades compostas por uma missão, um lugar e uma raça, mas que eles ordenavam de maneira diferente.

Essas perguntas dos marinheiros revelam uma boa compreensão de como constituímos nossa identidade. Perguntar a alguém sobre seu propósito, o lugar de onde vem e o povo a que pertence é uma maneira perspicaz de perguntar: "Quem é você?".

De quem és?

Os marinheiros, no entanto, não estavam fazendo todas essas perguntas simplesmente para dar o direito de Jonas se explicar, como fazemos na cultura ocidental de hoje. O objetivo urgente deles era compreender o Deus que ficara irado para que pudessem decidir o que deveriam fazer. Nos

tempos antigos, todos os grupos raciais, todos os lugares e até mesmo todas as profissões tinham seus próprios deuses. Para descobrir a divindade que Jonas havia ofendido, eles não precisavam perguntar: "Qual é o nome do seu deus?". Tudo o que tinham de perguntar era quem Jonas era. Na mente deles, os fatores que compunham a identidade humana estavam indissociavelmente ligados àquilo que alguém adorava. Quem você era e o que adorava eram apenas os dois lados da mesma moeda. Essa era a camada mais fundamental da identidade de alguém.

Hoje, podemos ser tentados a dizer algo como: "As pessoas não acreditam mais em vários deuses e muitas vezes não acreditam nem mesmo em deus algum. Portanto, essa visão supersticiosa — de que sua identidade está arraigada àquilo que você adora — é irrelevante atualmente". Dizer isso é cometer um erro fundamental.

Os cristãos, não há dúvida, concordam com a ideia de que não existem seres sobrenaturais múltiplos, pessoais e conscientes ligados a cada profissão, lugar e raça. Não há nenhum deus romano chamado Mercúrio, o deus do comércio, a quem devemos queimar sacrifícios de animais. No entanto, ninguém duvida de que o lucro financeiro possa vir a se tornar um deus, objetivo final inquestionável tanto para indivíduos quanto para sociedades inteiras, algo ao qual pessoas, padrões morais, relacionamentos e comunidades são sacrificados. E, embora não exista nenhuma Vênus, a deusa da beleza, há, no entanto, um número incalculável de homens e mulheres obcecados pela imagem corporal ou escravizados pela ideia inatingível de total realização sexual.

Portanto, os marinheiros não estão errados em sua análise. A identidade de todo mundo provém de alguma coisa. Todos devem dizer a si mesmos: "Tenho importância por causa *disso*" e "Sou considerado aceitável porque sou acolhido por *eles*". Mas, seja lá o que *isso* for e quem quer que *eles* sejam, essas coisas se tornam na prática deuses para nós, e as verdades mais profundas sobre quem somos. Elas se tornam coisas que nós *temos* de ter sob quaisquer circunstâncias. Conversei recentemente com um homem que participou de reuniões nas quais uma instituição financeira decidiu investir em uma nova tecnologia. A portas fechadas, os indivíduos que estavam na sala admitiram que tinham sérias preocupações com o efeito dessa tecnologia sobre a sociedade. Eles achavam que ela eliminaria muitos empregos para cada novo emprego que gerasse e que poderia ser ruim para

os jovens que primeiramente a usassem. Mas desfazer o negócio significaria deixar bilhões de dólares sobre a mesa. E ninguém poderia sequer imaginar fazer isso. Quando o sucesso financeiro impõe lealdades que são incondicionais e que não podem ser questionadas, passa a funcionar como um objeto religioso, um deus, e até mesmo uma espécie de "salvação".[2]

Por que é assim? A Bíblia explica: fomos feitos à "imagem de Deus" (Gn 1.26,27). Não pode haver imagem sem que haja um original de quem essa imagem seja um reflexo. "Ser à imagem" significa que os seres humanos não foram criados para subsistirem de forma autônoma. Precisamos obter nosso sentido e nossa segurança de algo fora de nós mesmos que tenha valor supremo. Ser criado à imagem de Deus significa que devemos viver para o verdadeiro Deus ou iremos colocar algo no lugar de Deus e fazer nossa vida girar em torno disso.[3]

Os marinheiros sabiam que a identidade está sempre enraizada nas coisas para as quais olhamos em busca de salvação, nas coisas às quais prestamos fidelidade última. Perguntar: "Quem és tu?", é perguntar: "De quem és?". Saber quem você é significa saber a que você se entregou, o que o controla, no que você confia acima de tudo.

Identidade espiritualmente superficial

Jonas finalmente começa a falar. Quando estava no barco, ele se distanciou dos pagãos impuros o quanto pôde. Quando o capitão pede insistentemente para que ele ore ao seu Deus, Jonas responde com silêncio. Somente quando a sorte é lançada e o navio inteiro confronta Jonas, recebemos finalmente uma resposta do relutante profeta.

Embora a questão da raça apareça em último lugar na lista de perguntas, Jonas a responde primeiro. "Eu sou hebreu", diz ele antes de qualquer outra coisa. Em um texto com tão poucas palavras, é bastante significativo o fato de ele inverter a ordem e colocar sua raça em primeiro lugar, como a parte mais importante de sua identidade. Conforme vimos, a identidade tem vários aspectos ou camadas, dos quais alguns são mais fundamentais a uma pessoa do que outros. Como um estudioso disse certa vez: "Uma vez que Jonas se identifica primeiro sob o ponto de vista étnico, e só então sob o ponto de vista religioso, podemos inferir que sua etnia é o fator mais preponderante em sua identidade pessoal".[4]

Embora Jonas tivesse fé em Deus, isso parece não ter sido tão profundo e fundamental para sua identidade quanto sua raça e sua nacionalidade. Muitas pessoas no mundo vinculam uma religião, por assim dizer, à sua identidade étnica, que é mais fundamental para elas. Alguém pode dizer, por exemplo: "Ora, claro que sou luterano — afinal, sou norueguês!", ainda que nunca frequente uma igreja.

Se sua raça era mais fundamental para sua autoimagem do que sua fé, isso começa a explicar por que Jonas se opunha a chamar Nínive ao arrependimento. A perspectiva de chamar pessoas de outras nações à fé em Deus não seria nada atraente, sob nenhuma circunstância, para alguém com uma identidade espiritualmente tão superficial. O relacionamento de Jonas com Deus não era tão fundamental quanto o que significa para ele sua raça. É por isso que, quando a lealdade ao seu povo e a lealdade à Palavra de Deus pareceram entrar em conflito, ele optou por apoiar sua nação, em vez de levar o amor e a mensagem de Deus para uma nova sociedade.

Infelizmente, muitos cristãos hoje em dia têm a mesma atitude. Isso não é mera consequência de uma educação deficiente ou de estreiteza cultural. Antes, resulta do fato de o relacionamento deles com Deus, por meio de Cristo, não ter ido fundo o suficiente em seus corações. Assim como, na vida de Jonas, Deus e seu amor não são a camada mais fundamental de sua identidade. É claro que raça não é a única coisa que pode bloquear o desenvolvimento de uma autocompreensão cristã. Por exemplo, você pode sinceramente crer que Jesus morreu por seus pecados e, ainda assim, ter seu sentido e sua segurança muito mais fundamentados em sua carreira e no retorno financeiro do que no amor de Deus em Cristo.

Identidades cristãs superficiais explicam por que cristãos professos podem ser racistas e materialistas cheios de ganância, escravos da beleza e do prazer, ou cheios de ansiedade e propensos a trabalhar em excesso. Tudo isso acontece porque a verdadeira raiz de nossa identidade não é o amor de Cristo, mas, sim, o poder, a aprovação, o conforto e o controle do mundo.

Uma identidade que cega a si mesma

Uma identidade superficial de fato também nos impede de ver a nós mesmos. Aqui temos Jonas, um profeta de Deus, com uma posição privilegiada na comunidade da aliança, mas que em toda oportunidade se

mostra obtuso, egocêntrico, preconceituoso e tolo. No entanto, não parece estar ciente disso, de modo algum. Aliás, ele parece mais cego às próprias falhas do que qualquer um ao seu redor. Como pode ser?

Jonas nos lembra outra figura bíblica: Pedro. Ele também tinha uma posição privilegiada na comunidade de fé. Era um dos amigos íntimos do próprio Jesus, e tinha muito orgulho disso. Antes da prisão de Jesus, Pedro jurou que, se a perseguição viesse, embora os outros discípulos pudessem abandonar Jesus, ele não faria isso (Jo 13.37; Mt 26.35). Em outras palavras, o que ele disse foi: "Meu amor e minha devoção por você são mais fortes do que o amor e a devoção de qualquer outro dos discípulos. Eu serei mais corajoso do que todo mundo, não importa o que aconteça". Contudo, ele acabou sendo um covarde maior do que todos os demais, negando Jesus publicamente por três vezes. Como Pedro pôde ser tão cego sobre quem ele era?

A resposta é que a essência da identidade de Pedro estava menos arraigada no amor gracioso de Jesus por ele e mais em *seu* compromisso com Jesus e em *seu* amor por ele. Sua autoestima estava arraigada no nível de compromisso com Cristo que ele achava ter alcançado. Ele se sentia confiante diante de Deus e dos homens porque, segundo acreditava, era um seguidor inteiramente dedicado de Cristo. Existem duas decorrências desse tipo de identidade.

A primeira decorrência é a cegueira para seu verdadeiro eu. Se você extrai seu senso de valor do quanto é corajoso, será traumático admitir qualquer covardia que seja. Se o seu próprio eu se basear em seu valor, qualquer falha no campo da coragem significaria que não sobraria nada de "você". Você sentiria que não tem o menor valor. De fato, se você basear sua identidade em qualquer tipo de conquista, bondade ou virtude, terá de viver negando a profundidade de suas falhas e defeitos. Não terá uma identidade segura o suficiente para admitir seus pecados nem suas fraquezas e falhas.

A segunda decorrência é sentir hostilidade e não respeito para com pessoas diferentes. Quando vieram prender Jesus, embora ele tivesse dito inúmeras vezes que isso tinha de acontecer, Pedro sacou a espada e cortou a orelha de um dos soldados. Qualquer identidade que se baseie em conquistas e desempenho pessoais é insegura. Você nunca tem certeza de ter feito o bastante. Isso significa, por um lado, que você não pode ser honesto consigo mesmo sobre as próprias falhas. Mas, por outro lado,

também significa que você sempre precisa reforçar sua identidade estabelecendo um contraste entre si mesmo e aqueles que são diferentes de você — e sendo hostil em relação a eles.

Pedro e Jonas sentiam orgulho de sua devoção religiosa e baseavam sua autoimagem em suas realizações espirituais. Por consequência, ambos eram cegos para suas falhas e seus pecados e hostis para com aqueles que eram diferentes de si mesmos. Jonas não demonstra a mínima preocupação com a condição espiritual dos ninivitas, nem tem o menor interesse em trabalhar junto com os marinheiros pagãos pelo bem de todos. Ele trata os pagãos não apenas como pessoas diferentes, mas como os "outros" — e está envolvido em vários tipos de exclusão.

Uma identidade excludente

Jonas está fazendo o que alguns chamam de *marginalização do outro* [em inglês, *othering*]. Categorizar as pessoas como *o outro* é focar nas formas pelas quais elas diferem de nós mesmos, é se concentrar nessa sua estranheza e reduzir as pessoas a essas características até que fiquem desumanizadas. Então, podemos dizer: "Você sabe como *elas* são", para não ter de nos envolver com elas. Isso torna possível excluí-las de várias maneiras: simplesmente ignorando-as, forçando-as a se submeterem a nossas crenças e práticas, obrigando-as a viverem em bairros pobres da cidade ou simplesmente expulsando-as.[5]

Estamos começando a perceber que Jonas precisa desesperadamente dessa misericórdia de Deus que ele considera tão perturbadora. Sob o poder da graça de Deus, a identidade dele terá de mudar, tal como a nossa.

---

1 O versículo 8 usa a palavra em hebraico *melaka*, traduzida aqui como "missão", mas, às vezes, apenas como "trabalho". Jack Sasson dá a evidência de por que é melhor entender que os marinheiros estão perguntando a Jonas não apenas sobre sua carreira, mas sobre sua missão e seu propósito na viagem e na vida. Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation, with introduction, commentary, and interpretation*, *The Anchor Bible* (New York: Doubleday, 1990), p. 114.

[2] Para mais informações sobre esse assunto, veja Timothy Keller, *Counterfeit gods: the empty promises of sex, money, and power and the only hope that matters* (New York: Dutton, 2009) [edição em português: *Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa* (São Paulo: Vida Nova, 2018)].

[3] Veja o estudo bíblico-teológico de Richard Lints, *Identity and idolatry: the image of God and its inversion* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2015). O título desta seção do capítulo vem da importante obra de Lints. Veja também Thomas C. Oden, *Two worlds: notes on the death of modernity in America and Russia* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1992), cap. 6.

[4] Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation, and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2011), p. 70.

[5] Miroslav Volf traça quatro formas de exclusão: ataque, assimilação, dominação e abandono. Eu combinei ataque e dominação sob a categoria "afastamento". Veja Miroslav Volf, *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness, and reconciliation* (Nashville: Abingdon Press, 1996), p. 74-8.

CINCO

O PADRÃO DO AMOR

Então, eles lhe disseram: "Que faremos a ti, para que o mar se acalme para nós, pois está cada vez mais tempestuoso?". Disse-lhes Jonas: "Levantem-me e lancem-me ao mar; então o mar se acalmará para vocês, pois eu declaro que é por minha causa que esta grande tempestade se abateu sobre vocês". Contudo, os homens remavam mais forte do que nunca para voltar à terra seca, mas não conseguiam, pois o mar ao redor deles ficava cada vez mais tempestuoso. Portanto, clamaram ao SENHOR: "Ó SENHOR, não nos deixes perecer por causa da vida deste homem, e não derrames o seu sangue inocente sobre nós. Pois tu, ó SENHOR, tens o poder de fazer sempre o que queres". Então, levantaram Jonas e o lançaram ao mar, e o mar cessou sua fúria. Então, os homens foram tomados por um grande temor do SENHOR. E ofereceram sacrifício ao SENHOR e fizeram votos solenes. O SENHOR, por sua vez, enviou um grande peixe para engolir Jonas. E Jonas ficou no ventre do peixe por três dias e três noites (Jn 1.11-17).

"... lancem-me ao mar..."

Uma vez que os marinheiros descobrem que Jonas é a causa da tempestade, eles chegam à conclusão de que ele também é a chave para acalmá-la. E perguntam se há algo que deveria ser feito com ele, a fim de acalmar a tempestade. Jonas responde que eles deveriam lançá-lo ao mar. Por que diz isso? Será que ele está arrependido e simplesmente está dizendo algo como: "Eu mereço a morte pelo meu pecado contra Deus — me matem"? Ou seus motivos são exatamente o oposto? Será que ele está dizendo algo como: "Eu preferiria morrer a obedecer a Deus e ir a Nínive — me matem"? Afinal, Jonas está se submetendo a Deus ou se rebelando contra Deus?

É provável que a resposta situe-se em algum ponto entre essas duas alternativas. Não há razão para pensar que os motivos e as intenções de Jonas seriam mais organizados e coerentes do que os nossos em um momento de perigo e crise. Ele não usa uma linguagem que denote

arrependimento, nem faria sentido pensar que ele pudesse passar da rebelião para a submissão a Deus de forma tão rápida. Como o restante do livro mostrará, a jornada de Jonas para se afastar do orgulho hipócrita será lenta. Em contrapartida, se ele só quisesse morrer em vez de ir para a Assíria, poderia ter simplesmente se matado sem ter feito viagem nenhuma. A pista para entender sua perspectiva neste ponto está embutida em sua resposta à pergunta dos marinheiros. Observe que ele não diz nada sobre Deus. Sua preocupação está em outro lugar. Ele diz que, se eles o jogarem na água, "o mar se acalmará *para vocês*, pois declaro que é por minha causa que esta grande tempestade se abateu *sobre vocês*". Jonas começa a se responsabilizar pela situação não porque estivesse olhando para Deus, mas porque estava olhando para eles. E isso é significativo.

Como veremos, Jonas recusou a missão de Deus em grande parte porque não queria estender misericórdia aos pagãos. No entanto, agora ele vê esses homens aterrorizados diante de si. Eles tinham clamado a seus próprios deuses, enquanto ele mesmo nem sequer se dirigira ao seu. E o questionaram respeitosamente, perguntando o que deveriam fazer, em vez de apenas matá-lo. Eles não fizeram absolutamente nada de errado. Como Leslie Allen escreve, o caráter "dos marinheiros evidentemente baniu sua fria indiferença e tocou sua consciência".[1]

Jonas pode ter se deixado levar por nada mais do que piedade, mas isso já era muito melhor do que desprezo. Em regra, o primeiro passo para recobrar o juízo na área espiritual se dá quando finalmente começamos a pensar em alguém — qualquer pessoa que seja — além de nós mesmos. Portanto, Jonas está dizendo algo assim: "Vocês estão morrendo por mim, mas sou eu quem deveria estar morrendo por vocês. É comigo que Deus está irado. Joguem-me ao mar".

Os marinheiros continuam a agir de modo admirável quando, apesar da sugestão de Jonas, tentam remar até a costa. Somente depois de perceberem que não há outro caminho para serem salvos, e somente depois de reconhecerem a gravidade do que estão prestes a fazer, é que eles lançam Jonas ao mar, tomados de medo, temor e em oração a Deus.

O padrão de substituição

A compaixão de Jonas desperta nele uma das intuições humanas mais primordiais, a saber, a de que o padrão mais verdadeiro de amor é substitutivo. Jonas está dizendo: "Eu arcarei totalmente com a ira das ondas para que vocês não precisem fazê-lo". O verdadeiro amor atende às necessidades do ser amado, não importa a que custo para si mesmo. Todo amor que transforma nossa vida é uma espécie de sacrifício substitutivo.

Por um momento, pense no papel de um pai ou de uma mãe. Os filhos precisam que os pais leiam constantemente para eles — e falem com eles o tempo todo —, para que possam desenvolver a capacidade de entender e usar a linguagem. Suas habilidades intelectuais e sociais e seu bem-estar emocional são maciçamente moldados pela quantidade de tempo que os pais passam com os filhos. Isso implica sacrifício por parte dos pais. Durante anos, os pais precisam interromper suas vidas. No entanto, se não o fizerem, seus filhos crescerão com toda sorte de problemas. É eles ou os pais. Os pais precisam abrir mão de muito de sua liberdade agora ou os filhos não se tornarão adultos livres e autossuficientes mais tarde.

Há muitos outros exemplos. Sempre que mantemos uma promessa ou um voto feito a alguém, independentemente do que custe; sempre que perdoarmos alguém a quem poderíamos pagar na mesma moeda; sempre que ficarmos perto de uma pessoa que está sofrendo, cujos problemas estão esgotando as forças dela e de todos ao seu redor, estamos amando de acordo com o padrão de sacrifício substitutivo. A perda que temos, seja de tempo, de dinheiro ou de energia, é o ganho deles. Nós diminuímos para que eles possam crescer. No entanto, por meio desse amor não somos diminuídos, mas nos tornamos mais fortes, sábios, felizes e mais profundos. Esse é o padrão do amor verdadeiro, e não do suposto amor, que usa os outros para atender às nossas necessidades de realização pessoal.

Não devemos nos surpreender, portanto, com o fato de Deus ter nos amado assim, quando veio ao mundo em Jesus Cristo. Na verdade, é possível imaginar que a razão pela qual esse padrão de amor é tão transformador na vida humana é porque somos criados à imagem de Deus, e é assim que *Deus* ama. O exemplo de Jonas aponta para isso.

Aquele que é maior do que Jonas

Quando Jesus fala do "sinal do profeta Jonas" e chama a si mesmo "o que é maior do que Jonas" (Mt 12.41, NIV), ele quer dizer que, assim como Jonas foi sacrificado para salvar os marinheiros, ele, Jesus, morreria para nos salvar.[2] Naturalmente, as diferenças entre Jonas e Jesus são variadas e profundas. Jonas foi sacrificado por seus próprios pecados, mas não foi assim no caso de Jesus (Hb 4.15). Jonas chegou apenas perto de morrer e ficou submerso nas águas, enquanto Jesus realmente morreu e ficou sob o peso do nosso pecado e castigo. Ainda assim, a semelhança está aí também. Jacques Ellul escreve sobre o lançamento de Jonas nas profundezas do mar:

> A essa altura, Jonas assume o papel de bode expiatório. O sacrifício que ele faz os salva. O mar se acalma. E ele os salva no sentido humano e material […] Jonas é uma ilustração, por exemplo, do caminho cristão […] O que conta é que essa história é, na realidade, a indicação precisa de uma história infinitamente mais ampla e que nos interessa diretamente. O que Jonas não pôde fazer, embora sua atitude anuncie, é feito por Jesus Cristo. Ele é quem aceita condenação total…
>
> Jonas não é Jesus Cristo […] mas é um dos muitos tipos de Jesus, cada qual representando um aspecto do que o Filho de Deus será na totalidade […] [e] se é verdade que o sacrifício de um homem que assume a condenação pode salvar outros ao seu redor, então isso é muito mais verdadeiro quando aquele que é sacrificado é o próprio Filho de Deus
> […] É somente por causa do sacrifício de Jesus Cristo que o sacrifício de Jonas tem algum proveito e salva.[3]

Jesus resume sua missão em Marcos 10.45: "Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (NIV; cf. 1Tm 1.15, 2.5,6). A palavra traduzida como "por" em "resgate por muitos" é uma "preposição designativa de substituição"; assim, o versículo significa que Jesus morreu em nosso lugar.[4] Como diz o hino: "Suportando vergonha e rude escárnio, em meu lugar condenado ele foi".[5] Quando Jesus Cristo veio a este mundo, carregando em si nossa humanidade, e depois foi para a cruz, carregando sobre si nosso pecado, tornou-se o maior exemplo e o cumprimento do padrão do amor verdadeiro: o sacrifício substitutivo.

"... e o mar cessou sua fúria"

No momento que Jonas afundou nas águas, a tempestade cessou tão subitamente quanto uma luz que é desligada.[6] É dito que o mar "cessou sua fúria" (v. 15). Alguns podem ver isso como uma personificação poética, um simples floreio retórico; mas será que é tudo o que representa? A "fúria" da tempestade era uma expressão real da ira de Deus contra seu rebelde profeta, a qual foi deixada de lado quando Jonas foi lançado às ondas. Da mesma forma, o sacrifício de Jesus é chamado "propiciação" (Rm 3.25; Hb 2.17; 1Jo 2.2; 4.10), uma antiga palavra que significa que Cristo lidou com a ira de Deus sobre o pecado e o mal ao assumir o nosso lugar e suportar a punição que merecemos.[7]

Muitos hoje acham repulsiva a ideia de um Deus irado, embora as pessoas na atualidade concordem amplamente que a atitude de ser passional por justiça implica uma ira legítima.[8] Negar a ira de Deus em relação ao pecado não apenas nos subtrai uma visão completa da santidade e da justiça de Deus, mas também pode diminuir a admiração, o amor e o louvor que sentimos pelo que Jesus suportou por nós. Ao contrário de Jonas, que estava sendo punido unicamente por sua própria desobediência, Jesus leva sobre si a completa condenação divina para que não pese mais condenação nenhuma sobre aqueles que creem (Rm 8.1). Ele seca o cálice da ira divina para que não reste uma só gota dela para nós (Mt 26.39,41).

Se lêssemos o livro de Jonas como um texto isolado, poderíamos ficar com a impressão, a essa altura, de que o Deus bíblico é genioso e vingativo. Contudo, mesmo dentro do horizonte da história completa, vemos que Deus se abstém de dar a Jonas tudo o que merece. Como Jesus não é apenas um homem, mas, sim, Deus que veio à terra, então, longe de retratar uma divindade vingativa, toda a Bíblia nos mostra um Deus que vem e suporta sua própria penalidade, tamanha é sua misericórdia.

Conforme vimos anteriormente, o problema todo de Jonas era semelhante ao nosso: uma convicção de que, se submetermos completamente nossa vontade a Deus, ele não se comprometerá com nosso bem e nossa alegria. Aqui, porém, está a prova definitiva de que essa crença profundamente enraizada é uma mentira. Um Deus que nos substitui e sofre para que possamos ficar livres é um Deus em quem podemos confiar.

Jonas desconfiava da bondade de Deus, mas ele nada sabia sobre a cruz. Quanto a nós, qual é a desculpa?

É grande o impacto de tudo isso sobre os marinheiros pagãos. Quando o mar se torna totalmente calmo, eles são "tomados" por um "temor" maior do que quando pensavam que se afogariam. Mas esse é um tipo de medo qualitativamente novo. É o temor do "SENHOR" (v. 16). Os marinheiros usam o nome aliancístico Yahweh, o nome próprio em hebraico que denota um relacionamento pessoal e salvador com ele. O temor do Senhor é a essência de todo conhecimento e sabedoria redentores (por exemplo, Sl 111.10; Pv 9.10). Os marinheiros imediatamente começam a oferecer juramentos e sacrifícios ao Senhor. Antes, pensavam nele apenas como a divindade tribal de Jonas, mas agora a libertação do profeta os ajuda a ver a grandeza de quem Deus realmente é.

A maioria dos comentaristas acredita que eles se converteram. Conversões ocorridas na linha de fogo são notórias. Pessoas sob ameaça muitas vezes fazem votos a Deus e prestam reverência quando estão diante de um desastre iminente; contudo, depois que o perigo passa, as orações e observâncias religiosas desaparecem. Esses homens, porém, eram diferentes. Eles fizeram seus votos depois que o perigo passara. Isso indica que não estavam buscando a Deus pelo que este poderia fazer por eles, mas simplesmente pela grandeza de quem Deus é em si mesmo. Esse é o começo da verdadeira fé.

Tudo isso é irônico. Jonas estava fugindo de Deus porque não queria ir mostrar aos pagãos perversos a verdade de Deus, mas é exatamente isso que ele acaba fazendo. Daniel C. Timmer escreve: "A atividade antimissionária de Jonas resultou ironicamente na conversão de não israelitas".[9] Outro comentarista acrescenta: "Isso nos leva ainda mais longe nas lições desse livro sobre a soberania de Deus. O que Deus pretende fazer, ele fará".[10]

Assim que Jonas afunda nas águas, o Deus em quem ele não confia o salva miraculosamente. Essa misteriosa misericórdia divina, que Jonas considera tão inexplicável e ofensiva, acaba sendo sua única esperança. Ele não se afoga. É engolido por um grande peixe. E ali, naquela prisão dentro do peixe, Jonas alcança suas primeiras noções sobre o significado e a maravilha da graça de Deus.

---

1 Leslie C. Allen, *The books of Joel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 211.

2 Nas duas passagens do evangelho em que Jesus fala do "sinal do profeta Jonas", céticos exigiram que Jesus produzisse provas miraculosas para consolidar suas alegações. Eles queriam um "sinal", uma prova poderosa de que Deus estava com ele. Tinham visto Jesus fazer milagres, mas parece que muitas pessoas conseguiam fazer milagres. Eles queriam um sinal decisivo que mostrasse que Jesus era quem dizia ser. Jesus respondeu que nenhum sinal seria dado "exceto o sinal do profeta Jonas". Mateus (12.38-42) e Lucas (11.29-32) registram isso. Contudo, que "sinal" era esse?

Mateus relaciona a "morte" e a "ressurreição" de Jonas ("três dias e três noites no ventre de um grande peixe") com a morte e a ressurreição de Jesus ("por três dias no coração da terra"). Lucas, no entanto, omite qualquer referência aos três dias dentro do peixe e da terra. Em Lucas, Jesus diz que o sinal de Jonas foi sua pregação de arrependimento a Nínive. Alguns intérpretes, concentrando-se exclusivamente no texto de Mateus, acreditam que a ressurreição de Cristo, o milagre supremo, é o "sinal", pelo fato de que provará a todos que Jesus é quem ele disse ser. Mas Lucas foi capaz de falar sobre o sinal de Jonas sem mencionar a ressurreição.

Outros intérpretes, concentrando-se exclusivamente em Lucas, acreditam que Jesus tenha dito que não produziria nenhum sinal milagroso; ele apenas pregaria o evangelho. Entretanto, como Joachim Jeremias aponta, "é muito incomum descrever a pregação de arrependimento como *semeion*, uma vez que um sinal consiste não no que os homens fazem, mas, sim, na 'intervenção do poder de Deus'". Joachim Jeremias, "Ionas", in: G. Kittell; G. Friedrich, orgs., *Theological dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 409, citado em Baker; Alexander; Waltke, *Obadiah, Jonah e Micah*, p. 92.

T. D. Alexander conclui que a referência de Jesus a Jonas faz mais sentido se combinarmos as ideias (Baker, Alexander e Waltke, *Obadiah, Jonah and Micah*, p. 94). Assim como Jonas foi lançado ao mar para salvar os marinheiros da ira de Deus, Jesus seria lançado à morte para suportar todo o castigo que nossos pecados merecem, para nos salvar. Somente se nos arrependermos à luz da morte e da ressurreição de Cristo em nosso lugar, encontraremos Deus e

receberemos sua nova vida. Se nos arrependermos por pensar que podemos atrair a piedade de Deus por meio de nossa contrição e nossos esforços de purificação, esse arrependimento será em vão. Este é o sinal de Jonas — arrepender-se e crer, não como forma de obter a aprovação de Deus, mas, sim, de descansar na obtenção de Jesus, plena e permanente, do amor e da aprovação de Deus, por meio de toda a obra que completou.

3 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 36-8.

4 Veja Albert L. Lukaszewski, "Prepositions", in: *The Lexham syntactic Greek New Testament glossary* (Bellingham: Lexham Press, 2007), p. 382. Veja tb. William L. Lane, *The Gospel of Mark* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), p. 384.

5 P. P. Bliss, *"Man of sorrows", what a name* (hymn), 1875.

6 Allen, *The books of Joel*, p. 212.

7 O termo grego *hilasmos* — traduzido por "propiciação" na versão King James e na English Standard Version — tem sido fonte de controvérsia. Em contextos fora da Bíblia, esse termo grego de uso comum nos tempos antigos significava uma oferenda feita para aplacar a ira de um deus que havia sido ofendido. No entanto, no final do século 19 e no início do 20, estudiosos como B. F. Westcott e C. H. Dodd argumentaram que, no contexto do Novo Testamento, esse termo não se referia a Deus e à sua ira, mas a nós e ao nosso pecado. Eles ensinaram que a palavra significava "expiação", isto é, que nossos pecados, como obstáculos ao nosso relacionamento com Deus, são removidos. Nós somos perdoados; somos declarados inocentes. Esses eruditos negaram que a palavra significasse "aplacar ou satisfazer a ira de Deus". No entanto, Leon Morris (*The Apostolic preaching of the cross*, London: Tyndale, 1965) e David Hill (*Greek words and Hebrew meanings*, Cambridge: Cambridge University Press, 1967) contestaram essa visão de maneira forte e decisiva. Eles demonstraram que o grupo da palavra *hilasmos*, na Bíblia, tem o mesmo significado que tinha fora dela, ou seja, na literatura grega. Eles também argumentam que a expiação e a propiciação devem acontecer juntas. Se um infrator pecou contra alguém, então a ira e o desejo de justiça legítimos por parte do ofendido representam uma barreira no relacionamento até que o

infrator admita o erro e pague sua dívida à justiça. Portanto, remover o pecado como barreira e mudar a atitude da parte ofendida para com o ofensor são os dois lados da mesma ação. Veja tb. R. R. Nicole, "C. H. Dodd and the doctrine of propitiation," *Westminster Theological Journal* 17 (1954-55): 117-57.

8 Veja, por exemplo, Mark Baer, "The passion of anger can be used in constructive anner", *Psychology Today*, April 12, 2017, disponível em: www.psychologytoday.com/intl/blog/empathy-and-relationships/201704/the-passion-anger-can-be-used-in-constructive-manner, acesso em: 30 jan. 2019. Esse artigo defende alguns pontos óbvios: (a) que o ensinamento cristão, expresso por Tomás de Aquino, é que a raiva *per se*, o desejo de resolver a injustiça e os maus feitos, pode ser algo bom, se não for acompanhado de orgulho e arrogância, em vez de humildade, e se não expressar um desejo exagerado por vingança; e (b) que qualquer pessoa que tenha uma paixão por justiça e por pessoas exploradas usará a raiva como um recurso para fazer justiça.

9 Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation, and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2011), p. 75.

10 James Montgomery Boice, *The minor prophets: an expositional commentary Hosea-Jonah* (Grand Rapids: Baker, 1983), vol.1, p. 280.

SEIS

FUGINDO DA GRAÇA

E o SENHOR designou que um grande peixe engolisse Jonas. E ele ficou no ventre do peixe três dias e três noites. Então, do ventre do peixe, Jonas orou ao SENHOR seu Deus, dizendo: "Da minha angústia, clamo ao SENHOR e ele me responde; do ventre do Sheol, choro e ouves a minha voz. Pois me lanças nas profundezas, no coração dos mares, e o turbilhão de águas me cerca; todas as tuas ondas e vagas passam por cima de mim". Então, eu disse: "Fui afastado de tua vista; no entanto, continuo a mirar teu templo sagrado. As águas se fecham sobre mim para me tirar a vida; o abismo me cerca; algas se enrolam na minha cabeça. Afundo até os fundamentos dos montes. O submundo, cujas trancas se fecharam sobre mim para sempre. Porém, tu me levantas da cova, ó SENHOR, meu Deus. Mesmo quando a minha vida se esvai, lembro-me do SENHOR. Minha oração sobe a ti, ao templo da tua santidade. Aqueles que se apegam a ídolos vazios são privados da graça que lhes pertence. Mas eu, com palavras de ação de graças, a ti ofertarei sacrifício. O que prometi vou cumprir. A salvação vem somente do SENHOR!". E o SENHOR falou com o peixe e este vomitou Jonas em terra firme (Jn 1.17—2.10).

Onde encontramos a graça de Deus?

A história revela que Deus "designou" que um grande peixe engolisse Jonas. Esse verbo é usado várias vezes no livro, como quando Deus designou que uma planta crescesse e depois morresse, conforme veremos no capítulo 4 do livro de Jonas. Em cada um desses casos, Deus orquestrou uma circunstância na história para ensinar a Jonas algo que ele precisava desesperadamente saber.[1] Olhando em retrospectiva, podemos ver que as lições mais importantes que aprendemos na vida são resultado da mais pura e simples misericórdia de Deus. São aqueles eventos difíceis ou até mesmo excruciantes na época que aconteceram, mas que posteriormente renderam mais benefícios em nossa vida do que poderíamos prever.

O grande peixe é um exemplo perfeito dessa misericórdia tão nua e crua. Obviamente, o peixe salvou a vida de Jonas quando o engoliu. Em compensação, ele ainda estava aprisionado nas águas. Ele ainda estava afundando nas profundezas do mundo, "até os fundamentos dos montes", longe de qualquer ajuda e esperança. Ainda estava vivo, mas por quanto tempo? O que aconteceu foi apenas uma pausa temporária, a menos que Deus providenciasse outro ato de libertação.

Peter Craigie escreve que, assim como Jonas, quando rejeitamos e desobedecemos a Deus, é preciso que haja um "tratamento radical para que isso seja remediado". Ele aponta que o texto descreve Jonas como que em um movimento descendente — *descendo* até Jope, até um navio, até as profundezas do navio — e, agora, por fim, *descendo* ainda mais longe, até as profundezas do oceano. "Mas somente quando ele desceu até o final, enfim despojado de sua frívola autossuficiência, a libertação foi possível".[2] Havia uma falha fatal no caráter de Jonas, que permanecera oculta para ele enquanto sua vida transcorria bem. Foi somente por meio do completo fracasso que ele pôde começar a vê-la e a modificá-la.

Esse princípio atua em vários níveis. No discurso que fez para uma turma de formandos da Universidade de Harvard, em 2008, J. K. Rowling descrevera um período em sua vida no qual ela "havia fracassado em proporções épicas. Um casamento extraordinariamente curto havia implodido, e lá estava eu, desempregada, mãe solteira e tão pobre quanto é possível ser na Grã-Bretanha de hoje sem se tornar um sem-teto". Contudo, acrescentou ela, "[eu] comecei a dirigir toda a minha energia para terminar a única tarefa que importava para mim. Se de fato tivesse conseguido ser bem-sucedida em qualquer outra coisa, talvez nunca tivesse encontrado a determinação para ter sucesso na única arena [a da escrita, à qual] acreditei que eu realmente pertencia".[3] Em resumo, ela disse que seu sucesso foi construído sobre seus fracassos.

Jacó não estava preparado para liderar a família de Deus até ser forçado a fugir de casa, passar anos de maus tratos nas mãos do sogro e enfrentar (o que ele acreditava que seria) um encontro violento com Esaú, o irmão que fora lesado. Foi só então que Jacó encontrou Deus face a face (Gn 32.1-32). Abraão, José, Davi, Elias e Pedro tornaram-se líderes poderosos por meio de fracassos e sofrimentos. Inúmeros cristãos podem dar testemunho dessa mesma experiência. Somente quando chega ao fundo do poço, quando tudo

desmorona, quando todos os seus esquemas e recursos estão falidos e exauridos, é que você finalmente se abre para aprender como depender completamente de Deus. Como se costuma dizer, você só percebe que Jesus é tudo o que precisa quando Jesus é tudo o que você tem. É preciso perder sua vida para achá-la (Mt 10.39).

Para que Jonas começasse finalmente a ascender, tanto na água quanto em sua fé, ele tinha de ser levado ao próprio fim de si mesmo. O caminho para cima era, primeiramente, para baixo. Quando chegamos ao fundo é que encontramos o lugar em que habitualmente aprendemos os maiores segredos sobre a graça de Deus.

Contudo, não é simplesmente o fato de *estar* no fundo que começa a mudar Jonas, mas, sim, *orar*. Como diz Jack Sasson, nesse ponto da história, "a ação está prestes a parar completamente para deixar Jonas sozinho com seu Deus".[4] Jonas começa a orar e, no clímax da oração, fala de *chesdh* (Jn 2.8). Essa é uma palavra bíblica chave, muitas vezes traduzida por "amor inabalável" ou "graça". Refere-se ao amor característico da aliança de Deus. Para chegar até aí — a essa declaração sobre a graça de Deus —, Jonas precisa orar até o fim; quando o faz, ele é libertado de volta para o mundo dos vivos.

O que é a graça de Deus?

Em seu grande livro *Knowing God*, J. I. Packer observa que, embora muitas pessoas falem sobre a graça de Deus, a graça não é uma realidade para elas, um poder transformador de vida. Ele prossegue explicando que existem várias "verdades cruciais [...] que a doutrina da graça pressupõe, e, se a pessoa não as reconhecer e sentir no coração, uma fé clara na graça de Deus se torna impossível".[5] A oração de Jonas mostra o profeta lutando com três dessas verdades.

A primeira verdade que devemos entender é aquela que Packer chama de nosso "deserto do mal moral". Essa é uma mensagem, no entanto, difícil para nossa cultura ouvir. Vivemos em uma época marcada pelo "triunfo do terapêutico".[6] Somos ensinados que nosso problema é falta de autoestima, que vivemos sentindo excesso de vergonha e autoincriminação. Além disso, nos é dito que todos os padrões morais são socialmente construídos e relativos, de modo que ninguém tem o direito de fazer você se sentir

culpado. Cada um deve determinar o certo e o errado para si mesmo. Em uma sociedade dominada por tais crenças, a mensagem persistente da Bíblia de que somos pecadores culpados é vista como opressora, senão má e perigosa. Essas temáticas culturais modernas tornam a oferta da graça desnecessária, e até mesmo insultuosa.

A oração de Jonas, no entanto, reconheceu que "tu [o SENHOR] me lanças nas profundezas, no coração dos mares" (v. 3). Jonas sabia que a justiça divina existia e que ele a merecia.

Em segundo lugar, devemos acreditar no que Packer chama de nossa "impotência espiritual". Devemos admitir não apenas nossos pecados, mas também o fato de que não podemos nos livrar ou nos purificar deles. Nossa cultura, mais uma vez, não nos ajuda nesse aspecto, pois é dominada não só pela terapia, mas também pela tecnologia. Mesmo se aceitarmos a responsabilidade pelo erro, acreditamos que "podemos consertar isso". A maneira mais comum de tentarmos fazer isso é aplicando a tecnologia da moralidade. Acreditamos que com trabalho duro e/ou observância religiosa obstinada, podemos reparar nosso relacionamento com Deus e até mesmo colocá-lo em uma posição em que ele "não pode dizer 'não' para nós".[7]

Essa ideia, de que podemos consertar a nós mesmos por meio do esforço moral, certamente estava presente nos dias de Jonas. É uma suposição fundacional de todas as demais religiões. No versículo 6, porém, Jonas a rejeita com propriedade. Ele diz que está afundando até o "submundo", o mundo submerso mais distante da humanidade viva e de Deus em seu templo, "cujas trancas se fecharam sobre mim para sempre". Ele percebe que está condenado e permanentemente barrado por seu pecado e rebelião, e não há nenhuma forma possível de abrir os portões por si mesmo ou de pagar sua dívida. O famoso hino expressa isso:

> O labor de minhas mãos
> diante de tua lei é vão.
> 'Inda que zeloso eu for,
> com paixão e assaz fervor,
> ainda um pecador serei.
> Salvação só em ti terei.[8]

Somos "barrados" da presença de Deus, e a doutrina da graça só repercute profundamente se admitirmos que não podemos salvar a nós mesmos.

Graça maravilhosa

A terceira verdade que devemos compreender, se quisermos entender a graça de Deus de maneira transformadora, é o *alto custo* da salvação que Deus provê. Não apenas uma, mas duas vezes em sua oração, Jonas olha não apenas para o céu, mas para "teu templo sagrado" (v. 4) e para "o templo da tua santidade" (v. 7). Por quê? Jonas sabia que era de cima do propiciatório do templo que Deus prometera falar conosco (Êx 25.22). O propiciatório era uma placa de ouro que ficava em cima da arca da aliança, na qual ficavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos. No Dia da Expiação, um sacerdote aspergia o sangue do sacrifício expiatório pelos pecados do povo sobre o propiciatório (Lv 16.14,15).

Que cena! O templo era a habitação do Deus santo, cuja retidão moral perfeita, representada pelos Dez Mandamentos, nenhum ser humano jamais teve nem jamais pode observar. Como nos aproximaremos de Deus? A lei de Deus não nos condena? Sim, ela nos condenaria, não fosse pelo sangue do sacrifício expiatório aspergido sobre o propiciatório, sobre os Dez Mandamentos, que nos protege dessa condenação. Somente quando a morte de outro assegura nosso perdão é que podemos falar com Deus.

Nem Jonas nem qualquer outro israelita daquela época entenderam plenamente o que isso significava, todavia, seria difícil imaginar um retrato do evangelho de Jesus melhor do que esse. O templo e o sistema sacrificial estabeleciam as três "verdades da graça" como fundamento: somos pecadores, incapazes de salvar a nós mesmos e passíveis de sermos salvos apenas por meio de medidas extremas e de altíssimo custo. Somente séculos mais tarde seria revelado que a expiação não poderia ser efetuada pelo sangue de touros e bodes, mas somente pelo sacrifício definitivo de Jesus Cristo (Hb 10.4-10).

J. I. Packer está certo. Muitas pessoas cantam *Sublime graça* da boca para fora, sem refletir sobre essa ideia; essa graça, porém, não as transformou profundamente. A graça de Deus torna-se maravilhosa, infinitamente consoladora, bela e capaz de nos tornar humildes apenas

quando acreditamos plenamente em todas essas três verdades básicas, nos apegamos a elas e as relembramos para nós mesmos — que nada merecemos além de condenação, que somos totalmente incapazes de salvar a nós mesmos e que Deus nos salvou, apesar do nosso pecado, a um custo infinito para si mesmo. Algumas pessoas têm uma visão muito exaltada de si mesmas. A graça de Deus não as impressiona porque não sentem que precisam dela, ou pelo menos, não muito. Outras de fato se veem como um fracasso, porém, embora possam ter alguma noção abstrata de um "Deus de amor", têm pouca noção da enormidade do sacrifício de Jesus para comprá-las e livrá-las da dívida, escravidão e morte. Elas não se perdem em admiração, amor e elogios em proporção e profundidade equivalentes à entrega de Jesus por nós.

O brado da graça

Descobrimos agora por que não encontramos graça nos pontos altos de nossa vida, mas, sim, nos vales e nos abismos, nas profundezas. Nenhum coração humano aprenderá sobre sua pecaminosidade e impotência só de ouvir dizer que é pecador. Isso terá de lhe ser *mostrado* — muitas vezes por meio de experiências brutais. Nenhum coração humano se atreverá a acreditar nessa graça tão gratuita e de custo tão alto, a menos que ela seja sua única esperança. Trata-se de uma combinação de circunstâncias difíceis, de compreensão do evangelho bíblico da expiação pelo pecado e de oração constante que consegue nos inspirar admiração e fascínio, até mesmo nos lugares mais sombrios e profundos.

Algo dessa admiração e fascínio diante da graça é insinuado na oração de Jonas. Ele reconheceu que as "trancas se fecharam sobre mim para sempre". No entanto, ele imediatamente acrescenta: "*Porém*, tu me levantas da cova, ó SENHOR, meu Deus" (v. 6). Ele está perdido, condenado e incapaz de destrancar as portas de sua prisão. *Porém*, Deus o salva. Jonas começa a louvar a Deus e a se consagrar antes de ter qualquer certeza de que escapará do peixe por meio de alguma libertação sobrenatural. É importante notar isso. É quando ele percebe a graça de Deus que a "grande decisão é tomada".[9] "Não é quando a história é redirecionada por algum evento sobrenatural [...] que os grandes milagres acontecem. É quando uma pessoa vem a reconhecer seu pecado e o confessa diante de Deus e

quando, por consequência, Deus restaura o relacionamento Criador-criatura anteriormente rompido".[10] Essa é a verdadeira libertação — e não a libertação do peixe.

A oração de Jonas termina em um brado. À medida que ele vai juntando as partes que formam uma doutrina da graça, o fascínio diante disso vem sobre ele, e, em uma declaração marcada pela mais alta expressividade, ele diz: "A salvação vem somente do SENHOR!" (v. 9). Alguns já chamaram esse texto de versículo central das Escrituras; no mínimo, podemos dizer que ele expressa com linguagem bem sucinta o ponto principal de toda a Bíblia.

O texto diz, literalmente, que a salvação é do Senhor, e a locução prepositiva denota posse.[11] A salvação pertence somente a Deus, a ninguém mais. Se alguém é salvo, é totalmente pela ação de Deus. Não é uma questão de Deus salvar a pessoa em parte e esta salvar a si mesma em parte. Não. É Deus quem nos salva. Não salvamos a nós mesmos nem podemos nos salvar. Isso é o evangelho.

O processo da graça

No entanto, quando colocada no contexto do livro de Jonas inteiro, essa oração tem um aspecto de sobriedade. No versículo 8, Jonas diz: "Aqueles que se apegam a ídolos vazios são privados da graça que lhes pertence". Jonas afirma, com razão, que a idolatria impede as pessoas de receberem a graça. Contudo, a que pessoas ele está se referindo? No contexto, ele está dizendo que os pagãos que adoram literalmente estátuas e ídolos perdem a graça de Deus. Embora essa afirmação seja verdadeira, não podemos deixar de lê-la à luz da recaída de Jonas, ao sentir raiva e confusão diante da misericórdia de Deus para com os ninivitas, como veremos quando chegarmos ao capítulo 4 do livro de Jonas.

Em outras palavras, apesar de sua importante descoberta aqui, Jonas não compreendeu a graça tão profundamente quanto poderíamos pensar a princípio. Ainda há um senso de superioridade e justiça própria que fará com que ele exploda em raiva quando Deus tem misericórdia daqueles que Jonas vê como seus inferiores. Ele vê os ídolos concretos que os pagãos adoram, mas não vê os ídolos mais sutis em sua própria vida, que o

impedem de compreender de forma plena que ele também, assim como os pagãos, vive apenas, igualmente, pela graça de Deus.

Deus liberta Jonas de dentro do peixe, ainda que, como ficará evidente em breve, o arrependimento do profeta seja apenas parcial. No entanto, o Deus misericordioso trabalha pacientemente conosco, embora sejamos falhos e ignorantes.

---

1 Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation, and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2011), p. 77.

2 Peter C. Craigie, *Twelve prophets Hosea, Joel, Amos, Obadiah, Jonah* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1984), vol.1, p. 227.

3 Marta Bousells, "J. K. Rowling's life advice", *Guardian*, March 30, 2015. O discurso de formatura foi publicado sob o título *Very good lives: the fringe benefits of failure and the importance of imagination* (New York: Brown, 2008).

4 Jack M. Sasson, *New translation, with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible (New York: Doubleday, 1990), p. 157.

5 J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 117 [edição em português: *O conhecimento de Deus*, tradução de Paulo César Nunes dos Santos (São Paulo: Cultura Cristã, 2014)].

6 Philip Rieff, *The triumph of the therapeutic: the uses of faith after Freud* (Chicago: University of Chicago Press, 1966).

7 Packer, *Knowing God*, p. 118-9.

8 Augustus Toplady, *Rock of ages* (hymn), citado em Packer, *Knowing God*, p. 119, tradução de Fabiano Silveira Medeiros. Esse hino ficou conhecido no Brasil sob o título *Rocha eterna*.

9 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 48-9. Ellul escreve: "Jonas não foi atendido se tomarmos como resposta o fato de ele ser resgatado do ventre do peixe [...] Mas foi atendido se tomarmos como resposta o fato de ele ser adotado sob os cuidados de Deus, que assume a totalidade de nossos sofrimentos, dramas e situações. Ele obteve resposta porque a graça não falha de maneira alguma [...] As coisas ocorreram sem nenhuma indicação de uma intervenção favorável, apenas com sinais de julgamento [...]

Mas, pelo simples fato de ele ter sido capaz de se arrepender, de condenar a si mesmo, de reconhecer a sentença do justo juiz [e ver o sacrifício expiatório no templo], ele tem razão suficiente para dizer: 'Tu me livraste'. Na verdade, é aqui que a grande decisão é tomada."

10 James Montgomery Boice, *The minor prophets: an expositional commentary Hosea–Jonah* (Grand Rapids: Baker, 1983), vol.1, p. 288.

11 Kevin J. Youngblood, *Jonah: exegetical commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 2013), p. 114.

SETE

FAZENDO JUSTIÇA, PREGANDO A IRA

Então, a palavra do SENHOR veio a Jonas pela segunda vez, dizendo: "Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e proclama a ela a mensagem que eu te digo. Assim, Jonas se levantou e dirigiu-se a Nínive, conforme a palavra do SENHOR. Ora, Nínive era uma cidade extremamente grande — três dias de jornada de extensão. Jonas percorreu a cidade por um dia e proclamou: "Em quarenta dias, Nínive será destruída!". E o povo de Nínive creu em Deus. Eles conclamaram um jejum e vestiram-se de pano de saco, do maior deles ao menor. A palavra chegou ao rei de Nínive, e este se levantou do seu trono, tirou o manto, cobriu-se de pano de saco e sentou-se em cinzas. E ele clamou e emitiu um decreto em Nínive, sob a autoridade do rei e dos nobres, dizendo: "Por decreto do rei e de seus nobres: que nenhum homem ou animal, nem boiada nem rebanho, provem nada. Não deixem que pastem nem bebam água, mas homens e animais sejam cobertos com pano de saco, e clamem a Deus com fervor. Que cada um abandone o mau caminho e a violência que planeja contra os outros. Quem sabe assim Deus possa ceder e abandonar o furor de sua ira, para que não pereçamos". Quando Deus examinou seus feitos e como eles abandonaram seus maus caminhos, ele abriu mão do desastre que tinha dito que traria sobre eles, e não o colocou em prática (Jn 3.1-10).

Por que as pessoas se arrependem?

Jonas se arrependeu, sobreviveu no ventre do peixe, foi vomitado em terra firme e foi para Nínive. Se dirigiu à cidade e começou a pregar: "Em quarenta dias, Nínive será destruída!".

Para seu espanto, as pessoas não zombaram dele nem lhe fizeram nenhum mal. Em vez disso, a cidade inteira respondeu à sua pregação. O termo em hebraico para "arrepender-se" (*shub* — voltar-se) ocorre quatro vezes nos versículos 8 a 10, e essa é a mensagem central e marcante dessa passagem. Contrariando todas as expectativas, a poderosa e violenta cidade

de Nínive vestiu-se de pano de saco — um sinal de arrependimento em massa. E eles o fizeram "do maior deles até o menor" (v. 5), do topo à base do espectro social. Como isso pôde acontecer?

Historiadores apontaram que, na época da missão de Jonas, a Assíria já havia passado por uma série de episódios de fome, pragas, revoltas e eclipses, todos vistos como presságios de acontecimentos muito piores no futuro. Alguns argumentaram que esse foi o modo de Deus preparar o terreno para Jonas. "Esse estado de coisas teria deixado governantes e súditos extraordinariamente sintonizados com a mensagem de um profeta visitante".[1] Portanto, havia uma explicação sociológica para essa resposta.

Embora um movimento como esse em direção a Deus sempre tenha seus aspectos sociais, uma vez que somos seres de carne e osso e vivemos em lugares, culturas e períodos históricos específicos, tais fatores, no entanto, não conseguem explicar ou justificar totalmente um arrependimento desse tipo. Ellul surpreende-se com o que aconteceu. "Nínive, com sua vocação totalmente guerreira, acusa a si própria de violência (3.8) […]. Nínive, que se orgulhava de seu poder e de sua invencibilidade, deixa de ser ela mesma quando se humilha".[2]

Em janeiro de 1907, ocorreu um avivamento durante uma conferência bíblica em Pyongyang, atual capital da Coreia do Norte. Os participantes da conferência tornaram-se profundamente convictos de seu pecado, especialmente quando um pregador os chamou a se arrependerem de seu ódio tradicional pelos japoneses.[3] É evidente que os cristãos coreanos tinham aceitado as verdades fundamentais do evangelho da graça; mas, ainda assim, essas verdades não haviam penetrado fundo o bastante para que perdoassem os japoneses. Eles se sentiam moralmente superiores a uma nação que viam como opressora e cruel. À luz do evangelho, no entanto, os coreanos presentes naquela conferência viram que, perante Deus, eram igualmente pecadores e condenados juntamente com todos os demais seres humanos, ainda que resgatados pela mais pura e custosa graça de Cristo. Isso dissipou deles o orgulho e a amargura.

Eles voltaram para casa com uma nova disposição de se arrependerem de suas transgressões. As pessoas iam de casa em casa para reatar relacionamentos rompidos e devolver coisas roubadas. Os cultos de adoração estavam cheios de um novo poder.[4] O resultado foi um crescimento explosivo da igreja. A igreja metodista, por exemplo, dobrou

em número de membros em um único ano. Houve muitos movimentos espirituais desse tipo ao redor do mundo na história da igreja.

Como explicar tais fenômenos? Muitos salientaram que os pactos de 1904 e 1907 entre Japão e Coreia impuseram o domínio japonês sobre o país. Será que esse contexto sociopolítico abriu o coração de muitos coreanos para uma mensagem cristã que oferecia recursos para lidar com o ódio étnico, para se arrepender e estender o perdão? Sim, todavia fatores como esse podem explicar tudo o que aconteceu? Certamente que não, uma vez que condições desse tipo ocorrem constantemente no mundo e não se obtém os mesmos resultados.

O arrependimento é sempre obra de Deus (2Tm 2.25).

Proclamando a justiça

No entanto, não devemos ser afoitos em equiparar o "arrependimento" de Nínive aos avivamentos da história da igreja contemporânea. Embora o texto diga que o povo de Nínive "creu em Deus" (v. 5), não há indicação de que os ninivitas tenham entrado em um relacionamento de aliança com o Deus de Israel. A palavra que os ninivitas usam é "Deus", isto é, o termo genérico *Elohim*, e não o nome pessoal e aliancístico Yahweh, que o Senhor usa com seu povo, Israel. Não há menção sobre os moradores de Nínive terem abandonado seus deuses e ídolos. Eles não ofereceram sacrifícios ao Senhor, nem houve qualquer rito de circuncisão. Por essa razão, quase todos os comentaristas concordam que Jonas não conseguiu converter os ninivitas.[5] O que, afinal, estava realmente acontecendo?

O rei de Nínive entendeu que Deus estava dizendo a cada súdito da cidade que sua obrigação era: "… abandone o mau caminho e a violência que planeja contra os outros" (v. 8). *Violência* é "a violação arbitrária dos direitos humanos […] Nínive era flagrantemente culpada dessa injustiça social".[6] O imperialismo assírio, a crueldade e a injustiça social também foram condenados por outros profetas hebreus (Is 10.13ss; Na 3.1,19).

Esse chamado a se arrepender da opressão e da injustiça se encaixa com as mensagens de outros profetas bíblicos nas relativamente poucas vezes que falaram às nações pagãs. Em Amós 1.1—2.3, o profeta denunciou nações vizinhas a Israel pelo imperialismo, crueldade, violência e opressão aos fracos. O erudito bíblico Christopher J. H. Wright aponta que "no

Antigo Testamento [...] quando um israelita se dirige a nações pagãs, a condenação é tipicamente voltada para sua perversidade moral e social".[7] Foi isso que Jonas fez também. Sua mensagem para Nínive se concentrou nas práticas sociais da cidade, seus "feitos" (v. 10), e no chamado para que mudassem seus caminhos (v. 4).

Como vimos, o Império Assírio era extraordinariamente violento. Matava e escravizava inúmeras pessoas e oprimia os pobres. Era famoso pela injustiça, pelo imperialismo e pela opressão que infligia a outros países. No entanto, o texto mostra que o impulso para a exploração e o abuso também estava corroendo o tecido social de Nínive. Não se tratava apenas de os assírios, como nação, estarem oprimindo outras nações, mas, sim, de indivíduos que eram violentos uns com os outros, o que envenenava as relações sociais. "Que cada um abandone [...] e a violência que planeja contra os outros" (v. 8). Os ricos escravizam os pobres, ao passo que os pobres revidam por meio do crime, e as pessoas de classe média enganam umas às outras. Pode ser que o arrependimento "do maior deles até o menor" (v. 5) mostre o começo de uma reconciliação das várias camadas da sociedade.

Muitos argumentam que, embora o resumo relatado da mensagem de Jonas para Nínive fosse uma clara ameaça (v. 4), é razoável inferir que ele tenha lhes dado mais informações sobre Deus do que as mencionadas no texto. É quase certo que isso seja verdade. Por exemplo, eles de fato se voltaram para Deus na esperança de que ele os ouvisse. Isso torna provável que eles ao menos tenham questionado Jonas para descobrir se havia alguma esperança do perdão de Deus.[8]

No entanto, o texto bíblico não nos diz que Deus enviou Jonas com o propósito de converter a população a uma relação de salvação e aliança com ele. Ele estava advertindo-os sobre seu comportamento violento e maligno e as inevitáveis consequências caso não cedessem e mudassem.

E, embora saibamos pelo restante da Bíblia que a mudança de comportamento social não é suficiente para a salvação, e que Deus não pode conceder o perdão definitivo sem fé e um sacrifício expiatório (cf. Nm 14.18; Hb 9.22), mesmo assim, a resposta de Deus é instrutiva. Apesar de o povo de Nínive não abandonar seus ídolos nem ofertar sacrifícios a ele, Deus, em sua misericórdia, arrepende-se de sua ameaça de destruir a

cidade. Por ora, ele expressa seu favor em resposta à intenção e ao esforço da cidade na busca de uma reforma social.

Proclamando a ira de Deus

Que tipo de ministério trouxe esse resultado notável? Alguns comentaristas chegam à conclusão precipitada de que Jonas pregou a salvação pela fé e a resposta da cidade foi um grande avivamento. No entanto, como vimos, não há evidência de que se converteram à fé no Senhor. Outros concluem que os leitores atuais deveriam imitar Jonas e prover as cidades com serviços sociais, em vez de fazer evangelismo.[9] Contudo, Jonas não foi a Nínive apenas para fazer discretamente um trabalho social. Ele proclamou a ameaça do julgamento divino de modo veemente e em nome de Deus.

O que realmente aconteceu não se encaixa em nenhuma dessas categorias. Houve uma união de diferentes indivíduos e classes antagônicas dentro do corpo político, a fim de promover a cura social e uma sociedade mais justa.[10] E, no entanto, isso foi fruto de um ministério de pregação que proclamou a ira do Deus bíblico explicitamente.

Para nós, hoje, é difícil até imaginar um ministério como o que aconteceu em Nínive. Em nossos dias, normalmente os que se preocupam mais em trabalhar por justiça social não costumam também se levantar e falar claramente sobre o julgamento do Deus da Bíblia contra aqueles que não fazem sua vontade. Em contrapartida, aqueles que pregam publicamente o arrependimento com mais vigor não costumam ser conhecidos por exigir justiça para os oprimidos.

Entretanto, esse texto nos encoraja a fazer as duas coisas. Nesse exemplo, Deus busca uma reforma social por meio de seu profeta, uma mudança no comportamento explorador e violento dos ninivitas. E, ainda assim, ele também orienta que a cidade deve ser informada sobre um Deus irado que punirá o pecado. Ellul escreve:

> [Jonas] …não era livre para escolher por si mesmo o que diria aos homens. Não foi até eles para lhes falar sobre suas experiências […] Não decidiu o conteúdo de sua pregação […] Portanto, […] nosso testemunho está firmemente ligado à palavra de Deus. O maior dos santos ou dos místicos não pode dizer nada de valor, a menos que seja baseado exclusivamente na palavra de Deus.[11]

Raramente vemos ministérios que sejam igualmente comprometidos em pregar a Palavra de forma destemida e em fazer justiça e cuidar dos pobres, ainda que essas questões sejam teologicamente inseparáveis. No tempo de Isaías, a sociedade israelita era marcada pela exploração gananciosa e pelos abusos de poder imperialistas, e não por serviço e cooperação generosos e pacíficos. Isso levou ao colapso social e à alienação psicológica. No entanto, quando Isaías olhou para essa sociedade injusta, ele viu que: "Por causa da ira do Senhor dos exércitos a terra é queimada, e o povo é como combustível para o fogo; ninguém poupa o outro [...] devoram [...], mas não ficam satisfeitos [...]. Manassés devora Efraim, e Efraim devora Manassés..." (Is 9.19-21, ESV). Isaías não via a injustiça social meramente como algo que merece a ira de Deus. Em vez disso, a miséria e o colapso social, esse "devorar" um ao outro de caráter econômico e político (a despeito do vazio interior e do descontentamento que trazem), são, na verdade, *resultado* da ira de Deus.

Imagine que uma casa estivesse em chamas, mas você não pudesse vê-las. À medida que a casa se desfizesse e desmoronasse, você se perguntaria o que estava acontecendo. Somente se alguém permitisse que você visse o incêndio, a destruição da casa faria sentido.

Sem compreender a ira de Deus, é impossível entender plenamente por que tantas sociedades, impérios, instituições e vidas entram em colapso. Em relação a essa passagem em Isaías, Alec Motyer escreveu que, em um mundo criado por um Deus bom, o mal e a injustiça são "inerentemente autodestrutivos". A desintegração social resultante "expressa a *ira* [de Deus]. Ele controla os processos de causa e efeito que incutiu na criação, de modo que são expressões de seu santo governo sobre o mundo".[12] Isto é, Deus criou o mundo de modo que a crueldade, a ganância e a exploração tenham consequências naturais e desintegradoras, as quais são uma manifestação de sua ira contra o mal.

Trabalhar contra a injustiça social e chamar pessoas ao arrependimento perante Deus são coisas teologicamente interligadas.

Martin Luther King Jr. não cometeu o erro de separar o chamado por justiça social da crença em um Deus de juízo. Em sua *Carta da prisão de Birmingham*, responde à questão de como ele pode defender a desobediência civil, o desrespeito a algumas leis — no caso, leis de segregação racial. Ele respondeu que algumas leis são injustas.

> Temos uma responsabilidade não só legal, mas moral de obedecer a leis justas. Em contrapartida, temos a responsabilidade moral de desobedecer a leis injustas. Eu concordaria com Santo Agostinho que "uma lei injusta não é lei, de modo algum". Ora, qual é a diferença entre ambas? Como se determina se uma lei é justa ou injusta? Uma lei justa é um código feito pelo homem que se encaixa na lei moral ou na lei de Deus. Uma lei injusta é um código que não está em harmonia com a lei moral.[13]

Aqui não há separação entre trabalhar pela justiça em uma sociedade e proclamar o descontentamento de um Deus justo. Em seu grandioso discurso "Eu tenho um sonho", Martin Luther King não apelou para o individualismo secular moderno. Ele não disse: "Todos devem ser livres para definir seu próprio significado para a vida e para a verdade moral". Pelo contrário, ele citou a Escritura e conclamou sua sociedade a deixar que "corra a retidão [de Deus] como um rio, a justiça como um ribeiro perene" (Am 5.24, NIV).[14]

O mistério da misericórdia

Apesar de Jonas ter deixado os ninivitas conscientes de que o perdão era possível, essa não era a força propulsora de sua pregação. O resumo que o texto nos dá de seus sermões não é: "Em quarenta dias, Nínive *pode vir a ser* destruída", mas, sim: "Em quarenta dias, Nínive *será* destruída!". Era isso que Jonas entusiasticamente desejava e profetizava. Ele *sentia prazer em* pregar a ira. E o fez com satisfação, não com lágrimas, pois mal podia esperar que o flagelo de Deus viesse sobre eles.

Todavia, Deus respondeu com misericórdia. "Quando Deus examinou seus feitos e como eles abandonaram seus maus caminhos, ele abriu mão do desastre que tinha dito que traria sobre eles, e não o colocou em prática" (v. 10).

Com isso, Jonas se vê novamente imerso nas profundezas de seu desespero e desapontamento com Deus. Sua reação é surpreendente para o leitor, e prepara o palco para o notável capítulo final do encontro de Jonas com o Senhor.

---

1 Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation, and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press,

2011), p. 94.

2 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 97.

3 Veja Thomas S. Kidd, "The North Korean revival of 1907", The Gospel Coalition, May 2, 2017, disponível em: www.thegospelcoalition.org/blogs/evangelical- history/the-north-korean-revival-of-1907/, acesso em: 21 fev. 2019; Young-Hoon Lee, "Korean Pentecost: the Great Revival of 1907", *Asian Journal of Pentecostal Studies* 4, no. 1 (2001):73-83.

4 Veja William N. Blair; Bruce F. Hunt, *The Korean pentecost and the sufferings that followed* (Edinburgh: Banner of Truth, 1977).

5 P. Trible escreveu: "O narrador relata a radical virada teológica da cidade, ainda que não a sua conversão ao javismo". P. Trible, "Jonah", in: *The new interpreter's Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1996), vol.1, p. 513.

6 Leslie C. Allen, *The books of Joel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 225.

7 Christopher J. H. Wright, *The mission of God: unlocking the Bible's grand narrative* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2013), p. 185 [edição em português: *A missão de Deus, desenvolvendo a grande narrativa da Bíblia*, tradução de Daniel Hubert Kroker; Thomas de Lima (São Paulo: Vida Nova, 2014)].

8 Veja Timmer, *Gracious and compassionate God*, p. 41.

9 H. L. Ellison, estudioso do Antigo Testamento, conclui que os leitores atuais deveriam aprender com Jonas que os cristãos são chamados a irem às cidades e aos lugares em grande necessidade e a se envolverem em "serviços sociais" que "não sejam simplesmente […] um meio para um fim evangelístico". Veja R. E. Clements, "The purpose of the book of Jonah," *Supplement to Vetus Testamentum* 28 (1975): 18, citado em Baker; Alexander; Waltke, *Obadiah, Jonah and Micah*, p. 86.

10 Veja Trible, "Jonah", p. 516, obra em que fala do arrependimento de Nínive ao longo das classes sociais como que "abordando preocupações sistêmicas", como um encorajamento para aqueles que desejam "cura coletiva e social" para as cidades.

11 Ellul, *The judgment of Jonah*, p. 88.

12 Alec Motyer, *The prophecy of Isaiah: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1994), p. 109.

13 Martin Luther King Jr., "Letter from a Birmingham jail", April 16, 1963, disponível em: www.africa.upenn.edu/Articles_Gen/Letter_Birmingham.html, acesso em: 21 fev. 2019.

14 Martin Luther King Jr., "I have a dream" (discurso, Washington DC, August 28, 1963), disponível em: www.americanrhetoric.com/speeches/mlkihaveadream.htm, acesso em: 21 fev. 2019.

OITO
TEMPESTADES DO CORAÇÃO

> *Mas o que Deus fez foi tão terrível para Jonas que ele ardeu em fúria. E ele orou ao SENHOR e disse: "SENHOR, não foi isso que falei quando ainda estava na minha terra natal? Por isso fugi com pressa para Társis; pois sabia que tu és um Deus gracioso e compassivo, muito paciente e cheio de amor inabalável, e que também renuncia a planos de trazer destruição. Agora, pois, ó SENHOR, tira de mim a vida, pois para mim melhor é a morte do que a vida". E o SENHOR disse: "Achas bom que sintas tanta ira?"* (Jn 4.1-4).

O livro de Jonas tem o capítulo final mais inesperado e menos notado dentre todos os livros da Bíblia. A maioria das pessoas já ouviu falar da história de Jonas, mas acredita que termina com o arrependimento do profeta e sua libertação do ventre do peixe. Um número menor de pessoas é capaz de dizer que a história continua e que Jonas foi e pregou com sucesso para Nínive. Antes, quase todo mundo pensa que a história termina por aí mesmo. No entanto, há um capítulo final e surpreendente, no qual as verdadeiras lições de toda a narrativa são reveladas.

O incrível colapso de Jonas

A Assíria era a maior potência do mundo naquela época, e a mais cruel. É compreensível que, a princípio, Jonas não quisesse ir e pregar na capital do país. No entanto, quando ele finalmente anunciou que o julgamento de Deus estava próximo, houve um arrependimento em massa. Em resposta a isso, Deus suspendeu a pena e não destruiu a cidade. Essa atitude não foi nada menos do que algo surpreendente. Muitos leitores de hoje reagem com ceticismo a essa história.

Acreditamos sem demora em relatos de violência em massa, mas é mais difícil acreditarmos que as várias classes e pessoas de uma grande cidade se uniriam e concordariam em se afastar da injustiça. Entretanto, foi exatamente o que aconteceu. Isso mostra que a Palavra de Deus é mais poderosa do que podemos imaginar.

Isso nos levaria a esperar que o livro terminasse no capítulo 3 com uma nota de triunfo, uma afirmação do tipo "e Jonas retornou à sua terra regozijando-se". Em vez disso, os acontecimentos tomam um rumo inesperado. "Mas o que Deus fez foi tão terrível para Jonas que ele ardeu em fúria" (v. 1). Essa reação é chocante e inexplicável. Será que artistas ficam zangados quando um museu importante aceita sua arte em uma instalação? Ou que músicos ficam com raiva quando são ovacionados no Carnegie Hall? Por que, então, no momento que acabara de pregar para a audiência mais difícil de sua vida — e eles responderam positivamente, até o último deles —, Jonas ardeu em fúria?

O problema teológico

Qual, especificamente, era o problema de Jonas?

No versículo 2, ele diz: "SENHOR, não foi isso que falei quando ainda estava na minha terra natal?". Agora, os leitores são inteirados da discussão em andamento que Jonas vem travando com Deus o tempo todo. Os versículos 2 e 3 nos dão uma breve amostra, todavia, não é difícil imaginar o restante. "Eu *sabia* que tu poderias fazer algo assim! Essas pessoas são *más* e só mudaram porque ficaram com medo. Elas não se converteram e começaram a te adorar. Simplesmente prometeram que começarão a mudar — e tu concedes misericórdia a elas por isto! É bom que sejas um Deus de misericórdia, mas desta vez foste longe demais!".

O nome Yahweh, traduzido por "SENHOR", não aparece desde o capítulo 2, mas agora Jonas literalmente clama: "Ai, Yahweh!". Esse é o nome pessoal e aliancístico de Deus, que ele revelou apenas ao seu povo, Israel, e é justamente o pacto de Deus com Israel que Jonas tem em mente. O Senhor havia prometido preservar Israel e realizar seus propósitos no mundo por meio desse povo. Como pode Deus cumprir suas promessas de preservar seu povo e, ao mesmo tempo, mostrar misericórdia aos inimigos

de seu povo? Como ele pode dizer ser um Deus de justiça e permitir que tamanha maldade e violência fiquem impunes?

Na mente de Jonas, portanto, a questão toda é teológica. Parece haver uma contradição entre a justiça e o amor de Deus. "Ele sabia que Deus amava Israel e estendia sua misericórdia a seu povo escolhido; mas sentia, até a medula, que esse amor especial de Deus [...] não deveria ser estendido a gentios, sobretudo os maus como os habitantes de Nínive".[1]

A questão do coração

No entanto, a raiva imensa de Jonas mostra que ele não ficou apenas perplexo diante de um enigma teológico. Quando ele diz que quer morrer (v. 3) e Deus, com extraordinária gentileza, repreende-o por sua raiva desmedida (v. 4), vemos que o verdadeiro problema de Jonas encontrava-se no nível mais profundo de seu coração. Talvez pudéssemos dizer que todos os problemas teológicos se manifestam não apenas em nosso intelecto, mas também em nossos compromissos, desejos e identidade.

Na realidade, quando Jonas diz: "Sem isso não tenho vontade de continuar a viver", ele está dizendo que perdeu algo que havia substituído Deus como a principal alegria, razão e o maior amor de sua vida. Ele tinha um relacionamento com Deus, mas havia algo que valorizava mais do que o Senhor. Sua fúria explosiva mostra que ele está disposto a descartar seu relacionamento com Deus se não conseguir o que tanto preza. Quando a pessoa diz: "Eu não vou te servir, Deus, se tu não me deres tal coisa X", então, esse X é seu ponto mais crucial, seu maior amor, seu verdadeiro deus, a coisa em que mais confia e descansa. Jonas está dizendo a Deus, este que deveria ser a única fonte real do sentido de sua vida: "Não me resta nenhuma fonte de sentido na vida!".

Mas, afinal, o que era isso para Jonas? O arrependimento de Nínive agradava a Deus, todavia, ameaçava os interesses nacionais de Israel. A vontade de Deus e o destino político de Israel pareciam divergir. Um teria de ser escolhido, e Jonas não deixa dúvidas sobre qual dessas duas preocupações era mais importante para ele. Evidentemente, qualquer um que se importasse com o próprio país teria ficado ansioso com a sobrevivência da Assíria. Era uma nação terrorista. Jonas, porém, não se voltou para Deus com sua ansiedade, nem confiou nele como tantos dos

salmistas já haviam confiado. Se tivesse de escolher entre a segurança de Israel e a lealdade a Deus, bem, ele estava pronto para colocar Deus em segundo plano. Isso não é apenas preocupação e amor pelo país; isso é uma espécie de deificação da pátria.

Há alguns anos, estava pregando sobre essa passagem em Jonas e, após o sermão, um dos presentes expressou seu descontentamento. Ele achava que eu não deveria ter criticado Jonas. Disse-me: "Jonas era apenas um bom patriota. Todos devemos ser patriotas". Respondi-lhe que, embora o amor ao país e ao seu povo seja uma coisa boa, pode se tornar excessivo, desproporcional, como qualquer outro amor. Se o amor pelos interesses do seu país levar alguém a explorar pessoas ou, como no caso de Jonas, a torcer para que uma classe inteira de pessoas se perdesse espiritualmente, então esse alguém ama mais sua nação do que a Deus. E isso, qualquer que seja a definição, é idolatria.

Como missionário, Jonas deveria ter ficado feliz pelo fato de os ninivitas terem dado um primeiro passo. Chegar à plena fé em Deus não é algo que costuma acontecer da noite para o dia, como aconteceu com os marinheiros no barco em que Jonas estava. As pessoas da cidade mostraram disposição de se arrepender, e Jonas deveria ter se preparado para ajudá-las a continuar essa jornada, ensinando-lhes sobre o caráter desse novo Deus, o Senhor, e o que significa estar em um relacionamento de aliança com ele. Em vez disso, ele ficou furioso pelo simples fato de terem começado a se mover em direção a Deus. Em vez de voltar à cidade para ensinar e pregar, ele ficou lá do lado de fora, na esperança de que talvez Deus ainda os julgasse (Jn 4.5).

Quando cristãos valorizam mais os próprios interesses e a própria segurança do que o bem e a salvação de outras raças e etnias, estão pecando como Jonas. Se valorizam o crescimento econômico e militar de seu país em detrimento do bem da raça humana e da promoção da obra de Deus no mundo, estão pecando como Jonas. Sua identidade está mais enraizada em sua raça e nacionalidade do que no fato de serem pecadores salvos e filhos de Deus. O amor legítimo que Jonas sentia por seu país e povo havia se tornado excessivo, grande demais, e estava rivalizando com Deus. O orgulho legítimo que alguém sente por sua raça pode se transformar em racismo. Sentimentos legítimos de orgulho nacional e patriotismo podem se transformar em imperialismo.

Mau uso da Bíblia

Quando começa a repreender o Senhor, Jonas cita para Deus as palavras do próprio Deus. Elas estão em Êxodo 34.6, 7, texto em que Deus se revela a Moisés e diz que é um Deus "compassivo e misericordioso" e que "perdoa a iniquidade". "Jonas coloca Deus contra Deus [...] tudo para se justificar".[2] Ele faz uma leitura seletiva da Bíblia, ignorando a última parte de Êxodo 34.7, na qual está escrito que Deus não deixa "culpados sem castigo". Ele cria a imagem simplista de um Deus que simplesmente ama a todos sem julgar o mal. Ele usa o texto sagrado para justificar sua indignação desmedida, raiva e amargura desproporcionais.

O que Jonas está fazendo é um grande perigo para pessoas religiosas, até mesmo para os cristãos mais devotos. É possível usar a Bíblia de forma seletiva para se justificar.[3] Um exemplo disso é o do erudito que "disseca a Escrituras para confrontá-la com a própria Escritura" a fim de minar a autoridade da Bíblia, de modo que não precisemos obedecê-la. Outro exemplo é o do "cristão comum que abre sua Bíblia para se achar justificado [...] diante daqueles que não são cristãos ou que são cristãos, mas não têm a mesma visão, com argumentos que mostram quão superior é a minha posição frente a dos outros".[4] Sempre que lemos a Bíblia com o intuito de dizer: "Aha! Eu estou certo!"; sempre que a lemos para nos sentir justos e sábios aos nossos próprios olhos, estamos usando a Bíblia para nos fazer de tolos ou coisa pior, uma vez que a Bíblia diz que a marca dos tolos perversos é ser "sábio a seus próprios olhos" (cf. Pv 26.12).

Em outras palavras, se nos sentimos mais justos quando lemos a Bíblia, nós a estamos lendo erroneamente; estamos perdendo sua mensagem central. Somente estamos lendo e usando a Bíblia de forma correta quando ela nos humilha, nos critica e nos encoraja com o amor e a graça de Deus, apesar de nossas falhas.

> Pois tudo o que [a Bíblia] nos ensina sobre nós mesmos é para percebermos que não somos justos, que não temos meios de nos justificar, que não temos [...] nenhum direito de condenar os outros e ter direitos contra eles, e que [...] apenas um ato gracioso de Deus [...] pode nos salvar. É isso o que a Escritura nos ensina, e, se nos apegarmos a isso, ler a Bíblia torna-se algo útil e saudável e produz frutos em nós.[5]

Ellul conclui que, se usarmos a Bíblia para inflar nosso próprio ego por nossa retidão e justiça e para denunciar todos os demais, então, estudar a Escritura "torna-se uma fonte de morte e obra de Satanás".[6] O outro exemplo que temos de alguém que cita e distorce a Bíblia para resistir a Deus é quando Satanás a cita contra Jesus no deserto (Mt 4.1-11). Na verdade, o uso que Jonas fez da Bíblia não lhe trouxe alegria, antes, levou-o à beira do desespero. Ele pede que Deus lhe tire a vida.

O problema da autojustificação

Olhando em retrospectiva, veremos que havia uma pista desse futuro colapso de Jonas em sua oração no ventre do grande peixe.

Jonas tinha fugido, primeiramente, por achar que Deus seria misericordioso com os inimigos de Israel e, portanto, a seu ver, injusto. Então, no capítulo 2, foi confrontado com a realidade de que *ele próprio* precisava de misericórdia e de que não tinha a menor esperança se Deus fosse plenamente justo para com ele e lhe desse apenas o que merecia. Dessa forma, na barriga do peixe, Jonas recebeu uma compreensão mais profunda de sua necessidade de graça.

No entanto, bem no final de sua oração, ele diz que aqueles que se apegam a ídolos perdem o amor de Deus (Jn 2.8). Jonas tinha percebido um pouco de sua necessidade de graça, mas ainda sobrara um resquício de orgulho. Os pagãos têm ídolos — contudo, não ele! Sim, claro que ele precisava de misericórdia, mas certamente ele não estava no mesmo nível dessas pessoas. Certamente ele ainda tinha algum mérito espiritual — ainda tinha *alguns* direitos sobre Deus. O psicólogo social Jonathan Haidt concluiu, com base em sua pesquisa, que "a autojustificação é uma condição humana normal".[7] Isso se encaixa com o que a Bíblia diz sobre o inevitável desejo humano de se justificar por meio de desempenho e esforço, e, portanto, de "se vangloriar" por coisas como retidão, raça e ascendência ou realizações (cf. Jr 9.23-26; Rm 3.27-31).

A justiça própria de Jonas diminuíra um pouco, contudo, não fora destruída. Ele bradou: "A salvação vem somente do SENHOR!", e também disse, é fato, "mas não sou como esses pagãos terríveis!" (Jn 2.8,9). É por isso que ele ainda estava suscetível ao desastre espiritual que lhe aconteceu, depois que Deus mostrou misericórdia para com Nínive. Jonas ainda sentia,

até certo ponto, que a misericórdia tinha de ser merecida e que eles não a mereciam.

Aprendemos com Jonas que compreender a graça de Deus — e ser por ela transformado — sempre requer uma longa jornada com sucessivas etapas. Não pode acontecer em uma única experiência catártica ou catastrófica (como ser engolido por um grande peixe!).

Durante a construção da estrada interestadual 79, que vai de Pittsburgh ao Lago Erie, um trecho permaneceu inacabado por anos por causa de um pântano que precisava ser atravessado. Eles continuavam colocando estacas, tentando finalmente alcançar o fundo do pântano, para que a ponte não afundasse. Mas, sempre que achavam que tinham chegado ao leito da rocha, as estacas cediam e eles tinham de perfurar mais fundo.

Assim era o coração de Jonas. Toda vez que parecia ter chegado ao fundo com respeito a Deus e a sua graça, descobria-se que ele precisava ir ainda mais fundo. O que significa chegar ao "leito da rocha" no coração de alguém? Se você disser: "Eu obedecerei a ti, Senhor, *se* me deres aquilo", então esse "aquilo" é inegociável e Deus é apenas um meio para um fim. E esse "aquilo" — seja lá o que for — é a verdadeira base, o verdadeiro "leito da rocha". É mais fundamental para a sua felicidade do que o próprio Deus.

Enquanto houver algo mais importante que Deus para seu coração, você será como Jonas: frágil e hipócrita quanto à sua autojustificação. Seja lá o que esse algo for, gerará orgulho e uma inclinação para desprezar aqueles que não o tiverem. Também fomentará medo e insegurança. Como é a base para sua felicidade, se alguma coisa ameaçar isso, você se verá dominado por raiva, ansiedade e desespero.

Alcançar a base do coração com a graça de Deus é reconhecer todas as maneiras pelas quais transformamos coisas boas em ídolos, bem como todas as maneiras de salvarmos a nós mesmos. É, em vez disso, finalmente reconhecer que vivemos totalmente pela graça de Deus. Então, começaremos a servir ao Senhor não para obter coisas dele, mas apenas por *ele mesmo*, por sua própria causa, apenas por quem ele é, pela alegria de conhecê-lo, agradá-lo e nos tornarmos semelhantes a ele. Quando chegamos ao fundo do leito de pedra em relação à graça de Deus, ela começa a nos drenar, de modo vagaroso, mas seguro, tanto da autojustificação quanto do medo.

Deus repreende Jonas calmamente com uma pergunta: "Achas bom que sintas tanta ira?" (Jn 4.4). A ira em si não é errada. Se a gente ama alguma coisa e ela é ameaçada ou prejudicada, a ira é a resposta adequada. Mas uma ira como a de Jonas — desproporcional e que é fruto de autojustificação e medo — é um sinal de que aquilo que Jonas ama é um deus falso. Ele está excessivamente comprometido com sua raça e nação. Deus terá de tratar dessa idolatria se Jonas quiser um dia alcançar a paz infinita de descansar somente na graça de Deus.

---

1 Peter C. Craigie, *Twelve prophets Hosea, Joel, Amos, Obadiah, Jonah* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1984), vol.1, p. 233.

2 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 74.

3 Ibidem.

4 Ibidem.

5 Ellul, *The judgment of Jonah*, p. 75.

6 Ibidem.

7 Jonathan Haidt, *The righteous mind: why good people are divided by politics and religion* (New York: Vintage, 2013), p. xix, xx.

NOVE

O CARÁTER DA COMPAIXÃO

E o SENHOR disse: "Achas bom que sintas tanta ira?". Jonas, então, deixou a cidade e sentou-se a leste dela, onde fez um abrigo para si. Ele sentou-se sob a sombra, esperando para ver o que aconteceria com a cidade. Para libertá-lo de seu abatimento, o SENHOR Deus designou que uma planta crescesse rapidamente sobre Jonas, para lhe fazer sombra sobre a cabeça. E Jonas ficou encantado e contente por causa da planta. Mas, no amanhecer do dia seguinte, Deus designou que um verme atacasse a planta, de modo que ela secou. E quando o sol se elevou mais alto, Deus designou um vento leste lancinante, e o sol bateu na cabeça de Jonas, de modo que ele sentiu fraqueza e vertigem. E ele ansiava por morrer, pensando: "É melhor eu morrer do que viver". Mas Deus disse a Jonas: "Achas bom que fiques tão zangado e abatido por causa da planta?". E ele disse: "Sim, acho. Estou zangado e abatido o suficiente para morrer". E o SENHOR disse: "Tu tiveste compaixão da planta que não plantaste, não fizeste crescer e que veio a existir e pereceu em uma noite. Não deveria eu ter compaixão de Nínive, aquela grande cidade, na qual há tanto gado e mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem diferenciar a mão direita da esquerda?" (Jn 4.4-11).

O Deus que é paciente

Jonas aparentemente teve uma experiência de conversão no ventre do peixe. Ele compreendeu a graça de Deus e obedeceu ao mandamento de pregar a Palavra de Deus destemidamente. E profetizou que a ira de Deus estava prestes a se precipitar — mas, então, nada aconteceu. Ele se sentiu como um tolo. Os ninivitas mereciam o juízo de Deus. Por que estender misericórdia a eles? A ira de Deus havia alcançado Jonas naquela tempestade letal, à qual ele sobreviveu apenas por causa da misericórdia de Deus. Ele também merecia juízo, recebeu misericórdia e ficou feliz por isso. Agora tudo isso foi esquecido. Jonas age como o servo ingrato que, tendo sido perdoado, recusa-se a perdoar os outros (Mt 18.21-35).

Apesar de tudo, Deus é paciente com ele. Enquanto Jonas retorna à mesma postura inicial, oposição irada a Deus. Desta vez, no entanto, Deus não envia uma tempestade violenta; ao contrário, começa a aconselhá-lo gentilmente. E faz a Jonas o tipo de pergunta que um terapeuta faria: "Achas bom que sintas tanta ira?" (Jn 4.4).

Tudo isso é, ao mesmo tempo, uma lição de humildade e um forte consolo. Muitas vezes damos às pessoas a impressão de que "após a conversão tudo se torna às mil maravilhas, não há mais problemas e estamos automaticamente em sintonia com a vontade de Deus [...] Não é difícil, mas, sim, amável fazer o que Deus exige de nós". "Paulo", ao contrário, "fala de dois homens que lutam dentro dele [o 'velho homem' e o 'novo homem']. Jonas também mostra a mesma coisa [...]. Continuamos sendo pecadores" (cf. Gl 5.17; Ef 4.22-24). É claro que não podemos usar essa desculpa para justificar o mau comportamento, mas podemos obter o mais profundo conforto ao ver que "Deus conhece por inteiro o [coração humano] [...] que isso não esgota o seu amor e a sua paciência e que ele continua a tomar pela mão essa criança rebelde".[1]

O Deus que chora

Deus vem até Jonas mais uma vez e começa a argumentar com ele. Que estratégia ele usa com seu profeta deprimido e espiritualmente cego?

Jonas ainda nutre uma dose bem grande de autojustificação. Sua reação à misericórdia de Deus prefigura a do irmão mais velho da Parábola do Filho Pródigo, que Jesus conta em Lucas 15. Quando Jonas vê que Deus começa a ter misericórdia de pecadores, fica ofendido. Há uma relação de ira dele para com Deus em 4.1-5. Depois disso, Jonas decide ficar perto da cidade, fazendo para si um abrigo temporário. Apesar de Deus ter dito que a execução do juízo estava suspensa, Jonas ainda queria ver "o que aconteceria com a cidade", o que significa que ainda tinha esperanças de que Deus não pouparia Nínive por um período de tempo muito longo.[2]

Para deixar Jonas mais confortável, Deus designou que um *gigayon* — uma planta frondosa — crescesse. Comentaristas identificaram-na como a planta a partir da qual é feito o óleo de rícino, também conhecida como mamona, que cresce muito rapidamente e fornece sombra com suas folhas largas.[3] É dito que Jonas ficou "encantado e contente", palavras que

expressam uma intensidade fora do comum. Quando a pessoa está sentindo profundo desânimo e pesar, às vezes pequenos consolos podem ser particularmente encorajadores. A autopiedade pode ter desempenhado seu papel nessa alegria que ele sentiu por causa da planta. Pode ser que Jonas tenha dito a si mesmo: "Bem, finalmente algo está dando certo para mim".

Jonas, por conseguinte, fica ainda mais chocado e zangado quando Deus envia um verme para roer e fazer murchar a planta, justamente quando um período de clima brutalmente quente e com muito vento está começando. "Inacreditável!", podemos imaginá-lo dizendo, "Além de tudo o que já aconteceu, mais isso? Por que Deus não pode me dar um tempo?". A ira de Jonas ganha forças junto com seu desespero. "Estou zangado e abatido o suficiente para morrer", diz ele (Jn 4.9). Ainda assim, tudo isso foi uma preparação para o próximo ataque de Deus à justiça própria de Jonas. O discurso de Deus para Jonas que se seguirá é breve, mas contundente e lógico.

Os filósofos antigos falavam do "amor da benevolência". Significava fazer coisas boas e úteis para as pessoas mesmo quando não gostasse delas. Era um exercício da vontade. Implica praticar ações amorosas mesmo que seu coração não tenha sido tomado de afeição por alguém. Em contraste, havia o "amor do apego", segundo o qual você ama alguém porque tem seu coração ligado a essa pessoa por atração e desejo amoroso. Os filósofos estoicos gregos insistiam que Deus era caracterizado pela *apatheia*. Deus certamente poderia fazer coisas amorosas, mas um deus não poderia ter o coração apegado a meros seres humanos.[4] É por se diferenciar tanto disso que a linguagem de Deus aqui é tão chocante.

A palavra usada nos versículos 10 e 11 para "compaixão" significa ficar triste com alguém ou algo, com o coração partido, chorar por isso.[5] Deus disse: "Tu tiveste compaixão da planta" (v. 10). Em outras palavras, Deus está dizendo: "Você chorou por ela, Jonas. Seu coração se apegou a essa planta. Quando ela morreu, isso o entristeceu". Então, o que Deus está dizendo, em essência, é: "Você chora por plantas, mas eu tenho compaixão por pessoas".

Para Deus, aplicar essa palavra a si mesmo é algo radical. Essa é a linguagem do apego emocional. Deus chora pela maldade e perdição de Nínive. Quem dedica seu amor a alguém só consegue ser feliz se esse alguém for feliz. A aflição dessa pessoa, em contrapartida, também se torna

sua aflição. O amor do apego nos torna vulneráveis ao sofrimento e, no entanto, é isso que Deus diz sobre si mesmo — nessa passagem e em outras (cf. Is 63.9). Gênesis 6.6 diz que, quando Deus viu a perversidade que reinava na terra, "seu coração se encheu de dor" (NCV).[6] Embora essa linguagem não possa significar que o Deus eterno e imutável perca parte de sua onipotência ou soberania, é uma declaração forte diante da qual devemos nos maravilhar.[7]

A maioria dos nossos apegos emocionais mais profundos como seres humanos é involuntária. Jonas não olhou para a planta e disse: "Vou fazer meu coração se apegar a você com carinho". Temos muitas necessidades e nos apegamos emocionalmente a coisas que as atendam. Deus, no entanto, não precisa de nada. Ele é total e perfeitamente feliz em si mesmo, e não precisa de nós. Então, como ele pode se apegar a nós?

A única resposta possível é que um ser divino infinito, onipotente e autossuficiente ama apenas e tão somente de forma voluntária. O universo inteiro não é maior para Deus do que um mero fiapo é para nós, e somos menores que as fibras de um fiapo. Como Deus pode se afeiçoar a nós? Como ele pode dizer: "O que acontece com Nínive me comove. Isso me toca e me entristece"? Tudo isso significa que Deus voluntariamente envolve seu coração. Em outras passagens, vemos Deus olhando para Israel, que se afunda no mal e no pecado, e falando que o coração dele literalmente se comove dentro dele. "Como posso desistir de você, Efraim? Como posso te entregar nas mãos de outros, Israel? […] Meu coração se comove dentro de mim; a minha compaixão se torna cálida e suave" (Os 11.8, ESV).

O Deus que é generoso

A compaixão de Deus não é uma abstração, mas, sim, uma realidade. Ela se manifesta não apenas em sua atitude, mas em suas ações para com os seres humanos. É intrigante o fato de que ele fala desses pagãos violentos e pecadores como pessoas "que não sabem diferenciar a mão direita da esquerda" (Jn 4.11). Essa é uma maneira extremamente generosa de olhar para Nínive! É uma figura de linguagem que significa que eles estão espiritualmente cegos, perderam-se no caminho e não têm a menor ideia da fonte de seus problemas ou do que fazer a respeito deles. Obviamente, a ameaça divina de destruir Nínive mostra que essa cegueira e ignorância não

é, em última instância, desculpa para o mal que fizeram, no entanto, ela também demonstra simpatia e compreensão notáveis.

Há muitas pessoas que não têm ideia alguma de por que eles deveriam viver, do sentido de sua vida, tampouco têm qualquer parâmetro para distinguir o certo do errado. Deus olha para as pessoas que se encontram nesse tipo de nevoeiro espiritual, nessa estupidez espiritual, e não diz: "Seus estúpidos". Quando olhamos para pessoas que causaram problemas a si mesmas por sua própria tolice, dizemos coisas do tipo: "Fizeram por merecer", ou zombamos delas nas mídias sociais: "Que tipo de imbecil diz algo assim?". Quando vemos adeptos de outro partido político serem derrotados, simplesmente nos regozijamos. Tudo isso não passa de uma maneira de nos distanciarmos deles. E fazemos isso em parte por orgulho e em parte porque não queremos que a infelicidade deles seja a nossa. Contudo, Deus não faz isso. A verdadeira compaixão, o apego voluntário do nosso coração aos outros, significa que a tristeza de sua condição nos deixa tristes, nos afeta. Isso é profundamente incômodo, mas faz parte do caráter da compaixão.

Não poderia haver acusação maior da mesquinhez sovina de Jonas — a qual João Calvino chama de seu maior pecado, a saber, o fato de que ele era "muito desumano" em sua atitude em relação a Nínive — do que a evidente generosidade de espírito, da parte de Deus, para com a cidade.[8]

"Eles não sabem o que fazem"

Se você está familiarizado com o Novo Testamento, é impossível que leia sobre esse Deus generoso sem que se lembre de Jesus. Deus está dizendo a Jonas: "Estou chorando e lamentando por esta cidade — por que você não está? Se é meu profeta, por que não tem a mesma compaixão que eu?". Jonas não chorou pela cidade, mas Jesus, o verdadeiro profeta, sim.

Em sua última semana de vida, Jesus estava entrando em Jerusalém. Ele sabia que sofreria nas mãos dos líderes e da turba da cidade, mas, em vez de ficar cheio de ira ou mergulhado em autopiedade, como Jonas, quando "viu a cidade, chorou sobre ela e disse: 'Se você, mesmo você, apenas soubesse neste dia o que lhe traria a paz — mas agora isso está oculto aos seus olhos […] porque você não reconheceu o tempo da vinda de Deus para você'" (Lc 19.41,42,44, NIV). "Jerusalém, Jerusalém […] quantas vezes desejei reunir

seus filhos, como uma galinha ajunta seus filhotes sob as asas, e vocês não estavam dispostos" (Lc 13.34, NIV).

Na cruz, Jesus clamou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23.34, NIV). Jesus está dizendo: "Pai, eles estão me torturando e me matando. Estão me negando e me traindo. Mas nenhum deles, nem mesmo os fariseus, realmente entendem por completo o que estão fazendo". Só nos resta olhar maravilhados para um coração assim. Jesus não está dizendo que eles não são culpados de sua transgressão. Eles são, e por isso precisam de perdão. Ainda assim, Jesus também está lembrando que eles estão confusos, bastante perdidos e de certa forma são incapazes de reconhecer o horror do que estão fazendo. Aqui está um coração perfeito — perfeito em amor generoso — que não dá desculpas, que não condena duramente. Ele é o Deus que chora, o Deus de Jonas 4, em forma humana.

Há mais de um século, o grande teólogo de Princeton B. B. Warfield escreveu um notável ensaio acadêmico intitulado "A vida emocional de nosso Senhor", no qual considerou todas as ocasiões registradas nos evangelhos que descreviam as emoções de Cristo. Ele concluiu que, de longe, a declaração mais típica da vida emocional de Jesus era a frase "ele foi movido de compaixão", frase que, em grego, significa literalmente que ele ficou comovido até as profundezas de seu ser.[9] A Bíblia registra Jesus Cristo chorando vinte vezes para cada vez que registra que ele ri. Ele era um homem de dores, e não porque fosse de natureza depressiva. Não, ele tinha enorme alegria no Espírito Santo e em seu Pai (cf. Lc 10.21), e, ainda assim, se entristeceu muito mais do que riu, pois sua compaixão o conectou conosco. Nossa tristeza o deixa triste; nossa dor lhe traz dor.

Jesus é o profeta que Jonas deveria ter sido. No entanto, não há dúvida, ele é infinitamente mais do que isso. Jesus não apenas chorou por nós; ele morreu por nós. Jonas saiu da cidade, esperando testemunhar sua condenação; Jesus Cristo, porém, saiu da cidade para morrer numa cruz, a fim de alcançar nossa salvação.

Aqui Deus diz que estava sofrendo por Nínive, o que significa que ele estava permitindo que o mal da cidade pesasse sobre ele. Em algum sentido misterioso, ele está sofrendo por causa do pecado da cidade. Quando Deus veio ao mundo em Jesus Cristo e foi para a cruz, no entanto, ele não experimentou só a dor emocional, mas todo o tipo de dor em dimensões

inimagináveis. A dor física agonizante da crucificação incluía tortura, sufocação lenta e morte excruciante. Mesmo depois de tudo isso, quando Jesus estava pendurado na cruz, ele sofreu a dor infinita e mais insondável de todas: a separação de Deus e de todo amor, a alienação eterna, o salário do pecado. Ele fez tudo por nós, movido por sua inimaginável compaixão.

"Deus é um personagem complexo"

Isso nos traz de volta ao problema teológico de Jonas.

Como pode Deus se arrepender de julgar os malfeitores? Como ele pode perdoar e não punir o pecado? Muitas pessoas hoje no Ocidente não se incomodam com a misericórdia de Deus porque não aceitam a ideia de um Deus que julga. Elas querem um "Deus de amor", entretanto, um Deus que não fica indignado quando o mal destrói a criação que ele ama, não é, afinal, um Deus amoroso. Se você ama alguém, deve ficar irado, e ficará, se algo ameaçar destruir essa pessoa. Como alguns já apontaram, uma pessoa precisa ter tido uma vida bastante confortável — sem nenhuma experiência com opressão e injustiça — para não querer um Deus que pune o pecado. Um escritor que havia testemunhado o genocídio em sua terra natal escreveu que "é preciso o silêncio e a tranquilidade de um lar suburbano para o nascimento da tese" de que devemos desejar um "Deus que se recusa a julgar". E acrescentou que "em uma terra castigada pelo sol", encharcada de sangue dos inocentes", essa ideia "invariavelmente morrerá".[10]

Portanto, se Deus é Deus, deve punir o mal. Então, como ele pode também ser misericordioso? Como pode um Deus santo e justo perdoar aqueles que merecem castigo divino? Como Deus pode ser perfeitamente santo e, ao mesmo tempo, inteiramente amoroso?

Muitos compartilham da dificuldade de Jonas. Há alguns anos, eu estava fazendo um estudo do livro de Jonas com uma mulher que tinha muito pouca formação religiosa. Quando terminamos, a mulher, que era crítica de arte e hábil em ler literatura, recostou-se e simplesmente ficou maravilhada. Ela disse que sempre pensou na Bíblia como um livro basicamente marcado pelo melodrama. As histórias melodramáticas tinham personagens unidimensionais que eram ou inteiramente bons ou inteiramente maus. Ela continuou: "E eu pensava que o Deus da Bíblia não passava de uma figura melodramática, que feria os pagãos e abençoava os

crentes", dizia ela. "Mas o Deus deste livro não é nada disso. Ele é um personagem extremamente *complexo*. Ele às vezes abençoa os crentes e julga os pagãos, todavia, em outros momentos, abençoa os pagãos e pune os crentes. Ele não é apenas um ser de ira ou de amor — ele é tanto uma coisa quanto outra, e de formas imprevisíveis". Como ele pode ser as duas coisas ao mesmo tempo?[11]

Em Êxodo 33.18, Moisés pede para ver a glória de Deus. Deus lhe responde que ver sua glória seria fatal, mas se propõe a abrigá-lo na fenda de uma rocha, a fim de permitir que "toda a minha bondade" passe diante de Moisés, embora ele irá ver apenas "minhas costas" (Êx 33.23). Então, quando Deus se mostra a Moisés, em Êxodo 34.6,7, e toda a bondade de Deus passa diante dele, Moisés ouve Deus colocar sua bondade em forma verbal. Ele diz que é "compassivo e gracioso […] perdoa a maldade, a rebelião e o pecado", mas, então, acrescenta: "ainda assim, não deixa impune o culpado". Você se lembra da acusação de Jonas, que usa as próprias palavras de Deus em Êxodo 34? Essa segunda parte da declaração de Deus a Moisés é a que Jonas erroneamente deixou de fora. Deus disse a Moisés que ele é *tanto* compassivo *quanto* empenhado em punir o mal. Ambos são aspectos de sua bondade que Deus declara. Ele diz: "Eis aqui *toda* a minha bondade. Eu sou infinitamente amoroso e quero perdoar todo mundo, e sou infinitamente justo e nunca deixo o pecado ficar impune".

Parece uma impressionante contradição, mas, após refletir um pouco, é possível ver que essa única palavra, "bondade", une esses traços aparentemente contraditórios. Por que Deus deve punir o pecado? Porque ele não seria perfeitamente bom se negligenciasse o mal. Mas, então, por que Deus não quer que as pessoas se percam? Porque ele é bom demais, no sentido de ser amoroso. Ele não seria perfeitamente bom se deixasse que todos perecessem. Portanto, sua justiça e seu amor, longe de estarem em desacordo, são ambos simplesmente funções de sua bondade. Deus não poderia ser infinitamente e perfeitamente bom, a menos que fosse infinitamente amoroso e perfeitamente justo.

Contudo, ainda sentimos uma contradição. Não vemos *como* ele pode punir o pecado *e* aceitar e perdoar os pecadores. Fazemos o seguinte raciocínio: ou Deus é perfeitamente justo, e então só amará pessoas que obedecerem a todos os mandamentos, ou ele é perfeitamente amoroso, e negligenciará muitos pecados que deveriam de fato ser punidos.

Acreditamos que Deus não poderia ser *totalmente* bom sendo inteiramente justo e inteiramente amoroso ao mesmo tempo. Se tivéssemos vivido na mesma época da história redentora que Moisés ou Jonas, nós, assim como eles, não veríamos um caminho real adiante. Moisés viu apenas as "costas" de sua bondade. Ela permaneceu um mistério para ele, assim como era para Jonas.

No entanto, não nos encontramos na mesma posição em que eles estavam.

Em João capítulo 1, o evangelista tem a audácia de dizer: "Jesus Cristo se fez carne e [literalmente] *tabernaculou* entre nós" (Jo 1.14, NIV). O uso desse termo evoca deliberadamente a história de Moisés, uma vez que a glória de Deus habitava no tabernáculo. Paulo também diz que vemos "a luz do conhecimento da glória de Deus exibida na face de Cristo" e que é "a luz do evangelho que exibe a glória de Cristo" (2Co 4.4,6, NIV).

Por meio de Jesus Cristo, e somente dele, podemos ver *toda* a bondade de Deus que Moisés não pôde ver e que Jonas não pôde discernir. Se Jesus Cristo morreu na cruz por nossos pecados, é assim que Deus pode ser infinitamente justo, porque todo pecado foi punido lá, e é assim que Deus pode ser infinitamente amoroso, porque ele tomou nosso pecado para si mesmo.

Se você não crê no evangelho de Jesus Cristo, pode ser que acredite em um Deus que apenas aceita a todos, não importa de que modo eles vivam ou se comportem. Isso pode ser um pouco reconfortante, mas será que é eletrizante e glorioso? Ou pode ser que tenha um Deus que seja somente justo, e a única maneira de chegar ao céu é se você viver uma vida excepcionalmente boa. Isso pode ser estimulante, mas será que é belo? Isso o comove e transforma seu coração?

Somente quando você olha para o evangelho de Jesus Cristo é que toda a bondade de Deus passa diante de você, e não mais, apenas, as costas. Agora você sabe como ele fez isso. Lá está a glória de Deus na face de Cristo por meio do evangelho.[12]

A bondade e a severidade de Deus

Na cruz, a justiça de Deus reivindicou o castigo pleno pelo pecado no mesmo momento que propiciou a salvação gratuita a todos os que creem.

Na cruz, tanto a justiça quanto o amor de Deus cooperam plenamente, manifestam-se e brilham de forma resplandecente. "Deus apresentou Cristo como sacrifício de expiação por meio do derramamento de seu sangue — a ser recebido mediante a fé [...], a fim de ser justo e justificador de quem tem fé em Jesus" (Rm 3.25,26). Nas palavras de Martinho Lutero, quando um cristão crê, este é *simul justus et peccator* — simultaneamente justo aos olhos de Deus, e ainda assim pecador.

Mesmo que Jonas nunca tenha recebido uma resposta para sua pergunta sobre como Deus pode ser simultaneamente gracioso e justo, sua própria história mostra tanto a bondade quanto a severidade de Deus ao vivo e a cores. Por um lado, Jonas recebe graça sobre graça. Talvez nenhum outro profeta do Antigo Testamento pareça tão mau quanto Jonas. Jeremias e Habacuque muitas vezes lutaram com as mensagens que Deus lhes tinha dado para que transmitissem ao povo. Jonas, no entanto, literalmente fugiu do Senhor, em vez de anunciar sua Palavra.

Elias ficou desesperado a ponto de pedir para morrer (1Rs 19.4), mas isso aconteceu porque o povo não acreditou em sua pregação. Jonas também pede para morrer (Jn 4.3), todavia, foi *porque* as pessoas acreditaram nele. Em todos os pontos da história, o conceito de Jonas cai cada vez mais baixo nos testes, não apenas em comparação com outros profetas antes dele, mas também com os pagãos profanos ao seu redor, supostamente ignorantes. Ainda assim, Deus continua a salvá-lo, a ser paciente com ele, a trabalhar com ele.

Por outro lado, não é que Deus simplesmente aceita Jonas e o deixa em paz. Ele não permite que Jonas permaneça sossegado em suas atitudes e padrões de comportamento tolos e equivocados. Deus envia uma tempestade, um grande peixe, uma planta. Ele o comissiona repetidamente e, no final, o aconselha e discute diretamente com ele. Aqui vemos a justiça e o amor de Deus trabalhando em conjunto. Ele é, ao mesmo tempo, demasiadamente santo e amoroso para destruir Jonas ou para permitir que Jonas permaneça do jeito que está, assim como é demasiadamente santo e amoroso para permitir que permaneçamos como estamos.

O livro de Jonas, na verdade, nos mostra que Deus muitas vezes é um personagem intrincado e complexo. Com isso não estou negando a doutrina cristã histórica da "simplicidade" de Deus, a saber, que Deus não é composto por "partes", mas, sim, que todos os atributos de Deus são, em última

instância, um com os demais. Deus não tem em si uma parte de "amor" e uma parte de "justiça" que devam ser reconciliadas. O que vemos como algo que está em tensão é, em última análise, uma unidade perfeita.

No entanto, essa unidade só pode ser vista à luz da obra de Jesus Cristo. Ficar confuso ou zangado com Deus é bastante natural. Contudo, se permanecermos nessa situação, tendo a mesma postura de Jonas, será porque não abraçamos o evangelho da salvação mediante a fé em Cristo somente, o evangelho do qual o próprio Jonas foi um sinal.

O final em suspenso

Uma das características mais notáveis do livro de Jonas é seu surpreendente final "em suspenso". A história toda mostra Deus correndo atrás de Jonas; primeiro, com uma tempestade assustadora, depois, com perguntas e argumentos gentis. No entanto, embora os métodos variem, o objetivo permanece o mesmo. Deus quer que Jonas olhe para si mesmo, reconheça as maneiras pelas quais ele continua a negar a graça de Deus e os modos pelos quais ele se apega à sua própria justiça. Então Deus lhe faz uma pergunta final: "Você não quer que eu tenha compaixão de Nínive, mas eu não deveria ter? À luz de tudo o que lhe mostrei, Jonas, não deveria eu amar essa cidade, bem como você se juntar a mim nesse amor?".

E o livro termina sem resposta! Em lugar nenhum nos é dito qual foi a resposta de Jonas, se ele entendeu e aceitou a lógica da misericórdia de Deus.

Temos a sensação de que deve haver alguma página faltando. Por que a história terminaria de modo tão abrupto? Um comentarista, do mesmo modo que muitos outros, sugere: "[O livro] nos impele a contemplar nosso destino pessoal. Ele permanece inacabado para que possamos apresentar nossa própria conclusão […]. Porque você é como Jonas; e eu também sou".[13] É como se Deus atirasse essa "pergunta-flecha" em Jonas, mas este desaparecesse e percebêssemos que a flecha está dirigida a nós. Como você responderá?

Visto que o livro de Jonas termina assim, o texto nos convida a escrever nosso próprio parágrafo e capítulo final. Isto é, Deus nos chama a aplicar esse texto a nossa própria vida, a nosso próprio tempo e lugar. A introdução mostrou três camadas da história de Jonas: Jonas e a Palavra de Deus; Jonas

no mundo de Deus; e Jonas e a graça de Deus. Assim, qual é o *nosso* relacionamento com a Palavra, o mundo e com a graça de Deus? Nos próximos capítulos, consideraremos todos os episódios da vida de Jonas e perguntaremos: O que isso significa para nós hoje?.

---

1 Jacques Ellul, *The judgment of Jonah* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 72-3.

2 Daniel C. Timmer, *A gracious and compassionate God: mission, salvation, and spirituality in the book of Jonah* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2011), p. 127.

3 Leslie C. Allen, *The books of Joel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1976), p. 232.

4 Veja Massimo Pigliucci, "Stoicism", Internet Encyclopedia of Philosophy, s.d., disponível em: www.iep.utm.edu/stoicism, acesso em: 26 fev. 2019.

5 James Bruckner, *The NIV application commentary: Jonah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah* (Grand Rapids: Zondervan, 2004), p. 116,7n.

6 A palavra em hebraico usada aqui significa "chorar a ponto de sentir dor e angústia".

7 Até mesmo teólogos cristãos precisam lutar com a forma como essa linguagem se encaixa na ideia da "asseidade" de Deus. Veja Herman Bavinck, *Reformed dogmatics* (Grand Rapids: Baker Books, 2004), vol.2, p. 149-53. Esse é um termo técnico que descreve a crença cristã histórica de que Deus não é apenas mais um mero objeto no universo, mas, sim, o sustentador de toda a existência. Ele não é dependente de nada nem de ninguém — tudo depende completamente dele. Não podemos ler as várias passagens que falam da compaixão de Deus, e até mesmo da dor em seu coração que esse amor por nós lhe causa (Gn 6.6; Os 11.8-11), sem nos perguntar se Deus está mudando ou se tornando de alguma forma dependente de nós. Não devemos, de forma alguma, nos mover em direção à posição de um "teísmo aberto" que vê Deus como alguém que está evoluindo ou que é dependente de sua criação. Em vez disso, em sua liberdade e soberania, ele voluntariamente permite que seu amor por nós lhe cause tristeza de

maneiras análogas (embora não idênticas) às formas que o amor nos causa dor e tristeza. Veja também a nota 9, deste capítulo.

8 John Calvin, *Commentaries of the twelve minor prophets*, tradução de J. Owen (Grand Rapids: Baker Books, 1979), vol.3, p. 141.

9 Veja "The emotional life of our Lord", in: B. B. Warfield, *Person and work of Christ*, organização de Samuel G. Craig (Philadelphia:The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1950), p. 93-145.

10 Miroslav Volf, *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness, and reconciliation* (Nashville: Abingdon Press,1996), p. 303-4.

11 Veja James E. Dolezal, *All that is in God: evangelical theology and the challenge of classical Christian theism* (Grand Rapids: Reformation Heritage Books, 2017). Esse livro expõe a doutrina histórica da "simplicidade" de Deus, ou seja, o fato de que ele não consiste em partes, mas que tudo o que está em Deus é uma unidade perfeita. No entanto, essa compreensão correta da simplicidade de Deus não deve ser tomada de modo a nivelar ou trivializar as descrições bíblicas do apego e da tristeza do coração de Deus por sua criação, nem de modo a minar a necessidade e a realidade da expiação, se esperamos que Deus nos perdoe. Veja Joseph Minich, "A review of James Dolezal's *All that is in God*", The Calvinist International, August 31, 2017, disponível em: https://calvinistinternational.com/2017/08/31/review-james-dolezals-god, acesso em: 26 fev. 2019.

12 Em relação a essa interpretação de Êxodo 33 e 34 e ao argumento de que a cruz nos mostra "toda a bondade", estou em dívida com D. M. Lloyd-Jones, "The goodness of God made manifest", in: *Revival* (Wheaton: Crossway Books, 1987), p. 225-36.

13 Sinclair B. Ferguson, *Man overboard: study of the life of Jonah* (Wheaton: Tyndale House, 1981), p. 118.

DEZ

NOSSO RELACIONAMENTO COM A PALAVRA DE DEUS

Fugindo de Deus (Jn.1-3a)

Deus ordenou a Jonas que fosse para Nínive; contudo, ele fugiu na direção oposta. Por que fez isso? Vimos que na raiz da desobediência de Jonas encontrava-se sua desconfiança na bondade de Deus. O profeta simplesmente não acreditava que Deus tivesse em mente aquilo que mais importava para ele, Jonas.

Se você quer compreender seu próprio comportamento, deve entender que todo pecado contra Deus está no fato de acreditar que somos mais dedicados a nosso bem e mais conscientes de nossas necessidades do que o próprio Deus. Não confiamos em Deus porque presumimos que, na verdade, ele não é favorável a nós; presumimos que, se dermos a ele o controle total, seremos miseravelmente infelizes.

Adão e Eva não disseram: "Vamos ser maus e arruinar nossa própria vida e a de todos os outros também!". Em vez disso, eles pensaram: "Só queremos ser felizes. Mas as ordens de Deus não parecem nos dar aquilo de que precisamos para prosperar. Teremos de tomar as rédeas em nossas próprias mãos — não podemos confiar nele". Jonas fez exatamente a mesma coisa. Ele revisita a saga da raça humana e nos mostra como nosso coração procede dia após dia. Quando os seres humanos mentem, distorcem a verdade, enganam, exploram, manipulam, agem egoisticamente, quebram promessas, destroem relacionamentos ou ardem de ressentimento, raramente o fazem motivados pelo simples desejo de serem maus.

Embora tenham nos ensinado que não devemos mentir para nosso cônjuge nem lhe sermos infiéis, as pessoas muitas vezes se veem em uma encruzilhada em que dizem: "Se eu obedecer a Deus, sairei perdendo! Preciso ser feliz". Essa é a justificativa usada. O pecado sempre começa com o assassinato do caráter de Deus. Acreditamos que Deus nos colocou em um mundo de prazeres, mas determinou que não os dará a nós se obedecermos a ele. Essa é a mentira da serpente, a tentação original que Satanás usou com Adão e Eva e que provocou a Queda (Gn 3.4,5). A serpente disse à raça humana que desobedecer a Deus era a única maneira de alcançar a mais completa felicidade e realizar seu pleno potencial, e esse engodo penetrou profundamente no coração de todo ser humano.[1]

Uma das principais razões que nos leva a confiar tão pouco em Deus é porque confiamos demais em nossa própria sabedoria. Acreditamos saber bem melhor do que o próprio Deus como nossa vida deve caminhar e o que nos fará felizes. Toda pessoa que já chegou à meia-idade sabe bem com que frequência nos enganamos a respeito disso. Ainda assim, nosso coração continua a proceder com base nesse mesmíssimo princípio ano após ano. Recordamos o quanto éramos tolos aos vinte anos, mas pensamos que agora, aos quarenta, *sabemos* de tudo. Entretanto, somente Deus sabe.

Portanto, por causa de nossa profunda desconfiança em relação à bondade e à Palavra de Deus, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para sair de debaixo de sua mão. Essa é de fato a tentação mais básica que já existiu no mundo; é o pecado original. Detalhes específicos podem variar aqui e ali, mas esse mesmo clamor profundo do coração — "Tenho de tomar conta dos meus interesses" — está sempre lá.

Jonas não confiou em Deus e fugiu dele. O que deveria ter feito em vez disso?

Anos antes, Deus tinha dado a Abraão uma ordem que não fazia absolutamente nenhum sentido. "Pegue seu filho, seu único filho, a quem você ama [...] Sacrifique-o [...] como holocausto sobre o monte que mostrarei a você" (Gn 22.2, NIV). Nenhuma razão lhe foi dada; além do mais, Deus nunca antes havia pedido sacrifícios humanos — isso era uma abominação. Fora isso, ele havia prometido, em solene aliança, fazer os descendentes de Abraão mais numerosos do que a areia do mar. A palavra de Deus para Abraão foi ainda mais inexplicável que a palavra que dera a Jonas. Apesar disso, o que Abraão fez? Ele subiu o monte. E se recusou a

agir como se soubesse o que era o melhor a fazer. Apenas lembrou a si mesmo quem era Deus. O próprio Abraão havia dito anteriormente: "O juiz de toda a terra não fará o que é certo?" (Gn 18.25, NIV). Do nosso ponto de vista hoje, podemos ver muitas coisas que Deus estava fazendo na vida de Abraão. Naquele momento, porém, o patriarca não sabia que Deus estava fortalecendo sua fé. Mas ele não precisava saber disso, pois confiava em Deus.

Jonas conhecia a história de Abraão e de sua fé. Isso deveria ter sido um auxílio espiritual para ele. Ele poderia ter seguido os passos de Abraão, mas não o fez. E nós temos ainda menos desculpas do que Jonas, porque temos um auxílio infinitamente maior em Jesus Cristo. Sob uma pressão inimaginável, ele nos salvou dizendo: "Não obstante, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.39, KJV).

A missão que Deus dera a Jonas significava possivelmente morte e sofrimento. Esse é um chamado que muitos cristãos têm ouvido ao longo dos anos, indo pregar e fazer o bem em partes do mundo onde a morte repentina é uma possibilidade cotidiana.[2] Jonas, porém, recusou-se a ir, pensando apenas em si mesmo. A missão que Deus deu a Jesus, no entanto, significava morte *certa* e sofrimento infinito; mesmo assim, ele obedeceu, pensando não em si mesmo, mas em nós. O "cálice" do qual Jesus falou se referia ao fato de Cristo ter suportado em nosso lugar a ira divina pelo pecado, punição que era para nós.

Se enxergar Jesus fazendo isso por você e acolher no fundo de seu coração a maravilha que ele fez, isso finalmente aniquilará essa teimosa convicção de que não pode confiar na bondade de Deus. Então, poderá começar a dizer: "Deus *é* bom! Se ele fez tudo isso por mim, deve me amar. E deve estar disposto a fazer qualquer coisa para me conceder alegria e aquilo de que preciso". Se enxergarmos Jesus confiando em Deus cegamente para nos salvar, seremos capazes de confiar nele quando as coisas estiverem confusas e difíceis.

As tempestades do mundo (Jn 1.3b,4)

Jonas fugiu de Deus, mas uma tempestade o perseguiu. Sempre que desobedecemos a Deus, violamos aquilo para o qual fomos criados, pois Deus nos criou para servi-lo, conhecê-lo e desfrutá-lo. Há consequências

naturais e, portanto, por assim dizer, todo pecado traz consigo uma tempestade. No entanto, vemos que uma tempestade sobreveio não só a Jonas, que a merecia, mas também aos marinheiros que estavam no barco com ele, os quais não a mereciam. A vida neste mundo é repleta de tempestades — acompanhadas de dificuldades e sofrimentos —, algumas das quais atraímos diretamente para nós mesmos, embora muitas outras não.

Em ambos os casos, Deus pode operar seu bom propósito em nossa vida por meio das tempestades que nos sobrevêm (Rm 8.28).

Uma das razões para as tempestades em nossa vida é para que nos levem a depender de Deus e a descobrir seu amor e sua força de modo que jamais descobriríamos em outras circunstâncias. Em uma carta pastoral sobre provações e tentações, o ministro anglicano John Newton escreveu que é somente quando sentimos a maior das dores que "o poder, a sabedoria e a graça de Deus em sustentar a alma" conseguem se fazer evidentes, capacitando a alma a se sustentar e até mesmo a triunfar "sob pressões que evidentemente estão muito além de sua própria força suportar".[3] Outra maneira pela qual Deus trabalha por meio do sofrimento, escreve Newton, é pelo fato de que o sofrimento de agora "evita males maiores" mais tarde.[4] O maior perigo de todos é nunca nos tornarmos conscientes de nossa cegueira, nosso orgulho e nossa autossuficiência. Instintivamente, acreditamos ter muito mais capacidade de dirigir nossa vida com sabedoria do que realmente temos, assim como acreditamos ser muito mais virtuosos, honestos e decentes do que realmente somos. Esses são erros fatais, e Satanás ficaria feliz em deixar que você tenha uma vida deslumbrante e próspera por muitos anos, a fim de que não veja a verdade até que seja tarde demais. No entanto, Deus, por seu amor, quer despertá-lo para sua condição, a fim de que você possa fazer algo a respeito. E na vida de muita gente ele usa tempestades para isso.

Há alguns anos, li um antigo conto de fadas sobre uma bruxa malvada que vivia em um chalé afastado, nas profundezas da floresta. Quando apareciam viajantes à procura de alojamento, ela lhes oferecia uma refeição e uma cama. Era a cama mais incrivelmente confortável em que qualquer um deles já dormira. Contudo, estava repleta de magia negra, e quem estivesse dormindo nela quando o sol nascesse se transformaria em pedra. Então, a pessoa se tornava mais uma estátua na coleção da bruxa, presa ali

até o fim dos tempos. Essa bruxa forçou uma jovem a servi-la, e, apesar de não ter poder para resistir a ela, a garota foi ficando cada vez mais cheia de pena pelas vítimas da bruxa.

Certo dia, apareceu um rapaz à procura de pouso e conselho, e foi acolhido. A jovem criada não suportaria vê-lo ser transformado em pedra. Então, ela colocou gravetos, pedras e plantas com espinhos em sua cama. Isso fez com que a cama ficasse desconfortável horrivelmente. Toda vez que ele se virava, sentia um novo objeto doloroso debaixo de si. Embora lançasse fora cada um deles, sempre aparecia outro para lhe espetar o corpo. O rapaz dormiu apenas um sono picado e, por fim, levantou-se bem antes do amanhecer, sentindo-se cansado e desgastado. Quando ele saia pela porta da frente, a criada o encontrou, e ele a repreendeu cruelmente: "Como você pode dar a um viajante uma cama tão horrível, cheia de paus e pedras?", ele gritou e saiu porta afora. "Ah", sussurrou a jovem em voz baixa, "o tormento que você passou agora não é nada se comparado ao tormento infinitamente maior que uma noite de sono confortável teria lhe trazido! Isso que sentiu foram gravetos e pedras do meu amor".

Deus coloca gravetos e pedras de amor em nossa cama para nos despertar, para nos levar a confiar nele, para que o fim da história ou da vida não nos alcance sem que tenhamos o Senhor no coração e sejamos transformados em pedra. De fato, a Bíblia fala da salvação nesses mesmos termos. "Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne" (Ez 36.26, NIV). Autossuficiência, egocentrismo, autossalvação nos tornam implacáveis para com as pessoas que consideramos fracassadas e perdedoras, e, ironicamente, fazem com que tenhamos contra nós mesmos um ódio sem fim, por não cumprirmos nossos padrões.[5]

Nas profundezas da tempestade e das ondas que açoitavam Jonas, Deus designou que um grande peixe fosse salvá-lo. Esta é uma imagem vívida do princípio de Romanos 8.28. Há amor no coração das tempestades que enfrentamos. Se você se voltar para Deus, por meio da fé em Cristo, ele não permitirá que você afunde. Por que não? Porque a única tempestade que realmente pode destruir — a tempestade da justiça e do juízo de Deus sobre o pecado e o mal — jamais virá sobre você. Jesus se submeteu a essa tempestade das tempestades, voluntariamente, por você. Ele morreu, recebendo em si o castigo que nós merecemos pelo pecado, para que

possamos ser perdoados quando confiamos nele. Entretanto, mesmo quando o vê fazendo isso por você, certamente nem todas as suas perguntas sobre o seu sofrimento são respondidas. Mas é uma prova de que, apesar de tudo, ele ainda ama você. Porque ele foi lançado no olho *daquela* tempestade por você, pode ter certeza de que no coração *desta* tempestade há amor por você.

O teu amor no passado
proíbe-me de pensar:
"Deixaste-me abandonado
p'ra em apuros afundar…".
Em oração lutarei
e sim tudo ele fará.
Com Cristo no barco sei,
da tormenta se rirá..[6]

O padrão do amor (Jn 1.11-17)

Não há que se duvidar de que o Novo Testamento enxerga a história de Jonas à beira da morte para salvar os marinheiros fisicamente como um sinal da própria morte de Jesus para nos salvar eternamente. Comentaristas já mencionaram fascinantes paralelos entre a experiência de Jonas na tempestade e a experiência de Jesus na tempestade no mar da Galileia, conforme relatada em Marcos 4.35-41. Tanto Jesus quanto Jonas encontram-se em embarcações no mar. Os barcos de ambos são atingidos por tempestades. Ambas as tempestades são descritas como particularmente violentas. Tanto Jesus quanto Jonas estão, surpreendentemente, adormecidos em meio à poderosa tempestade. Em ambos os casos, outras pessoas no barco vão até aquele que dormira e clamam desesperadas, pois estão perecendo e ele precisa fazer alguma coisa. Em Marcos 4.38, os discípulos parecem expressar nossos sentimentos pessoais em relação a Deus quando estamos sofrendo: "Os discípulos o acordaram e disseram: 'Mestre, você não se importa se nos afogarmos?'"(NIV). Tanto em Marcos 4 quanto em Jonas 1 há uma intervenção miraculosa de Deus e o mar é acalmado. E, por fim, após a libertação, o relato nos mostra que tanto os marinheiros quanto os discípulos ficaram ainda *mais* aterrorizados do que estavam durante a tempestade (Mc 4.41; Jn 1.16). Esses paralelos não podem ser

coincidências. Por meio desse paralelismo, Marcos está nos dizendo que a disposição de Jonas de morrer pelos marinheiros nos aponta para um amor sacrificial infinitamente maior, que traz uma salvação infinitamente maior também. Ao contrário de Jonas, Jesus não foi lançado nas águas, porque veio para nos salvar de um perigo muito maior do que o afogamento. Jesus foi capaz de acalmar a tempestade na Galileia e salvar seus discípulos, porque mais tarde, na cruz, ele se lançou na tempestade final da ira divina para poder nos salvar do pecado e da própria morte. O próprio Jesus diz: "Como Jonas ficou por três dias e três noites no ventre de um peixe enorme, assim o Filho do homem ficará por três dias e três noites no coração da terra" (Mt 12.40, NIV).

Quando Jonas disse aos marinheiros para jogá-lo ao mar, sacrificando-se para salvá-los, ele estava representando talvez o tema central da Bíblia. Existem pelo menos dois aspectos nisso que podemos considerar. Um deles é o aspecto ético — o fato de que amar deve ser doar a si mesmo. Somente por meio do amor sacrificial, podemos viver uma vida feliz neste mundo.

Os escritores do Novo Testamento pegaram um termo grego um tanto genérico — *agape* — para designar amor, e imprimiram nele um significado novo e único. Como escreve o erudito John Stott, na Bíblia "o amor *agape* significa autossacrifício no serviço a outros".[7] A passagem de 1João 3.16-18 diz: "Assim conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a vida por nós. E devemos dar a nossa vida por nossos irmãos e irmãs" (NIV). Quando João diz: "Assim sabemos o que é o amor", ele está argumentando que, quando se olha para a cruz do ponto de vista de quem viveu ou vive após a crucificação, nota-se que daí para frente o amor é sempre definido como autodoação. "Assim como a essência do ódio é assassinato [...] também a essência do amor é autossacrifício [...] Assassinar é tirar a vida de outra pessoa; autossacrificar-se é imolar a sua própria".[8]

Muitos rechaçam essa definição. A queixa costumeira é que ela leva algumas pessoas a permanecerem em relações abusivas ou de exploração. No entanto, isso significa esquecer por completo toda a definição. O autossacrifício significa sempre, como diz Stott, "autossacrifício no serviço a outros". Permitir que alguém explore você ou peque contra você não é amá-lo, de forma alguma. Isso só reafirma seu comportamento errado e pode levar vocês dois à ruína. Algumas pessoas realmente se deixam ser intimidadas e usadas, por diversas razões psicologicamente nocivas, todas

sob o disfarce de "autodoação". Na realidade, é egoísmo, uma maneira de se sentir superior ou necessário. Dizer que o amor autodoador necessariamente leva ao abuso e à opressão é entendê-lo de maneira completamente errada.

Um dos maiores contrastes entre nossa cultura ocidental e o cristianismo decorre exatamente desse ponto. Nossa sociedade define o amor basicamente como uma transação que visa a autorrealização. É uma definição baseada no mercado. Você permanece em um relacionamento amoroso contanto que as duas partes nele envolvidas estejam lucrando com isso. Essa abordagem, no entanto, levou a danos generalizados.

Um livro recente sobre criação de filhos explica por que tantas pessoas hoje em dia estão tendo menos filhos ou deixando de tê-los. Somos "livres para escolher com quem casamos ou mudar de cônjuge [...] para escolher nossa profissão ou mudar de carreira. Mas jamais poderemos escolher nossos filhos ou mudar [quem são]. Eles são o último laço irrevogável em uma cultura que não quer ter praticamente nenhum outro compromisso permanente".[9] Em nossa sociedade individualista, até o casamento foi reformulado para se encaixar nos moldes de uma relação de consumo que existe apenas enquanto cada parte se beneficiar e lucrar. Tão logo o relacionamento passe a exigir sacrifício de uma das partes — que implique dar mais do que receber —, a sociedade diz que pode ser descartado. O laço parental, no entanto, teimosamente resiste a essa atitude dos nossos dias. Ainda requer sacrifício substitutivo. Você pode sofrer voluntariamente — por amor — a fim de lhes dar vida, ou eles vão sofrer involuntariamente por toda a vida.

Outra área em que o mundo atual tem uma visão disfuncional é a da reconciliação. Nenhuma sociedade pode se sustentar em pé se as pessoas não tiverem capacidade e disposição para perdoar. Constantes brigas de família, vendetas e retaliações por erros passados são um desperdício para a sociedade civil. Ainda assim, a capacidade de deixar a mágoa de lado e trabalhar em conjunto requer hábitos do coração que nossa cultura não mais forma em nós.

Em 2006, um atirador solitário fez reféns dez meninas, com idades entre seis e treze anos, em uma escola Amish. Ele atirou em oito delas, matando cinco, antes de cometer suicídio. Os Amish surpreenderam a nação quando, como comunidade, perdoaram o assassino de suas filhas.

Eles compareceram ao funeral do atirador, expressando apoio à família traumatizada que ele deixou para trás. Além disso, cada família Amish que perdeu sua filha perdoou o atirador e sua família. Enquanto sua atitude despertou a admiração de muitos, sociólogos que estudaram o evento escreveram que a sociedade americana moderna não pode mais produzir pessoas capazes dessa mesma resposta. A América, segundo eles argumentaram, é agora uma cultura de autoafirmação na qual todas as pessoas são encorajadas a se expressar e a afirmar seus direitos. A comunidade cristã Amish, em contraste, encoraja uma cultura de renúncia pessoal, baseada no autossacrifício de Jesus e na renúncia a direitos para servir os outros.[10] Por ter perdido o ideal de amor autodoador e sacrificial, nossa sociedade não pode fornecer a seus membros os recursos para esse requisito básico da vida humana em sociedade.

O segundo aspecto do tema central da Bíblia que devemos considerar é o teológico (veja p. 135). Somente podemos ser salvos eternamente por meio do amor sacrificial de Cristo.

Na literatura, nas peças de teatro e no cinema, o sacrifício substitutivo é sempre o ponto mais fascinante e comovente da trama. No filme *O último dos moicanos*, Duncan Heyward, um major britânico, pergunta aos índios que o capturaram se ele poderia morrer na fogueira para que Cora, a quem ele amava, e Nathaniel pudessem ser libertados. Quando, à medida que era arrastado, Duncan exclama: "Saudações, senhor! Pegue Cora e vá embora!", ficamos eletrizados por sua disposição inabalável de morrer para salvar a vida de outros, um dos quais era seu rival. Ele morre com os braços amarrados e esticados, como se estivesse em uma cruz.

Nas memórias de Ernest Gordon sobre o período em que foi prisioneiro dos japoneses, durante a Segunda Guerra Mundial, ele conta que, no final de um dia de trabalhos forçados, os guardas contaram as pás e acharam que aparentemente uma delas havia desaparecido. Um dos guardas, furioso, ameaçou os prisioneiros de guerra britânicos dizendo que, a menos que o culpado confessasse, ele mataria todos eles. Ele puxou o gatilho de sua arma para começar a atirar neles, um por um. Naquele momento, um prisioneiro deu um passo à frente e calmamente disse: "Fui eu que fiz isso". Ele permaneceu em silêncio, em posição de sentido, e enquanto foi espancado até a morte "ele não abriu a boca" (Is 53.7). Quando todos voltaram para o acampamento e contaram mais uma vez as pás, descobriram que estavam

todas lá, não faltava nenhuma. Aquele homem havia se sacrificado para salvar a todos.[11]

No primeiro romance de Harry Potter, o malvado lorde Voldemort não pode tocar em Harry sem ser queimado. Mais tarde, Dumbledore explica a Harry o porquê disso: "Sua mãe morreu para salvar você [...] Um amor tão poderoso [quanto esse] [...] deixa suas próprias marcas [...] Ter sido amado tão profundamente [...] nos dará para sempre uma espécie de proteção".[12] Por que histórias assim nos tocam? É porque sabemos que, dos dilemas mais mundanos da existência ao mais dramático, todo amor capaz de transformar vidas é um sacrifício substitutivo. Sabemos que qualquer pessoa que já tenha feito algo que realmente faz diferença em nossa vida fez um sacrifício, deu um passo à frente e entregou ou pagou ou gerou alguma coisa a fim de que nós não precisássemos fazê-lo.

Muitos hoje rejeitam a doutrina da expiação substitutiva. Eles acreditam que ela retrata um Jesus amoroso que extrai o perdão de um Deus irado e relutante. Alguns chamam isso de "abuso filial divino". Mas isso é um insulto a Jesus. Isso o rebaixa a uma espécie de ser menor, e nega uma das doutrinas cardeais da Bíblia e do cristianismo, a saber, a de que há um só Deus que existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Essas três pessoas não são três deuses separados, mas apenas um Deus. Por isso o nome "Jesus" significa "Deus salva", e seu nome "Emanuel". "Deus conosco" (Mt 1.21-23). Paulo diz "que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não levando em conta os pecados das pessoas contra elas" (2Co 5.19, NIV). Mesmo enquanto esteve na terra, Cristo disse que habitava no Pai e o Pai, nele (Jo 14.11; 17.21-23), e Paulo ainda acrescentou que toda a plenitude de Deus habita em Cristo (Cl 2.9).

O que aconteceu na cruz foi que Deus veio e substituiu a si mesmo por nós. "O Pai justo e amoroso humilhou-se para se tornar, na carne de seu único Filho e mediante ela, pecado e maldição por nós, a fim de nos redimir sem comprometer seu próprio caráter".[13] Em uma antiga igreja italiana há uma pintura da crucificação na qual, por trás do corpo de Cristo estirado na cruz, existe uma "imagem vasta e encoberta por sombras" de Deus, de modo que "os pregos que atravessam as mãos de Jesus chegam às mãos de Deus. E a lança que atravessa o lado de Jesus também atravessa Deus".[14] A pintura nos mostra uma verdade perfeitamente bíblica. Paulo é capaz de dizer que

Deus nos comprou "com o seu próprio sangue" (At 20.28). O sangue de Jesus é o sangue de Deus.

E, como John Stott escreve, a resposta às objeções sobre a aparente injustiça da expiação substitutiva é esta:

> O evangelho bíblico da expiação trata de Deus satisfazendo a si mesmo ao se dar em substituição por nós. Assim, é possível dizermos que o conceito de substituição encontra-se no coração do pecado e da salvação. Pois a essência do pecado é que o homem substitui Deus por si mesmo, enquanto a essência da salvação é que Deus substitui o homem por si mesmo. O homem se coloca contra Deus e na posição em que só Deus merece estar; Deus se sacrifica pelo homem e se coloca na posição em que só o homem merece estar. O homem reivindica prerrogativas que pertencem somente a Deus; Deus aceita penas que pertencem somente ao homem.[15]

Um Deus que sofre dor, injustiça e morte por nós é um Deus digno de nossa adoração. Em um mundo de dor e opressão, de que modo poderíamos dedicar nossa maior fidelidade a alguém que fosse imune a tudo isso? Este é um Deus que sabe como são as tempestades porque ele veio ao mundo e mergulhou de cabeça na maior das dores e dos sofrimentos. Porque ele entregou a si mesmo em substituição, podemos ter vida. À medida que entender o que Jesus fez por você e descansar na salvação que ele comprou para você, esse padrão de sacrifício e amor substitutivo será reproduzido nesse mesmo grau em seus relacionamentos. E você se tornará o tipo de pessoa que o mundo precisa desesperadamente.

---

1 Para uma exposição e explicação dessa importante ideia, veja Sinclair Ferguson, *The whole Christ: legalism, antinomianism, and gospel assurance — why the marrow controversy still matters* (Wheaton: Crossway, 2016), p. 68-82 [edição em português: *Somente Cristo: legalismo, antinomianismo e a certeza da salvação* (São Paulo: Vida Nova, 2019)].

2 Veja Nicholas Kristof, "A little respect for dr. Foster", *New York Times*, March 28, 2015, disponível em: https://www.nytimes.com/2015/03/29/opinion/sunday/nicholas-kristof-a-little-respect-for-dr-foster.html, acesso em: 31 mar. 2019.

3 John Newton, "Letter XVI *temptation*", *Letters of John Newton* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1960), p. 94-5. Todo o conteúdo de "Letter XVI *temptation*" é relevante.

4 Newton, "Letter XVI *Temptation*", p. 94.

5 Embora seja certo crer que Deus opera coisas boas em nossa vida por meio do sofrimento, não devemos dar respostas de forma descuidada às pessoas que estão sofrendo, citando apenas versículos da Bíblia sobre os propósitos de Deus nas provações. Quando encontramos pessoas que estão passando por tempestades na vida, não devemos tentar ser "minimizadores, nem professores, nem solucionadores", três respostas inúteis que podemos dar às pessoas que estão enfrentando sofrimento. Minimizadores podem dizer coisas como: "As coisas poderiam ser piores — você poderia ter nascido pobre em algum país estrangeiro". Os professores podem dizer: "Deus está lhe ensinando coisas — procure as lições". Os solucionadores dirão assim: "Se você se mantiver de queixo erguido e fizer X, Y e Z conseguirá superar isso". (Essas três respostas inúteis são destrinchadas por Kate Bowler em "What to say when you meet the angel of death at a party", *New York Times*, January 26, 2018 disponível em: https://www.nytimes.com/2018/01/26/opinion/sunday/cancer-what-to-say.html, acesso em: 31 mar. 2019.) Uma maneira melhor de ajudar os que sofrem é, muitas vezes, simplesmente chorar com eles e amá-los, como Jesus fez quando Lázaro, irmão de Maria, faleceu (Jo 11.32-36).

6 John Newton, *I will trust, and not be afraid*, in: *Olney hymns*, in: John Newton; Richard Cecil, *The works of John Newton* (London: Hamilton, Adams, 1824), vol.3, p. 609.

7 John Stott, *The cross of Christ* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1986), p. 276 [edição em português: *A cruz de Cristo*, tradução de João Batista (São Paulo: Vida, 2006)].

8 Stott, *The cross of Christ*, p. 292.

9 Jennifer Senior, *All joy and no fun: the paradox of modern parenthood* (New York: HarperCollins, 2014), p. 44.

10 Donald B. Kraybill et al., *Amish grace: how forgiveness transcended tragedy* (San Francisco: Josey-Bass, 2007), p. 114, 138.

11 Ernest Gordon, *Through the valley of the Kwai* (New York: Harper, 1962), p. 104-5.
12 J. K. Rowling, *Harry Potter and the sorcerer's stone* (New York: Scholastic Press, 1999), p. 299 [edição em português: *Harry Potter e a pedra filosofal*, tradução de Lya Wyler (Rio de Janeiro: Rocco, 2000)].
13 Stott, *The cross of Christ*, p. 159.
14 George Buttrick, citado em Stott, *The cross of Christ*, p. 158.
15 Stott, *The cross of Christ*, p. 159-60.

ONZE

NOSSO RELACIONAMENTO COM O MUNDO DE DEUS

Quem é meu próximo? (Jn 1.5,6)

Uma das principais preocupações do livro de Jonas é que os crentes devem respeitar e amar seu próximo, inclusive aqueles que forem de outras raças e religiões. O capitão do navio repreende Jonas por não fazer nada pelo bem comum da coletividade. No barco, durante a tempestade, Jonas contradiz em todos os pontos o que Jesus ensina na famosa Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37).

Na parábola, um samaritano em viagem passava por um lugar desolado e perigoso, infestado de assaltantes, e encontra um judeu que fora atacado, roubado e deixado ali na estrada, ferido e à beira da morte. Embora judeus e samaritanos fossem inimigos, o samaritano socorre o homem ferido. Ele, então, leva o homem ferido para um lugar onde pudesse ser tratado e deixa todas as despesas pagas. Ao mostrar Jonas como um mau exemplo e o samaritano como um bom, a Bíblia responde a várias perguntas sobre as relações sociais de um crente.

Quem é meu próximo? Ao retratar um homem ajudando seu inimigo e, depois, dizer: "Vá e faça o mesmo", Jesus está nos dizendo, nos termos mais fortes possíveis, que qualquer que estiver passando por necessidade, independentemente de raça, religião, valores e cultura, é o meu próximo.

Como devo considerar meu próximo? Ao tomar o samaritano — integrante de um povo que os judeus consideravam forasteiros de outra raça e hereges do ponto de vista teológico[1] — e fazer dele o herói da história, Jesus está enviando a mensagem de que Deus pode conceder, e de fato

concede, a dádiva da virtude moral, da sabedoria e do amor a todas as pessoas de todas as raças e classes.

O que significa "amar meu próximo"? Ao responder essa pergunta, Jesus retrata alguém que está atendendo às necessidades físicas, materiais e econômicas mais práticas de outra pessoa. São necessidades que todo ser humano tem, independentemente de fé e raça. Atendê-las consiste no bem comum, e as ações do samaritano na busca desse bem comum foram extraordinárias. Certo comentarista as resume da seguinte forma:

> Ele para na estrada a caminho de Jericó a fim de ajudar alguém que não conhece, apesar do evidente perigo em fazê-lo; ele dispõe de seus próprios bens e dinheiro, voluntariamente, não tomando qualquer providência para ser ressarcido mais tarde; a fim de obter cuidados para este estranho, ele entra em uma pousada, que em si já era um lugar perigoso em potencial, e até celebra um acordo monetário em aberto com o estalajadeiro, o tipo de acordo no qual a chance de extorsão é alta.[2]

A extensão do que o samaritano se dispôs a fazer para ajudar um homem de outra raça e religião foi extraordinária; no entanto, Jesus nos diz: "Vão e façam o mesmo".

Por trás da parábola de Jesus encontra-se uma das verdades bíblicas fundamentais, a saber, o ensinamento que todo ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27). Embora tenha havido muitos debates sobre quais traços específicos compõem essa imagem, é evidente que ela faz de todo ser humano um ser que tem valor e dignidade. As implicações óbvias são que não devemos atacar, explorar ou cometer violência contra qualquer pessoa que seja (cf. Gn 9.6); a Bíblia, porém, diz que não devemos nem mesmo amaldiçoar ou tratar alguém com desrespeito, pois todos foram criados à imagem de Deus (Tg 3.9).[3]

João Calvino, que muitas vezes é considerado um dogmático de mentalidade estrita, contraria essa reputação quando discute sobre como os cristãos devem considerar todos, visto que cada um é seu próximo. Ele extrai implicações notáveis da doutrina da *imago Dei*. Calvino repete o que ouviu muitos cristãos dizerem a ele: um estrangeiro não merece ajuda deles, muitas pessoas em sua vizinhança são imorais e não religiosas, então, por que os cristãos deveriam se esforçar para atender às necessidades de pessoas assim? Calvino lhes responde que mesmo aqueles que por si mesmos não

mereçam nada além de desprezo devem ser tratados como se fossem o próprio Senhor, porque carregam a imagem de Deus. "Digamos que [ao estrangeiro que tem diante de si] você não deva nada por nenhum serviço dele; mas Deus o colocou, por assim dizer, em seu próprio lugar para que você possa reconhecer, em relação a esse estrangeiro, os muitos e imensos benefícios pelos quais Deus uniu você a ele mesmo [...] Você dirá: 'Ele merecia algo muito diferente de mim'. Ainda assim, o que o Senhor merecia? [...] *Lembre-se de não levar em conta a intenção maligna dos homens, mas de olhar para a imagem de Deus neles, a qual cancela e apaga suas transgressões e que, com sua beleza e sua dignidade, nos atrai a amá-los e acolhê-los*".[4] Esse chamado de Calvino, para que tratemos todo ser humano "como o Senhor merece"ser tratado, tem algumas implicações práticas de tirar o fôlego. O próprio Calvino continua enumerando-as. "Cada [cristão] deve considerar a si mesmo [...] um devedor a seu próximo e, ao exercitar sua bondade para com ele, não deve estabelecer outro limite que não seja o fim dos seus recursos".[5]

O que tudo isso significa para nós em termos práticos? Significa que os cristãos não podem pensar que seu papel na vida é estritamente edificar a igreja, por mais crucial que isso seja. Cada um deles deve também, como próximo e cidadão, trabalhar sacrificialmente pela vida da coletividade e pelo bem comum.[6] E o que é isso? No sentido mais básico, refere-se a coisas que beneficiam toda a comunidade humana, e não apenas a interesses egoístas de alguns indivíduos, grupos ou classes. Pode se referir a:

- um ambiente seguro, e não uma comunidade que é atormentada por crimes ou riscos à saúde;
- prosperidade econômica e locais de trabalho mais humanos, e não uma comunidade com poucos empregos na qual a pobreza é desenfreada;
- um estado de paz, e não um que seja caracterizado por violência entre indivíduos, raças, grupos ou nações;
- uma ordem social justa, e não uma que seja caracterizada por corrupção e por um sistema de justiça que pese contra os fracos ou pobres;
- recursos publicamente disponíveis, como boas instituições educacionais, serviços médicos, parques e recreação;

- harmonia e civilidade social nas quais pessoas de diferentes raças, culturas e formação moral se relacionem umas com as outras com respeito;
- uma comunidade comprometida em cuidar dos fracos: idosos, doentes crônicos, pais e mães solteiros, órfãos, imigrantes e pobres;
- um governo que trabalhe em favor de todos os cidadãos, e não apenas dos ricos e poderosos.

Os cristãos e a política

Jonas fugiu de Deus, em vez de buscar o bem espiritual de uma cidade que desprezava. Ele se permitiu ficar alinhado em excesso, política e emocionalmente, com os interesses da segurança nacional de Israel. Devemos evitar o mesmo erro. No entanto, depois de dar uma rápida olhada na lista de itens que acabamos de fornecer, alguns dirão que será impossível trabalhar pelo bem comum ou da coletividade sem que haja cristãos envolvidos na política. Isso é verdade, e assim um equilíbrio cuidadoso deve ser alcançado.

Primeiro, não devemos pensar que é realmente possível transcender a política e simplesmente pregar o evangelho. Aqueles cristãos que tentam evitar toda e qualquer discussão e engajamento políticos estão essencialmente votando em prol do *status quo* social. Como nenhuma sociedade humana reflete com perfeição a justiça e a integridade de Deus, supostamente os cristãos apolíticos estão apoiando muitas coisas que desagradam a Deus. Então, não ser político é ser político. No início do século 19, as igrejas nos EUA que não falavam sobre escravidão, porque isso seria "se envolver em política", na verdade estavam apoiando o *status quo* da escravidão ao permanecerem em silêncio. A Bíblia também nos mostra crentes individuais que eram envolvidos na política e ocupavam cargos importantes em governos pagãos — pense, por exemplo, em José e Daniel.[7]

Os cristãos individualmente podem e devem se envolver na política como forma de amar o próximo. Trabalhar por escolas públicas melhores em um bairro pobre ou para acabar com a segregação em um país requer engajamento político, algo que cristãos tiveram e devem continuar a ter. No entanto, embora os cristãos individualmente devam ter esse engajamento, eles não devem identificar a igreja em si com um conjunto de políticas

públicas ou com um partido político, como se fosse *o único* verdadeiramente cristão.[8] Existem várias razões para isso.

Uma das razões porque isso é nocivo é pelo fato de que dá aos que ouvem o evangelho a forte impressão de que, para se converterem, precisam não apenas crer em Jesus, mas também se tornar membros do partido.[9] Isso corrobora o que muitos céticos querem crer sobre a religião: que não se trata de uma verdade e de um encontro espirituais genuínos, mas apenas de mais um eleitorado político e de um reduto de votação, só mais uma forma de exercer poder sobre os outros.

Outra razão para não alinharmos a fé cristã a um partido é porque a maioria das posições políticas não são questões de prescrição bíblica, mas de sabedoria prática. Isso não significa que a igreja não possa nunca falar a realidades sociais, econômicas e políticas, uma vez que a própria Bíblia o faz. O racismo, como vimos, é pecado, violando o segundo mandamento de "amar o próximo". Além disso, o mandamento bíblico de ajudar os pobres e defender os direitos dos oprimidos não é uma opção para os crentes; é um imperativo moral. E denunciar violações particularmente notórias dessas exigências morais é importante.[10]

Entretanto, tão logo qualquer grupo de cristãos decidir com exatidão *como* melhor perseguir esses ideais morais em nossa sociedade em particular, eles geralmente estarão indo além da prescrição bíblica e entrando no domínio da sabedoria e da prudência.[11] A melhor maneira de ajudar os pobres é encolher o governo e permitir que os mercados de capital privado aloquem seus recursos, ou é expandir o governo e dar predominância ao Estado? Esforços para encontrar na Bíblia um mandato claro em prol do capitalismo completamente *laissez-faire* ou em prol do comunismo não conseguem convencer ninguém.[12] As melhores políticas sociais estão em algum ponto entre esses dois polos, mas a Bíblia não define com exatidão esse ponto para cada época, contexto e cultura.

Certa vez ouvi um amigo contar sobre um cidadão do Mississippi que era muito conservador em todos os aspectos. Ele era um republicano conservador; também era um presbiteriano muito tradicional. Há muito tempo ele queria visitar a Escócia, a pátria dos presbiterianos americanos. Por fim, ele conseguiu se planejar para servir por um mês como obreiro em uma pequena congregação presbiteriana, que ficava em uma aldeia nas Highlands escocesas. A igreja e seus membros eram tão conservadores

quanto ele esperava. Eram extremamente rigorosos em sua observância do *Sabbath*. Ninguém sequer ligava a televisão aos domingos.

No entanto, um belo dia ele entrou em uma discussão com vários de seus admirados amigos cristãos escoceses e descobriu, para sua surpresa, que todos eram (na sua opinião) socialistas. Ou seja, o entendimento deles sobre a estrutura tributária e a política econômica do governo era bastante alinhado à esquerda. Ele não podia acreditar. Acreditava piamente que ser conservador do ponto de vista teológico significava que você era politicamente conservador em todas as questões. Ele teve uma longa conversa com eles e chegou à conclusão de que a compreensão que tinham do papel do governo estava fundamentada em suas convicções cristãs. O homem não voltou para os EUA mais politicamente à esquerda do que quando partiu, mas, nas palavras dele, voltou "humilhado e punido". Ele percebeu que cristãos sérios, todos tentando obedecer ao chamado de Deus, podem razoavelmente se posicionar em uma série de pontos diferentes do espectro político, mantendo lealdade a diferentes partidos políticos.

Outra razão pela qual os cristãos, especialmente hoje em dia, não podem permitir que a igreja seja totalmente alinhada com qualquer partido em particular é o problema dos "acordos éticos em bloco". Muitos partidos políticos hoje insistem para que os membros se comprometam com *todas* as posições que consideram apropriadas em relação a toda e qualquer questão. Portanto, você não pode se alinhar em relação a uma questão se não adotar a gama completa de todas as posições aprovadas por determinado partido.[13]

A ênfase nesses acordos em bloco coloca pressão sobre os cristãos no que se refere à política. Por exemplo, ao seguirem tanto a Bíblia quanto a igreja primitiva, os cristãos estarão comprometidos com a justiça racial e os pobres, mas também com a compreensão de que sexo deve existir apenas no contexto do casamento.[14] Um desses posicionamentos parece ser mais progressista, enquanto o outro soa opressivamente conservador. Assim, os posicionamentos cristãos sobre essas questões não se encaixam nos alinhamentos políticos contemporâneos.

Consequentemente, os cristãos são empurrados a assumir uma de duas opções principais. Uma delas é desistir e se afastar, tentando ser apolítico. A segunda possibilidade é ser forçado a engolir, assimilar a questão e adotar integralmente o acordo em bloco de determinado partido para ser admitido à mesa de discussões. Os partidos políticos oferecerão a igrejas,

organizações e líderes cristãos inebriante acesso a poder, apoio, favores e proteções. Tudo isso pode ser dos cristãos se apoiarem por inteiro a agenda política de determinado partido e olharem para o outro lado a respeito de assuntos aos quais os cristãos devem se opor. O perigo espiritual aqui é muito grande.[15]

Nenhuma dessas opções é válida. Na parábola do Bom Samaritano, Jesus nos proíbe de deixar de ajudar nosso próximo. Em contrapartida, se de fato enfrentarmos certa dose de exclusão e até mesmo de perseguição (Mt 5.10), obteremos a certeza de que alguns ainda verão nossas "boas obras e glorificarão a Deus" (1Pe 2.11,12). Nosso trabalho no Senhor nunca é em vão (1Co 15.58). Na verdade, se formos *apenas* agressivos ou *apenas* cativantes, e não as duas coisas, podemos ter certeza de que não estamos vivendo como deveríamos.

O evangelho nos dá a capacidade e os recursos necessários para amar as pessoas que rejeitam tanto nossas crenças quanto a nós mesmos. Pense em como Deus nos conquistou para si. Não foi vindo a este mundo e tomando o poder, mas, sim, vindo a este mundo, despindo-se de seu poder e nos servindo. Como Deus nos salvou? Não foi com uma espada nas mãos, mas com pregos. Ele veio não para julgar, mas para ser julgado. É por isso que o hino diz:

> Pois não é com espadas em ruidoso confronto,
> nem com o rufar de tambores;
> e sim com ações de amor e misericórdia
> que o reino celestial vem.[16]

O bom samaritano arriscou a vida e amou sacrificialmente alguém que não só era um estranho, mas também um integrante de um grupo racial que qualquer samaritano teria visto como alguém perigoso e até mesmo responsável por muito sofrimento em sua própria comunidade. O homem judeu merecia a ira do samaritano, mas, em vez disso, recebeu amor prático e sacrificial e viu suas necessidades físicas e materiais serem satisfeitas. Nesse aspecto, a parábola nos aponta para o "maior dos samaritanos", Jesus Cristo. Nós não merecíamos dele nada além de rejeição. De fato, ele sabia que nós, da raça humana, o mataríamos. E ele não apenas arriscou sua vida por nós — Jesus a entregou. Ele morreu por nós para que pudéssemos ter

vida. Até que vejamos Jesus como nosso bom samaritano, jamais seremos sacrificiais em nosso amor pelo próximo.

Aceitando o outro (Jn 1.7-10)

Quando se apresenta aos marinheiros pagãos, Jonas coloca sua identidade racial em primeiro lugar. Essa é a primeira pista que o livro nos dá de algo que será revelado mais adiante, a saber, que Jonas se ressente da misericórdia que Deus concede a pessoas de "outras" raças. Sua raça e nação tornaram-se ídolos para ele, e não apenas coisas boas que ele ama. Quando acontece algo assim, isso nos leva a excluir pessoas que são diferentes de nós; e fazemos isso ao rejeitá-las, denegri-las, evitá-las, segregá-las ou assimilá-las à força exigindo que creiam e ajam exatamente como nós.[17]

A exclusão cultural parece ser um fenômeno praticamente universal. Se não se conformarem às crenças reinantes, as pessoas são envergonhadas e punidas em nossas sociedades modernas e pluralistas. A despeito de todo nosso discurso sobre tolerância, exigimos que os outros adotem nossas características e crenças. Eles não devem expressar pontos de vista diferentes dos nossos, ou os rotularemos como pessoas que ultrapassaram os limites do engajamento. É comum insistirmos para que todos "respeitem as diferenças" — permitam que as pessoas sejam elas mesmas —, mas, no instante seguinte, demonstrarmos total desrespeito por qualquer um que se contraponha às crenças que mais prezamos. Zombamos de pessoas mais liberais do que nós nas questões sociais, chamando-as de combatentes da justiça social; mas também desdenhamos dos mais conservadores a quem apelidamos de fanáticos odiosos.

Muitos argumentam que o tribalismo era um mecanismo de sobrevivência e que, portanto, os seres humanos são programados para conquistar seu significado e segurança com base na prática de demonizar os outros.[18] Determinado autor escreveu que "um dos aspectos mais preocupantes" da identidade humana é que, para "a formação do 'nós', devemos deixar de fora ou excluir o 'eles'", de modo que nossas identidades sejam inevitavelmente dependentes das pessoas que excluímos.[19] Somente denunciando, culpando e desprezando fatores identitários diferentes das outras pessoas — fatores relativos a raça, classe, religião e ponto de vista — é que poderemos nos sentir bem em relação a nós mesmos. A exclusão dos

outros nos proporciona "a ilusão de impecabilidade e força".[20] A exclusão parece ser algo inevitável.

Alguns querem uma sociedade ideal em que haja inclusão absoluta. Estes nos incentivam a aceitar todas as perspectivas e a afirmar com igualdade todo tipo de pessoa. Ninguém pode realmente dizer a outra pessoa o que é certo ou errado, segundo dizem eles, e então temos que acatar todos os pontos de vista. Qualquer esforço para praticar a inclusão absoluta, no entanto, sempre leva a novas formas de exclusão. Você pode dizer, por exemplo, "não existem pessoas boas e pessoas más", mas agora aqueles que pensam que *existem* pessoas boas e más tornam-se pessoas más. A hipótese de rejeitar todos os "binários" cria, imediatamente, outros novos. Além disso, aqueles que insistem na ilusão da inclusão total frequentemente se mostram incapazes de nomear e condenar comportamentos que são maus ou injustos.[21]

Desse modo, a inclusão total é, no final das contas, algo impossível de praticar. Em última análise, todos acreditam em algum absoluto moral. Uma vez que percebemos isso, surge uma nova questão: Qual é o conjunto de crenças e absolutos morais que nos leva a abraçar mais plenamente aqueles de quem divergimos profundamente?.

Será que existe algum meio-termo entre os opostos de afirmar completamente todos os pontos de vista e de excluir pessoas rotulando-as como "o outro"? Sim, existe. Jesus disse: "Eu digo a vocês, amem seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem [...]. Se cumprimentarem apenas os que são de seu próprio povo, que estarão fazendo mais do que os outros? Até os pagãos não fazem isso?" (Mt 5.44,47, NIV). Aqui Jesus está dizendo que o modo de viver de seus discípulos deve contrastar profundamente com a maneira que os seres humanos comumente se relacionam com o "outro". Jesus nos diz para "cumprimentar" todas as pessoas; e em seu tempo se fazia isso usando a palavra *shalom*. Desejar *shalom* a alguém — palavra que significava pleno florescimento, saúde e felicidade — era querer o bem dessa pessoa. Jesus está reconhecendo que alguns são de fato oponentes, até mesmo perseguidores. Ele não diz que todos são igualmente certos e bons, mas insiste na noção de que suas necessidades como seres humanos são igualmente importantes, independentemente de suas crenças. Ele cobra de seus discípulos que abram

o coração àqueles que são diferentes e que concedam a eles um espaço em suas atenções, emoções e vidas.

Conforme vimos, muitos dirão que isso é simplesmente impossível, que nosso senso de identidade está irredutivelmente baseado em nos sentirmos superiores em relação a grupos e pessoas que vemos como inferiores. Mas isso não deve ser verdade no caso daqueles que alegam ter uma identidade cristã.

A identidade e a autoestima do ser humano geralmente vêm de suas conquistas. Temos orgulho de ser profissionais bem-sucedidos ou de fazer parte de determinado grupo étnico que alcançou tantas grandes realizações. Construímos a autoestima de indivíduos e grupos cobrindo-os de elogios por suas realizações. Mas esse tipo de identidade é inerentemente frágil e instável. Precisa de reconhecimento e reforço constantes. A maioria das identidades religiosas é assim também. Podemos dizer: "Tenho trabalhado duro em oração, no estudo da doutrina religiosa e para levar uma vida virtuosa, por isso acho que posso dizer que conheço a Deus".

No entanto, a identidade cristã é recebida, não alcançada. Em *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, perguntam a um dos personagens se ele conhece Aslam, um leão que é um tipo de Cristo no livro. Ele, então, responde: "Bem, ele é que me conhece".[22] Isso ecoa a declaração de Paulo aos cristãos da Galácia: "Mas agora que vocês conhecem a Deus, ou melhor, são conhecidos por Deus" (Gl 4.9, NIV). Tenha em mente que conhecer alguém na Bíblia não significa simplesmente conhecer a respeito da pessoa, mas estar em um relacionamento pessoal. O que nos torna cristãos não é nosso amor por Deus, que é imperfeito, e sim o amor de Deus por nós. Basear nossa identidade em nossos próprios esforços e realizações — ou até mesmo na medida do amor que sentimos por Jesus — é ter uma identidade frágil e instável. Em geral, temos dúvidas se estamos sendo bons o bastante e, mesmo que tenhamos tido uma boa semana, tememos que a próxima semana possa ser pior.

No entanto, quando colocamos nossa fé em Cristo, somos totalmente recebidos e aceitos por Deus com base na obra de Cristo, não na nossa (2Co 5.21). Somos adotados na família de Deus (Jo 1.12,13) e amados por Deus com o amor incondicional de um pai, não com a estima condicional de um empregador ou de um mero soberano. Isso coloca nossa autoestima em um patamar inteiramente novo. Como Paulo, podemos dizer que, por

nós mesmos, somos "indignos", mas, "pela graça de Deus, sou o que sou" (1Co 15.10, NIV). E, porque nossa segurança e certeza de que somos amados não repousam em nosso desempenho, temos a liberdade psicológica de fazer o que Jonas não pôde fazer: olhar para dentro de nosso coração, reconhecer nossas falhas e admiti-las (Rm 7.21-25). Ainda assim, apesar dessa consciência elevada de sua pecaminosidade, os cristãos não carecem de grande confiança. Paulo diz que nós, cristãos, nos "gloriamos" — extraímos coragem — quando olhamos não para nossa própria força ou nossas realizações, mas para como somos considerados em Cristo (1Co 1.31; Gl 6.14; Fp 3.3).

Essa nova compreensão de quem somos em Cristo transforma a forma como nos relacionamos com pessoas que são diferentes de nós.

Os cristãos continuam a ter os mesmos empregos, as mesmas famílias, os mesmos antecedentes raciais e étnicos, mas o amor de Deus em Cristo agora se torna a fonte mais fundamental de sua autoestima. Isso desloca, embora não apague nem remova, nossos outros fatores de identidade. Assim, por um lado, Paulo diz que em Cristo "não há judeu nem gentio" (Gl 3.28), no entanto, por outro, como judeu ele ainda abraçava seus costumes e padrões culturais únicos (At 21.24-26). Isso significa que, quando você se torna cristão, não deixa de ser chinês ou europeu, mas agora sua raça e nação não definem quem você é tão plenamente quanto antes. Você já não depende mais desses fatores da mesma maneira para seu valor e honra. É cristão em primeiro lugar, e, somente em segundo lugar, chinês ou europeu. Ser cristão lhe dá certo distanciamento e objetividade para que você possa enxergar as partes boas e ruins de sua cultura com mais clareza do que muitas pessoas que ainda confiam nela como algo fundamental para sua autoestima.

> Os cristãos nunca podem ser primeiramente asiáticos ou americanos, russos ou tutsis, e, só depois, cristãos [...]. Quando respondem ao chamado do evangelho, colocam um pé para fora de sua cultura enquanto o outro permanece firmemente plantado nela. [O cristianismo] não é uma fuga de sua cultura de origem, mas uma nova maneira de viver dentro dela por causa da nova visão de paz e alegria em Cristo.[23]

Eu vim a experimentar tudo isso diretamente há alguns anos, quando visitei uma igreja num encontro em um município negro e pobre, na África

do Sul. Lá visitei líderes e membros de uma pequena igreja. Um dos pilares dessa igreja era uma mãe solteira que havia enfrentado grandes privações, opressão e sofrimento ao longo dos anos. No entanto, sua fé não apenas a ajudara a lidar com todas essas coisas; ela havia triunfado sobre elas. As dificuldades de sua vida não a tornaram amarga, nem cínica, nem uma pessoa de coração duro, nem fraca, nem dependente. Ela era uma cristã radiante, cheia de confiança em Deus e de amor sacrificial pelos outros.

Embora fosse pastor de uma grande igreja, em uma cidade grande, pude reconhecer nela alguém que era superior a mim em oração e fé em Jesus. Se eu não fosse cristão, como cidadão americano do sexo masculino e de cor branca, sentiria nada mais do que pena dela. Ela não havia iniciado nenhuma nova organização ou campanha. Não era uma grande líder política. Não tinha nenhuma das características que eu mais valorizaria. Entretanto, agora sou cristão em primeiro lugar e, em segundo lugar, um cidadão americano de cor branca; e, por causa do nosso elo comum em Cristo, reconheci uma irmã que era igual a mim como pecadora salva pela graça, mas que me superava de muitas maneiras cruciais. Isso significa que fui capaz de ouvi-la de uma maneira que eu não teria ouvido em outros tempos. Essa experiência, então, teve um efeito de transbordamento — comecei a considerar outras pessoas marginalizadas com um novo entendimento que eu não poderia ter descoberto de outra maneira.

Os primeiros cristãos surpreenderam o mundo romano com essa faceta única de sua identidade. Até aquele momento, a religião e a fé das pessoas não passavam de uma extensão de sua identidade nacional. Sua raça determinava quem eram seus deuses — a raça vinha em primeiro lugar, e a religião era apenas uma maneira de expressá-la. Os cristãos diziam que o seu Deus era o Deus do mundo todo, que pessoas de todas as raças podiam ser cristãs, e que, portanto, a fé era mais importante do que a raça.[24] As primeiras igrejas cristãs eram multiétnicas de uma maneira sem precedentes. Elas reuniram pessoas que nunca haviam se relacionado bem antes de acreditarem em Cristo.

Essa é uma lição que Jonas jamais aprendeu dentro do espaço de tempo da história de seu livro. No último momento, Deus ainda está insistindo para que ele perceba. Nós, contudo, se começarmos a *discriminar* outras pessoas de diferentes raças e culturas, teremos muito menos desculpas do que Jonas.

Em *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, um dos personagens principais, Gimli, o anão, compartilha toda a desconfiança e aversão de sua raça em relação aos elfos. Na narrativa de Tolkien, elfos e anões tiveram séculos de conflitos no passado. Então, o anão Gimli chega à terra de Lórien e fica diante de Galadriel, a rainha dos elfos. Embora ele esteja miserável e triste, ela lhe diz palavras de encorajamento em sua própria língua secreta, uma língua que os anões não ensinam a ninguém. Gimli fica impressionado com o conhecimento que ela tem dele e com seu gesto generoso.

> E o anão, ouvindo os nomes serem dados em sua própria língua ancestral, olhou para cima e encontrou os olhos dela; e pareceu-lhe que olhara de repente dentro do coração de um inimigo e vira lá amor e compreensão. O maravilhamento tomou conta de sua fisionomia, e, então, ele sorriu em resposta.
>
> Ele se levantou desajeitadamente e se curvou ao estilo dos anões, dizendo:
>
> "Ainda mais justa é a terra de Lórien, e lady Galadriel está acima de todas as pedras preciosas que existem debaixo da terra!".[25]

Depois disso, pelo restante do livro, a atitude de Gimli em relação a toda a raça dos elfos começa a mudar; ele é libertado e se torna amigo íntimo de outro elfo, Legolas. Quando foi recebido com amor por outro alguém que acreditava ser seu inimigo, isso o transformou e o capacitou a também receber a outros que são profundamente diferentes de si mesmo.

No Sermão do Monte, quando Jesus nos chama a amar nossos inimigos e a cumprimentar aqueles que são diferentes de nós, não está nos pedindo para fazer algo que ele próprio não tenha feito. Ele era "outro" em relação a nós — ele tinha "a própria natureza de Deus" (Fp 2.6). Ele era a divindade cuja presença santa intimidou Moisés e Isaías (Êx 3.1-14; Is 6.1-9) e cuja glória, se olhada, era fatal (Êx 33.20). Ainda assim, Jesus, o totalmente Outro, tornou-se igual a nós.

> Quem, subsistindo na própria natureza de Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser usado em proveito próprio; antes, ele se fez nada, assumindo a própria natureza de um servo, fazendo-se em semelhança humana. E, encontrando-se em aparência humana, ele se humilhou tornando-se obediente até a morte — e morte de cruz! (Fp 2.6-8, NIV)

Temos aqui o modelo de como amar e acolher aqueles que são profundamente diferentes, em vez de excluí-los, rotulando-os como o outro. Jesus certamente tinha todo o direito de nos excluir, mas não o fez. Ele nos amou, nos acolheu e nos reconciliou consigo mesmo — o tempo todo não apenas nos afirmando em algum sentido geral, mas nos chamando ao arrependimento radical. Ele nem nos incluiu, como se tivéssemos o direito de ser acolhidos, nem nos excluiu e rejeitou, como nossos pecados mereciam. Sua morte sacrificial e voluntária para pagar a pena pelos nossos pecados tanto nos convence do pecado e da necessidade de mudar quanto nos assegura do seu amor e perdão, apesar de nossas falhas.[26]

Aqui, temos, então, o modelo de como devemos tratar aqueles que são diferentes de nós. E aqui também está o poder para fazer isso. Quando Paulo estava a caminho de Damasco, com o intuito de prender e executar mais cristãos, Jesus apareceu a ele e disse que, ao perseguir os cristãos, Paulo perseguia ele, Jesus (At 9.5). Paulo era inimigo de Cristo. Ainda assim, Cristo o perdoou e curou sua cegueira física e espiritual. Paulo havia encontrado alguém que deveria tê-lo tratado como um inimigo, mas o tratou com amor. Quando aquele que você pensa ser "o Outro" não trata *você* como outro, mas se dá por amor em seu lugar, como você poderá tratar quem quer que seja como um inimigo? O medo e a insegurança que geram a necessidade de proteger e justificar seu valor pessoal desaparecerão.

Em 2004, o cineasta holandês Theo van Gogh foi morto por um radical muçulmano. Em decorrência de sua morte, tanto igrejas quanto mesquitas na Holanda sofreram ataques de retaliação, inclusive um ataque a bomba a uma escola islâmica. Esse transbordamento de violenta ira abalou a nação holandesa, que se orgulhava de ser uma sociedade pacífica e aberta.[27] Nesse momento incendiário, um ministro protestante holandês, o reverendo Kees Sybrandi, fez algo radical. Sybrandi era um holandês bastante conservador e tradicional que vivia em uma comunidade para a qual os miseráveis imigrantes do Oriente Médio haviam trazido muita pobreza e crime.[28] Ainda naquela semana, Sybrandi "caminhou até a mesquita de seu bairro. Ele bateu com firmeza à porta e, para o choque dos muçulmanos reunidos lá dentro, anunciou que ficaria de guarda, do lado de fora da mesquita, todas as noites até [...] os ataques cessarem. Nos dias e semanas que se seguiram, esse ministro chamou outras igrejas da região, e elas se juntaram a ele,

fazendo um círculo em volta das mesquitas e guardando-as, em toda a região, por mais de três meses".[29]

Por que Sybrandi teria feito uma coisa dessas? Certo entrevistador tentou descobrir. Foi alguma experiência que provocou a mudança? Não. O ministro "não mencionou histórias de amizades passadas nem de diálogos com muçulmanos". Talvez os valores seculares liberais o tivessem amolecido? Não. "Apelos multiculturais para celebrar a diferença eram pouco atrativos para seu coração". Então, o que o fez superar seu tradicionalismo inerente e seu conservadorismo temperamental? "Ele simplesmente respondeu: 'Jesus. Ele me disse para amar o meu próximo — [e até mesmo] meu inimigo'".[30]

E com base em que Jesus ordenou tal coisa? Ele nos diz que devemos ser gentis com os outros pelo fato de nós mesmos termos recebido graça. Em sua Parábola do Servo sem Compaixão, ele diz que os cristãos que têm consciência de que vivem totalmente pela imerecida misericórdia de Deus *devem* ser generosos, perdoadores e acolhedores para com todos os outros, mesmo para com aqueles que eles veem como oponentes (Mt 18.21-35).

Fazendo justiça, pregando a ira (Jn 3.1-10)

A missão de Jonas para com Nínive é repleta de lições práticas para nós.

Uma delas é sobre *missão*.

O chamado de Jonas para deixar sua terra natal a fim de pregar a Palavra de Deus foi algo sem precedentes no Antigo Testamento, todavia, este mandato é dado por Jesus a todos os crentes (Mt 28.18-20). Assim, embora não sejamos todos chamados a ser pregadores, profetas ou missionários, todo crente é chamado a *ir*. Isso significa estar disposto a deixar sua proteção e segurança para compartilhar as boas novas de Jesus com outros. E pode ou não implicar o fato de deixar locais físicos e contextos sociais, mas sempre significa risco e vulnerabilidade.

Missão não é apenas para uma elite espiritual, ou para os que estão descansados, ou para pessoas que tenham o dom da palavra, ou personalidades extrovertidas, ou ainda para os que têm formação teológica. Missão é para toda pessoa que pertence a Cristo. E é assim porque Deus é por natureza um Deus que envia. Ele nunca nos chama para nos abençoar sem também nos enviar para ser uma bênção para os outros.

O primeiro e maior exemplo disso é Abraão, pai de todos os que creem. Deus veio e disse-lhe: "Deixe seu país, seu povo e a casa de seu pai e vai para a terra que eu mostrarei. Farei de você uma grande nação e o abençoarei [...] e será uma bênção [...] todos os povos da terra serão abençoados por meio de você" (Gn 12.1-3, NIV). Deus chamou Abraão para deixar sua cultura familiar ("seu povo") e sua segurança pessoal e emocional ("a casa de seu pai"). Em outras palavras, ele é chamado a abandonar tudo aquilo que lhe dava sentido e segurança na vida. Aqui está um esboço de sua vida:

— Vai.
— Para onde?
— Eu vou lhe dizer mais tarde. Apenas vai (Gn 12).
— Você terá um filho.
— Como?
— Eu vou lhe dizer mais tarde. Apenas confie (Gn 15).
— Ofereça seu filho no monte.
— Por quê?
— Eu vou lhe dizer mais tarde. Apenas suba o monte (Gn 22).

Podemos responder que Abraão foi um patriarca sem igual, que Jonas foi um profeta hebreu e que seus chamados à missão, para adentrarem na incerteza e na insegurança, não se estendem a todos nós. No entanto, o texto de Hebreus 11.8-10 usa a resposta de Abraão ao chamado de Deus para que deixasse sua segurança como um modelo para todos os crentes. O versículo 8 diz que, quando Deus chamou Abraão e lhe disse para abandonar tudo e ir, ele "pela fé [...] obedeceu e foi, embora não soubesse para onde estava indo" (NIV). Por que ele fez isso? O versículo 10 responde: "Porque ele aguardava com expectativa a cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus" (NIV). Somente o reino de Deus tem "alicerces" que durarão. Somente a aprovação, a proteção e a herança eterna de Deus são permanentes. Desse modo, se achamos que podemos parecer tolos aos olhos de alguém ao falar de nossa fé, ou se achamos que as necessidades de um ministério ou missão em particular

podem exigir doações financeiras sacrificiais — e fazemos o que for necessário —, estamos respondendo ao mesmo chamado para deixar nossa segurança, chamado que Deus dá a todos os que creem. Tanto o chamado de Abraão quanto o de Jonas, portanto, são um modelo para nós.

Outra lição que podemos extrair da missão de Jonas para com Nínive diz respeito a *cidades*.

Jonas empreendeu o que poderíamos chamar de missão urbana. Ele foi para uma cidade que era uma das maiores do mundo naquela época. Quando Deus está argumentando por que ele deveria estar profundamente preocupado com Nínive, cita o tamanho de sua população como razão do significado que a cidade tinha para ele, e usa o termo *adam* —palavra em hebraico para designar seres humanos: "120.000 seres humanos". É como se Deus estivesse dizendo: "Eu me importo com os seres humanos; por isso, quanto mais não deveria eu me preocupar em alcançar esse lugar em que há tantos seres humanos reunidos?".

Essa lógica simples é poderosa. Muitas pessoas simplesmente não gostam de cidades. Contudo, se nos importamos com pessoas, e se acreditamos que a necessidade humana mais fundamental é se reconciliar com Deus, então todos os cristãos devem se preocupar e apoiar o ministério cristão urbano, de uma forma ou de outra. Se não por outro motivo, pelo mero apelo de Deus ao simples tamanho da cidade como um indicador da necessidade espiritual, algo que nos abre os olhos hoje com mais impacto ainda. No início do século 19, apenas 5% da população mundial vivia nas cidades, porcentagem que cresceu para 14% até 1900. Atualmente, o número supera 50% e está prestes a representar talvez 80% até o ano 2050.[31] Em 1950, a cidade de Shenzhen, na China, tinha uma população de 3.148 habitantes e a cidade de Kinshasa (então chamado Leopoldville), no Congo, tinha duzentos mil. Até 2025, as Nações Unidas preveem que a população dessas duas cidades terá crescido para doze milhões e dezesseis milhões, respectivamente. Nesse mesmo período, a população urbana da América Latina passou de menos de 40% para mais de 80%.[32] No Ocidente, as cidades estão crescendo muito mais lentamente, todavia, a maioria está crescendo em seus centros, atraindo jovens adultos e novos imigrantes; em geral, essas pessoas são mais seculares e resistentes ao testemunho cristão do que as de outros lugares.

Essa é "a migração mais maciça de pessoas em toda a história" e, como apontam dois observadores internacionais, "há um enorme desequilíbrio na proporção de recursos cristãos dedicados à presença, ao testemunho e à missão de cristãos nas imensas cidades do Sul [global] que não param de crescer".[33] Certamente, Deus chama cristãos e igrejas para irem viver em todos os lugares onde houver pessoas, mas as pessoas do mundo todo estão se mudando para as cidades num ritmo muito mais rápido do que a igreja está.[34] "Esse contexto pode dar ressonância especial à pergunta [...] final de Deus a Jonas: '*Não deveria eu me preocupar com Nínive, essa grande cidade?*'".[35]

Uma das razões pelas quais os crentes de hoje não gostam de cidades é porque são frequentemente lugares de grande oposição ao cristianismo. As cidades raramente são berços da fé ortodoxa, e muitos jovens cristãos se mudam para as cidades e perdem a fé. Alguns hoje acreditam que os cristãos deveriam se afastar desses centros de incredulidade.

Jonas foi chamado a ter compaixão de uma cidade que era uma ameaça para o seu povo (Jn 4.11). Anos depois, Deus fez aos crentes o mesmo apelo para que buscassem o bem comum de uma cidade pagã que já *tinha* praticado violência contra sua nação (Jr 29.4-7). O Império Babilônico havia invadido e saqueado Jerusalém, levando muitos de seus habitantes para o exílio. A estratégia dos babilônios era fazer os judeus assimilarem a nova cultura para que perdessem sua fé, sua cultura e sua visão do mundo.[36] Para combater essa estratégia, houve profetas, como Hananias (Jr 28.1-17), que chamavam os judeus a permanecerem fora da cidade. Era uma espécie de tribalismo em que a cidade era desprezada e odiada e as pessoas se envolviam com ela apenas no grau necessário para construir sua própria economia. Ironicamente, tanto a assimilação quanto o tribalismo são estratégias radicalmente egoístas. Não há amor pela cidade; em ambos os casos, a cidade está sendo usada para construir riqueza, status e poder.

Deus rejeita tanto a assimilação quanto o tribalismo para seu povo. Ele proíbe tanto o sincretismo quanto o distanciamento. Em vez disso, ele diz:

> Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os que estão no exílio, aos quais deportei de Jerusalém para a Babilônia: "Edifiquem casas e habitem nelas; plantem pomares e comam do seu fruto. Casem-se com mulheres e gerem filhos e filhas; também tomem esposas para seus filhos e deem suas filhas em casamento para que tenham filhos e filhas. Multipliquem-

> se ali e não venham a diminuir. Empenhem-se pela prosperidade da cidade, para onde os exilei, e orem ao SENHOR em favor dela; porque a prosperidade dela será a sua prosperidade" (Jr 29.4-7, NIV).

Isso deve ter sido um choque enorme. Alguns dos líderes da Babilônia tinham as mãos manchadas com o sangue dos parentes dos judeus. A cidade estava repleta de ídolos e falsos deuses. Ainda assim, Deus teve a audácia de lhes dizer para se envolverem profundamente com a cidade, buscarem sua paz e prosperidade, mas, ao mesmo tempo, não comprometerem suas crenças e sua fidelidade a ele. Tanto o distanciamento quanto a assimilação são mais fáceis. Buscar o bem comum, e, apesar disso, não comprometer a fé e a prática, é algo muito mais difícil. Ainda assim, esse é o chamado de Deus para o seu povo.

Esse modelo — o de exilados que buscam o bem comum da cidade — é também o modelo dado à igreja do Novo Testamento. Tanto Pedro quanto Tiago chamam os cristãos de exilados (Tg 1.1; 1Pe 1.1). Pedro usa o termo *parapidêmos*, uma palavra que significa "estrangeiros residentes". O termo *parapidêmoi* designava os cidadãos de um país que eram residentes em tempo integral em outro país. Os cristãos são cidadãos da "Jerusalém do alto" (Gl 4.22-26; cf. Fp 3.20, "a nossa cidadania está no céu"); ainda assim, devemos também orar e buscar o bem-estar de nossas cidades aqui na terra.

A última lição que podemos extrair da missão de Jonas para com Nínive diz respeito a *justiça*.

Vimos que a pregação de Jonas a Nínive não resultou tanto em conversões (embora não possamos ter certeza de que não houve nenhuma), mas, sim, em reforma social. Aquela sociedade brutal prometeu deixar de lado a violência (Jn 3.8). As mensagens dos profetas para as nações gentílicas consistiam comumente em uma denúncia de suas práticas sociais exploradoras e um chamado para que a justiça fosse feita. O que a Bíblia quer dizer quando chama as pessoas a "buscar a justiça" e a "defender os oprimidos" (Is 1.17)?

Ela quer dizer que se deve buscar tratamento igual para todos. Levítico 24.22 diz aos crentes que eles devem ter "a mesma lei para o estrangeiro e para o nativo" (NIV). Você está promovendo a injustiça se privilegiar uma raça ou nacionalidade em detrimento de outra, ou se privilegiar cidadãos em detrimento de imigrantes. Uma série de outros textos bíblicos denuncia

qualquer sistema judicial que tem uma predisposição em favor dos ricos ao passo que priva os pobres (cf. Is 1.23,24).

Também significa que se deve ter uma preocupação especial por grupos vulneráveis do ponto de vista econômico e social. Provérbios 31.8,9 diz: "Fale por aqueles que não podem falar por si mesmos, pelos direitos de todos os que estão desamparados [...] Defendam os direitos dos pobres e necessitados" (cf. Zc 7.9,10, NIV). O texto não diz: "fale pelos ricos e poderosos", e a razão não é porque eles não mereçam tratamento igual — eles merecem —, mas porque a Bíblia aqui está preocupada em distribuir poder àqueles que não o têm.

Finalmente, fazer justiça significa generosidade generalizada e radical. Quando Isaías 58.6 nos chama a "desatar as correntes da injustiça e [...] libertar os oprimidos", o versículo seguinte define isso como "compartilhar sua comida com o faminto e fornecer abrigo [ao sem-teto]" (NIV). Quando Jó está rememorando a vida admirável que viveu, ele diz que não colocou sua confiança no ouro, dizendo "és minha segurança" (Jó 31.24, NIV); antes, compartilhou seu pão, suas roupas e outras posses com os pobres (v. 16-19). É injusto não compartilhar o que se tem com os pobres. Essa falta de generosidade pode assumir outras formas. Explorar seus empregados, pagando-lhes um salário pouco generoso, é considerado injustiça (Is 58.6,7). Tudo o que você tem é somente por dádiva e desígnio de Deus (1Cr 29.12-14). Por isso, não compartilhar o que você tem com aqueles que têm menos — deixar de satisfazer suas necessidades humanas básicas, como alimento, moradia segura, saúde e educação — não é ser só impiedoso, mas também injusto.

O livro de Jonas mostra que não apenas a justiça era importante para Deus, mas também a pregação da ira de Deus e do arrependimento. Como, de forma prática, podemos combinar evangelismo com o exercício da justiça?

Um modelo que se propõe é ver esses dois elementos como "as asas de um avião". Embora essa analogia transmita a necessidade das duas asas, ela não descreve como ambas são integrais, como uma leva à outra. Outro modelo vê a ajuda aos necessitados como mero meio para um fim. Nós damos coisas às pessoas para que elas se voltem para Cristo. Isso não se encaixa nos ensinamentos de Jesus de que devemos dar sem esperar nada em troca (Lc 6.32-35) e de que devemos atender às necessidades de nosso

próximo mesmo que ele ou ela não compartilhe de nossa fé (Lc 10.25-37). Um terceiro erro é insistir no fato de que fazer justiça é tudo o que precisamos fazer para anunciar as boas novas de Deus, como se ajudar os marginalizados *fosse* evangelismo. Também não devemos tratar a justiça como uma obra opcional, à qual podemos nos dedicar se tivermos tempo ou dinheiro. Todas essas formulações muito comuns não têm nuances bíblicas.

Devemos entender que, uma vez que todos os nossos problemas sociais derivam de nossa alienação de Deus (Gn 3.1-17), a coisa mais radical e amorosa que se pode fazer por uma pessoa é vê-la reconciliada com Deus. No entanto, embora pregar o arrependimento seja fundamental, fazer justiça deve estar indissociavelmente ligado a isso. Se você tem um novo relacionamento com Deus, isso *deve* afetar todos os seus outros relacionamentos. Os profetas do Antigo Testamento declaravam com regularidade que, embora alguém possa ser religioso, jejuar e orar, se não praticar a justiça, sua religião é uma farsa (Is 58.1-7). Isaías disse que, se não nos importamos com os pobres (Is 29.21), pode parecer que honramos a Deus com nossos lábios, mas nosso coração está longe dele (Is 29.13).

O Novo Testamento não é diferente. Assim como os profetas, Jesus condena as pessoas que fazem longas orações, mas exploram os pobres (Mc 12.38,40). E tanto 1João 3.17,18 quanto Tiago 2.14-17 também declaram que, se você diz que tem fé em Jesus, mas vê alguém "com falta de roupa e do alimento diário" e nada faz por essas "necessidades físicas", sua fé está "morta". Tudo isso é para dizer que a compaixão pelos pobres é um sinal inevitável de um relacionamento vivo com Deus e de uma experiência da graça de Deus. Embora isso não inspire o favor e a aceitação de Deus, é um sintoma seguro de que a pessoa experimentou seu amor. Aqueles que verdadeiramente sabem que têm vida eterna somente por causa da graça gratuita e caridosa de Deus serão caridosos.

Assim, pregar o arrependimento é fundamental, entretanto, fazer justiça deve estar inseparavelmente ligado a isso. Essa combinação de fazer justiça e pregar o juízo — e, portanto, oferecer graça — permanecem juntas não apenas do ponto de vista teológico e filosófico, mas também prático.

Quando o mundo vê a igreja fazendo evangelismo, convertendo pessoas, só nos vê como alguém que está fazendo crescer sua tribo, multiplicando-se em número e aumentando seu poder. Quando nos vê sacrificialmente servindo as necessidades de nosso próximo, *quer creiam*

como nós, quer não, pode ser que o mundo comece a ver que os crentes são motivados mais pelo amor do que pelo desejo de acumular poder. Na teologia cristã, nossa crença no Deus de juízo e graça é a base para fazermos justiça em nossa sociedade. Aos olhos daqueles que estão fora da igreja, é o fato de os cristãos fazerem justiça que torna a crença no evangelho plausível. Fazer justiça pelo nosso próximo, quer ele acredite, quer não em Cristo, é, paradoxalmente, uma das coisas que mais bem recomendam a fé. Como Jesus, devemos ser poderosos em obras e palavras (Lc 24.19).

Obras e palavras também andam juntas filosoficamente. Nossa cultura ocidental é secular, por isso acredita-se amplamente que os valores morais são socialmente construídos, e não dados por Deus. Como comumente se afirma, "ninguém tem o direito de dizer a outra pessoa o que é certo ou errado para ela". O pressuposto cultural é que cada pessoa determine seus próprios valores morais. Entretanto, acredita-se igualmente, com a mesma intensidade, que todas as pessoas são obrigadas a apoiar pautas como direitos iguais, justiça para todos e o cuidado aos pobres. Essa é uma das grandes contradições da nossa sociedade de hoje. Ela insiste que toda moralidade é relativa e, então, exige comportamento moral. E se alguém cometer a temeridade de perguntar: "*Por que* eu deveria sacrificar meu tempo e dinheiro por pessoas distantes que estão morrendo de fome? Por que eu teria alguma obrigação de acolher pessoas de outras raças e crenças? Por que eu deveria ser altruísta?". A cultura pode dar apenas duas respostas, ambas inadequadas. A primeira resposta é que fazer isso serve a seus próprios interesses egoístas. Muitos pensadores têm salientado a tolice de fundamentar o comportamento de autossacrifício no pragmatismo do interesse próprio. A outra resposta é que esses valores são simplesmente autoevidentes; todavia, para muitas pessoas no mundo eles não são.

Essas crenças modernas — de que todos devemos estar comprometidos com a igualdade de direitos e a justiça, mas que não existem absolutos morais dados por Deus — minam umas às outras. A educação secular moderna ensina a todas as crianças que elas devem ser verdadeiras consigo mesmas, que devem identificar seus desejos e sonhos mais profundos e persegui-los, sem deixar que a família, a comunidade, a tradição ou a religião se coloquem em seu caminho. Em seguida, defende justiça, reconciliação e benevolência, que são formas básicas de autonegação, ao

mesmo tempo que estimula a autoafirmação. Ensina relativismo e chama as pessoas a serem éticas. Encoraja a busca do interesse pessoal e chama as pessoas a se sacrificarem. Como C. S. Lewis diz:

> Continuamos a clamar precisamente pelas próprias qualidades que estamos tornando impossíveis […]. Com uma espécie de simplicidade sinistra, arrancamos o órgão e exigimos a função […]. Zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. Nós castramos e pedimos aos castrados que sejam fecundos.[37]

Os cristãos podem dar uma contribuição importantíssima nesse ponto. O filósofo Charles Taylor, em seu livro *Sources of the self: the making of the modern identity* [Fontes do eu: a construção da identidade moderna], aponta que a sociedade moderna encontra-se "no nível mais profundo de incoerência" em relação à moralidade.[38] Nossa cultura exige benevolência imparcial para com todas as pessoas, justiça social para todas as classes oprimidas e a redução da fome, das doenças e do sofrimento em todo o mundo, "enquanto [ao mesmo tempo] em princípio, nega que qualquer valor moral seja outra coisa que não uma preferência arbitrária e subjetiva".[39] Um crítico ateu da obra *Sources of the self* admite que a tese de Taylor o deixa muito desconfortável. Ele escreve:

> Perseverar na virtude […] exigirá autossacrifício. E o autossacrifício parece exigir alguma justificação ou motivação transcendente, das quais a mais comum, e talvez a mais lógica, é a crença na existência de Deus. Ou assim argumenta Taylor, de modo circunspecto: Como a liberdade moderna implica a rejeição da transcendência, a virtude moderna é totalmente contingente. Podemos ser bons por muito tempo sem Deus? As dúvidas de Taylor são assustadoras.[40]

Os cristãos, logicamente, compartilham de todos esses compromissos morais — dos direitos humanos, da igualdade de dignidade humana, da benevolência universal e dos interesses dos pobres. Aliás, é amplamente dito, e com fartos argumentos, que esses valores foram importados da Bíblia pela sociedade secular moderna. Os cristãos têm os recursos para "perseverar na virtude" e para o autossacrifício. Esses decorrem não apenas da crença em Deus e na vida após a morte em geral, mas de cada característica do evangelho cristão — a encarnação de Cristo, sua morte expiatória na cruz e a esperança da ressurreição. Quanto mais os cristãos

fizerem uso desses recursos e amarem seu próximo, mais forte a sociedade pode se tornar.

---

1 Para os judeus, os samaritanos eram "párias do ponto de vista sociorreligioso". Joel B. Green, *The gospel of Luke*, The New International Commentary on the New Testament (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1997), p. 431.

2 Green, *The gospel of Luke*, p. 432.

3 Uma abordagem acessível dessa doutrina pode ser encontrada em Anthony A. Hoekema, *Created in God's image* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1994).

4 John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill, tradução de Ford Lewis Battles, The Library of Christian Classics (Louisville: Westminster John Knox Press, 2011), vol. 1, p. 696-7, grifo nosso [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols., e *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)].

5 Calvin, *Institutes of the Christian religion*, p. 698.

6 Um importante trabalho acadêmico que explora de que modo os cristãos e as igrejas locais podem trabalhar pelo bem comum de bairros e cidades é o de Luke Bretherton, *Resurrecting democracy: faith, citizenship, and the politics of a common life* (Cambridge: Cambridge University Press, 2014). Bretherton aborda a questão "Como construímos uma vida comum em lugares caracterizados por profunda diversidade religiosa e cultural?". Ele defende que igrejas e cristãos se engajem em um "amplo esforço de organização comunitária", no qual crentes se unam a pessoas de crenças profundamente diferentes, identifiquem maneiras de melhorar a vida para todos naquele local e trabalhem em conjunto pela mudança.

7 É importante observar que os crentes podem servir de forma fiel na política e no governo, sem a obrigação de transformar o governo em um Estado cristão. Daniel chama um rei pagão a agir com justiça para com os pobres e oprimidos (Dn 4.27), e Amós 1 e 2 mostra Deus responsabilizando nações pagãs por seu comportamento. Elas não

estão sendo chamadas a reconhecer Deus como Senhor; muito menos os governos estão presos a um padrão ético inteiramente cristão. Eles, porém, são vinculados a algo como a regra de ouro. Esse nível de justiça e equidade típicos da regra de ouro em uma sociedade é algo que ministros cristãos podem chamar governos pagãos a honrarem, como Amós e Daniel fizeram.

8 No antigo Israel, era papel do Estado promover a verdadeira religião e punir a heresia. Assim, Israel era um estado teocrático. No Novo Testamento, porém, Jesus nos diz: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21, NIV). Muitos (inclusive eu) veem isso como uma mudança na relação entre igreja e Estado para uma espécie de "não *establishment*".

Isso não significa que todo governo possa na realidade ser "religiosamente neutro" por inteiro. Todas as ordens políticas baseiam-se em alguma visão de bem moral. Um governo pode estar comprometido com uma crença pós-iluminista na liberdade individual absoluta ou, em vez disso, com uma crença tradicional na solidariedade da família e do clã. Abraçará uma das muitas definições particulares de "justiça", seja o utilitarismo de John Stuart Mill, seja a justiça dos direitos individuais, seja a virtude ética de Aristóteles. Mas nenhuma dessas visões é empiricamente demonstrável. São óticas morais baseadas em fé e que repousam em crenças sobre a natureza humana e seu propósito. Isso significa que os cristãos têm todo o direito, como indivíduos cidadãos, de buscar políticas sociais baseadas em suas próprias crenças, assim como todos os demais cidadãos inevitavelmente estão buscando.

No entanto, isso não é o mesmo que procurar estabelecer uma religião ou denominação como igreja oficial do Estado. Em termos gerais, então, a igreja deve produzir cristãos — "a igreja dispersa" — que individualmente se engajem em ação política; contudo, a igreja institucional "reunida", bem como seus líderes, não devem estar alinhados a este ou aquele partido político nem a seus respectivos líderes em particular. Veja Daniel Strange, "Evangelical public theology: what on earth? Why on earth? How on earth?", in: Chris Green, org., *A higher throne: evangelical public theology* (London: InterVarsity Press, 2008), p. 58-61. Essa é uma revisão empática,

embora crítica, do ensinamento de Abraham Kuyper de que a igreja "orgânica", composta de indivíduos cristãos, deve atuar na transformação cultural, mas que a igreja "institucional" não. Para exemplo de uma crítica mais extensa, embora em última análise compreensiva, acerca da teologia pública de Abraham Kuyper (com muita apreciação por pessimistas como MacIntyre e Hauerwas), veja James K. A. Smith, *Awaiting the King: reforming public theology* (Grand Rapids: Baker Academic, 2017) [edição em português: *Aguardando o Rei* (São Paulo: Vida Nova, 2020)].

9 O próprio evangelho mina o partidarismo extremo por causa da doutrina do pecado. Ele diz aos cristãos que o mal que arruína a vida humana neste planeta reside em cada coração humano, incluindo o dos cristãos. Cada ponta do espectro político tem a tendência de argumentar que o mal que sofremos vem principalmente de certas classes de pessoas — de pessoas e raças ricas e poderosas ou de pobres e de imigrantes. Mas o cristão acredita na doutrina da "depravação total", ou seja, que raça, classe ou gênero nenhum é mais pecaminoso e depravado do que outro qualquer. Sim, é verdade que um grupo com mais poder é capaz de causar mais danos com seu pecado, todavia, os cristãos são proibidos de pensar que uma classe diferente de pessoas com poder seja intrinsecamente menos propensa ao pecado e à exploração.

A doutrina da depravação total também mina o partidarismo porque nos impede de pensar que a "mão invisível" do mercado de capitais ou o poder do governo seja algo mais intrinsecamente confiável como guia para alocação de recursos materiais. A extrema esquerda é muito mais desconfiada do capitalismo do que do Estado, e a extrema direita tende a ser o oposto. O "mercado" e o "Estado", contudo, são simplesmente compostos de seres humanos. E seres humanos são intrinsecamente egocêntricos e encontrarão maneiras de usar o poder que têm para obter vantagem.

É verdade que os sistemas políticos seculares de direita e de esquerda transformam em ídolos a escolha individual ou o Estado ou ainda o capitalismo, e isso leva a políticas que favorecem certas classes em detrimento de outras, minando o bem comum. No entanto, os crentes não devem pensar que, de alguma forma, um partido político cristão

estaria necessariamente livre desses mesmos problemas. A doutrina cristã do pecado deve levar os cristãos a desconfiarem de si mesmos, uma vez que nosso coração pecaminoso é perfeitamente capaz de encontrar, dentro de uma estrutura doutrinária ortodoxa, justificativas para abusos de poder.

10 Veja Sean Michael Lucas, "Owning our past: the spirituality of the church in history, failure, and hope", *Reformed Faith and Practice: The Journal of Reformed Theological Seminary* 1, n. 1 (May 2016, disponível em: https://journal.rts.edu/article/owning-our-past-the-spirituality-of-the-church-in-history-failure-and-hope, acesso em: 31 mar. 2019). Sean Lucas discute a questão levantada no capítulo 31, item 4, da Confissão de Fé de Westminster, da Igreja Presbiteriana: "Os sínodos e concílios não devem discutir, nem determinar coisa alguma que não seja eclesiástica; não devem imiscuir-se nos negócios civis do Estado, a não ser por humilde petição em casos extraordinários ou por conselhos em satisfação de consciência, se o magistrado civil os convidar a fazê-lo". Muitos argumentaram que isso proíbe a igreja de se pronunciar oficialmente sobre quaisquer questões sociais; e presbiterianos do Sul, nas décadas de 1840 e 1850, invocaram essa parte da confissão contra os abolicionistas, que insistiam que a igreja se pronunciasse contra a escravidão. Sean Lucas apresenta argumentos convincentes de que isso não significa que a igreja não possa falar, como instituição, sobre questões relativas a raça, sexo e pobreza, todas elas com implicações sociais, uma vez que a própria Bíblia trata desses assuntos. Ele pretende manter, entretanto, a grande restrição que a Confissão de Westminster deseja que a igreja exerça quanto ao envolvimento na política eleitoral.

11 Isso significa que ministros e outros líderes da igreja devem ter grande cautela ao falar publicamente sobre questões políticas atuais, pois, mesmo que tentem falar como "cidadãos individuais", eles serão inevitavelmente vistos como alguém que fala oficialmente pela igreja institucionalizada e, portanto, como quem alega que sua visão particular é *a* posição bíblica ou *a* posição política cristã. Há alguns anos, em uma conversa particular, me perguntaram o que eu achava do conflito israelo-palestino no Oriente Médio. E me apresentaram uma agenda para um caminho a seguir, para uma possível solução. Depois

de considerar a proposta, disse que soava muito boa para mim. Então, me perguntaram se eu assinaria uma petição pública pedindo que todas as partes envolvidas adotassem essa abordagem. Embora estivesse honrado por ser convidado, recusei de imediato. Eu sabia que a razão pela qual me pediram para assinar era porque eu pastoreava uma grande igreja e, portanto, seria visto como alguém que representava muitas pessoas. Entretanto, eu sabia que essa solução política específica, embora fosse sábia em minha opinião, não era uma questão ditada pela Escritura. Portanto, os cristãos em minha igreja tinham liberdade de consciência para ter outra visão sobre esse assunto, e sabia que muitos de fato tinham. Eles não achariam justo eu assinar a petição como se representasse os pontos de vista de toda a congregação. Como ministro, cujo trabalho é pregar a Bíblia para uma igreja, minha assinatura seria vista como algo que dizia: "Essa é a posição política cristã e bíblica sobre essa questão". Não importava se eu protestasse dizendo que estava assinando apenas como cidadão particular. Não teria sido visto nem ouvido dessa maneira. Estaria amarrando o evangelho e a fé a um programa político passível de debates. Dessa forma, ministros e líderes cristãos devem instruir e encorajar os crentes a serem politicamente ativos, a buscarem ser "sal" e "luz" (Mt 5.13-16), e a usarem a sabedoria ensinada pela Bíblia para buscar o bem comum. Todavia, como representantes da igreja institucionalizada, eles não devem impor agendas políticas partidárias.

12 Veja Craig Blomberg, *Neither poverty nor riches: a biblical theology of possessions* (Leicester: Apollos, 1999). O erudito bíblico Craig Blomberg examina os dados bíblicos sobre riqueza e economia. Ele analisa as leis mosaicas, incluindo: (a) as leis do ano sabático, segundo as quais todos os servos contratados seriam libertados a cada sete anos, quer tivessem pago suas dívidas, quer não; (b) as leis do respigo, que limitavam a obtenção de lucros pelos proprietários de terras; e (c) o Jubileu, segundo o qual a terra que havia sido perdida em negócios lícitos retornava a seus proprietários originais a cada cinquenta anos. Blomberg conclui que as regras para o uso da riqueza e da propriedade desafiam todos os principais modelos econômicos contemporâneos. Elas são incompatíveis tanto com o socialismo quanto com o capitalismo democrático. A Bíblia "sugere uma crítica contundente (1)

ao estatismo que desconsidera o precioso tesouro das raízes pessoais, e (2) ao individualismo desenfreado que protege indivíduos às custas da comunidade" (p. 46). A Bíblia ensina "a despersonalização *tanto* das forças de mercado *quanto* das sociedades dominadas pelo Estado" (p. 83).

13 Veja James Mumford, "Package deal ethics", *Hedgehog Review* 19, n. 3 (Autumn 2017), disponível em: www.jamesmumford.co.uk/package-deal-ethics-2, acesso em: 31 mar. 2019.

14 Veja Larry Hurtado, *Destroyer of the gods: early Christian distinctiveness in the Roman world* (Waco: Baylor University Press, 2016). Hurtado ressalta que a igreja primitiva estava comprometida com um "projeto social" único. Ela enfatizava: (a) a multietnicidade e a igualdade entre as raças; (b) uma forte preocupação com os pobres; (c) perdão e não retaliação; (d) proibição de aborto e infanticídio; (e) uma ética sexual que proibia o sexo fora do casamento entre um homem e uma mulher. Como alguns apontaram, as duas primeiras características soam "democratas" e as duas últimas soam "republicanas", mas a terceira característica — não retaliação — não soa como nenhum desses dois lados!

15 Ao lerem isso em 2018-2019, alguns vão pensar apenas na relação atual entre evangélicos e republicanos. Mas isso acontece ao longo de todo o espectro político. Para outro exemplo da pressão dos atuais "acordos políticos em bloco" no que concerne a cristãos afro-americanos, veja Justin E. Giboney, "Oddly, neither political party reflects the values of black voters", *The Hill*, May 30, 2018, disponível em: http://thehill.com/opinion/civil-rights/389491-oddly-neither-political-party-reflects-the-values-of-black-voters, acesso em: 31 mar. 2019. Tanto os cristãos afro-americanos quanto o ensino social católico combinam valores "liberais" nas áreas de trabalho, raça e economia com valores "conservadores" nas áreas de sexo, gênero e aborto.

16 Ernest W. Shurtleff, *Lead on, o King eternal, the day of march has come* (hino), 1887.

17 Miroslav Volf, *Exclusion and embrace: a theological exploration of identity, otherness, and reconciliation* (Nashville: Abingdon Press, 1996), p. 74-8.

18 Veja Jonathan Haidt, "The age of outrage: what the current political climate doing to our country and our universities", *City Journal*,

December 17, 2017, disponível em: www.city-journal.org/html/age-outrage-15608.html, acesso em: 31 mar. 2019.

19 Paul Gilroy, "Diaspora and detours of identity", in: K. Woodward, org., *Identity and difference*, (London: Sage/Open University,1997), p. 302.

20 Volf, *Exclusion and embrace*, p. 78.

21 Volf, *Exclusion and embrace*, p. 63-4.

22 C. S. Lewis, *The voyage of the dawn treader* (New York: Harper Trophy, 2000), p. 110 [edição em português: *A viagem do peregrino da alvorada*, tradução de Paulo Mendes Campos (São Paulo: Martins Fontes, 2010)].

23 Volf, *Exclusion and embrace*, p. 40, 49.

24 Veja Larry Hurtado, "A different identity", in: *Destroyer of the gods*, p. 77-104.

25 J. R. R. Tolkien, *The fellowship of the Ring*, ed. 50º aniversário (New York: Houghton Mifflin, 2004), p. 442 [edição em português: *A sociedade do anel*, tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves; Almiro Pisetta (São Paulo: Martins Fontes, 1994)].

26 Não devemos pensar que o modelo da encarnação e a identidade cristã singular são os únicos recursos que os cristãos têm para se tornarem agentes de pacificação e de construção de pontes em uma sociedade pluralista. Aqui estão dois outros: (1) Nossa doutrina da história mina tanto a nostalgia quanto o utopismo que podem levar a visões políticas extremas. Por um lado, os progressistas olham o passado como algo repleto de escuridão e mal e acreditam que nossa única esperança está em uma sociedade futura que podemos alcançar por meio da política. Por outro lado, os conservadores geralmente olham para "eras de ouro" do passado e veem o presente e o futuro como algo cheio de defeitos e sombrio. Contudo, a grande obra *A cidade de Deus*, de Santo Agostinho, mostra a visão bíblica da história, a saber, que passado, presente e futuro estavam todos repletos do mal humano e da graça sustentadora de Deus, que podemos trabalhar por uma sociedade mais justa agora, com realismo e esperança, sabendo que nunca conseguiremos alcançá-la até o retorno de Cristo. Isso evita que os cristãos romantizem o passado, como os conservadores tendem a fazer, ou coloquem suas esperanças em projetos políticos utópicos, como os liberais tendem a fazer. (2) Nossa doutrina da salvação pela graça

somente talvez mine a barreira básica do ser humano em relação à relacionamentos pacíficos e cooperativos. O psicólogo social Jonathan Haidt disse: "Para viver virtuosamente como indivíduos e sociedades, precisamos entender como nossa mente é construída. Precisamos encontrar maneiras de superar nossa inclinação natural a nos considerarmos justos". Jonathan Haidt, "The psychology of self-righteousness" (entrevista concedida a Krista Tippett), *On Being*, October 19, 2017, disponível em: https://onbeing.org/programs/jonathan-haidt-the-psychology-of-self-righteousness-oct2017/, acesso em: 31 mar. 2019. Não é ser justo, mas, sim, se considerar justo, que leva a uma constante polarização e alienação dentro de nossas sociedades multiculturais e pluralistas. Pode-se discordar e criticar fortemente sem humilhar, demonizar e desumanizar a visão oposta, tanto no tom quanto na linguagem, embora os que se consideram justo aos próprios olhos pratiquem isso rotineiramente. John Inazu, em *Confident pluralism: surviving and thriving through deep difference* (Chicago: University of Chicago Press, 2016), argumenta que não podemos ter uma sociedade pacífica, próspera e pluralista, na qual haja cooperação entre pessoas de crenças profundamente diferentes, a menos que as pessoas ao falarem lancem mão de qualidades como *tolerância* (tratar os outros com respeito e dignidade, mesmo quando consideramos seus pontos de vista chocantes), *humildade* (reconhecer os limites do que podemos provar para eles e perceber que nossas crenças não são autoevidentes para todos) e *paciência* (estar disposto a permanecer ao lado das pessoas, em esperança, em longo prazo). Essas três qualidades resultam em: (a) falta de pressa em atribuir motivos ruins às pessoas; (b) falta de pressa em pensar que decifamos a outra pessoa; (c) falta de disposição em atribuir a outros uma visão que eles não sustentam, mesmo se pensarmos que tal visão é uma decorrência de suas outras visões; e (d) a atitude de abster-se de criticar as pessoas até que possamos primeiro descrever suas visões de maneiras tão convincentes que elas próprias não poderiam explicá-las melhor. Todas essas atitudes e habilidades estão, indiscutivelmente, tornando-se menos e menos prevalecentes entre nós. A doutrina da salvação pela graça somente significa que todos os seres humanos estão igualmente perdidos, incapazes de salvar

a si mesmos e são salvos apenas por pura graça. Isso fornece recursos poderosos para gerar tolerância, humildade e paciência nos cristãos. Quando falamos com um hindu ou um ateu, não temos motivos para nos sentirmos superiores. Não somos salvos porque somos mais sábios ou mais morais, mas por causa da graça somente. Mesmo que os cristãos possam ter a verdade, o pecado remanescente em nosso coração nos impede de sermos o tempo todos tão bons quanto nossa doutrina correta deveria nos tornar.

27 Associated Press, "Dutch call for end to religious violence", *NBC News*, November 9, 2004, disponível em: www.nbcnews.com/id/6446342/ns/world_news-europe/t/dutch-call-end-religious-violence/#.Wm9sq5M- dmA, acesso em: 31 mar. 2019.

28 Matthew Kaemingk, *Christian hospitality and Muslim immigration in an age of fear* (Grand Rapids: Eerdmans, 2018), p. 25. Agradeço a Derek Rishmawy por me mostrar esse grande exemplo.

29 Ibidem.

30 Kaemingk, *Christian hospitality Muslim immigration*, p. 26.

31 United Nations, "The world's cities in 2016" (folhetos com dados), s/d., disponível em: www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf, acesso em: 31 mar. 2019.

32 "Cities in numbers: how patterns of urban growth change the world", *Guardian*, November 23, 2015, disponível em: www.theguardian.com/2015/nov/23/cities-in-numbers-how-patterns-of-urban-growth-change-the-world, acesso em: 31 mar. 2019.

33 Howard Peskett; Vinoth Ramachandra, "Jonah 1—4", in: *The message of mission: the glory of Christ in all time and space* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2003), p. 136.

34 Entretanto, o deslocamento de pessoas, riquezas e poder, do campo para as grandes cidades, deixou as comunidades rurais em grande necessidade. Há muito mais dependência de drogas, pobreza, precariedade e outros problemas sociais nessas áreas do que havia uma geração atrás. O ministério nessas áreas requer novas habilidades e recursos. Há uma grande necessidade de muitas igrejas novas e da renovação de inúmeras igrejas históricas nesses lugares.

35 Peskett; Ramachandra, "Jonah 1—4", p. 136.

36 Tremper Longman III, *The NIV application commentary: Daniel* (Grand Rapids: Zondervan, 1999), p. 47-8.

37 C. S. Lewis, *The abolition of man* (New York: MacMillan, 1947), p. 35 [edição em português: *A abolição do homem*, tradução de Remo Mannarino Filho (São Paulo: Martins Fontes, 2014)].

38 Charles Taylor, *Sources of the self: the making of the modern identity* (Cambridge: Harvard University Press, 1989), p. 89, fala sobre o valor moral amplamente aceito de John Rawls. Veja também p. 342, 464, 510.

39 George Scialabba, "Charles Taylor's Sources of *the self: the making of the modern identity*: a review", *Dissent*, September 1, 1990, disponível em: http://georgescialabba.net/mtgs/1990/09/sources-of-the-self-the-making.html, acesso em: 31 mar. 2019.

40 Scialabba, "Charles Taylor's *Sources of the self*".

DOZE

NOSSO RELACIONAMENTO COM A GRAÇA DE DEUS

Fugindo da graça (Jn 2.1-10)

Uma das mensagens deste livro é que qualquer um, mesmo um profeta (ou pregador) de sucesso, pode estar no escuro quando o assunto é graça. Os medos, preconceitos e colapsos emocionais de Jonas derivam todos de sua cegueira para a realidade da graça. No capítulo 1, ele foge porque acha que a graça e a misericórdia de Deus são um mistério inexplicável. No capítulo 2, no ventre do peixe, nós o encontramos lutando com esse mesmo mistério. E somente quando evolui em sua compreensão sobre a graça ele é libertado. Só então ele consegue se tornar um pregador destemido. O principal propósito de Deus é fazer com que Jonas compreenda a graça. O principal propósito do livro de Jonas é fazer com que *nós* compreendamos a graça.

Se Jonas não conseguiu entender o mistério da graça de Deus, certamente é possível que o mesmo nos aconteça. Ignorar a profundidade dessa graça é o que causa nossos problemas mais graves. Até que a entendamos, somos como Jonas: apenas uma sombra do que poderíamos e deveríamos ser. A doutrina da graça de Deus é o que diferencia o cristianismo de todas as outras religiões. Ela é a mensagem central, o "evangelho". "O evangelho está dando frutos e crescendo em todo o mundo, assim como tem acontecido entre vocês, desde o dia em que ouviram e entenderam verdadeiramente a graça de Deus" (Cl 1.6, NIV).

É a compreensão da graça de Deus que faz da pessoa um cristão, e não meramente ser uma pessoa moral ou religiosa ou uma boa pessoa. Essa é uma verdade que, quando compreendida, é eletrizante. Quando Martinho

Lutero finalmente a entendeu, ele passou de um ansioso professor de seminário cheio de culpa a um leão pronto a conquistar o mundo inteiro sozinho. Ele escreveu:

> A fé é uma confiança viva e ousada na graça de Deus, tão certa do favor divino que, nela confiando, se arriscaria à morte mil vezes. Tais confiança e conhecimento da graça de Deus tornam a pessoa feliz, alegre e ousada em seu relacionamento com Deus e com todas as criaturas. O Espírito Santo faz isso acontecer por meio da fé. Por causa dela, de modo livre, voluntário e alegre, você faz o bem a todos, serve a todos, sofre todos os tipos de coisas, ama e louva ao Deus que lhe mostrou tamanha graça.[1]

É a compreensão da graça de Deus que torna possível assumir uma posição firme. Quando tentava entender como uma parte tão grande da igreja alemã se dispôs a aceitar Hitler, Dietrich Bonhoeffer identificou esse problema como "graça barata".[2] Aquelas pessoas acreditavam que Deus as amava apesar de seus pecados, mas isso as levou à atitude de que, em última análise, não importava como elas vivessem. Levantar-se contra Hitler naquela época teria sido perigoso. Muitos, então, argumentaram: "Bem, talvez seja covarde e talvez esteja errado. Mas Deus vai passar por cima disso. Ele nos aceita, apesar do nosso pecado". Como se acredita que Heinrich Heine, o escritor do século 19, disse quando estava morrendo: "Deus me perdoará. Esse é o trabalho dele".[3] Se você acredita nisso — ou seja, que Deus apenas nos perdoa e ignora o pecado como se desse de ombros —, então você não levará o pecado a sério, porque aparentemente Deus também não o leva. Entretanto, se perceber que a nossa salvação custou a Jesus sua glória no céu e sua vida na terra, que ela acarretou sofrimento inimaginável para ele, então você começa a entender que a graça não é barata, mas teve um alto preço (Fp 2.1-11).

Somente se enxergarmos o que custou a ele nos salvar é que nos sentiremos felizes em obedecer a Jesus e em servi-lo, independentemente do custo que isso tenha para nós. Packer escreve:

> Aqueles que supõem que a doutrina da graça de Deus tende a encorajar a frouxidão moral [...] simplesmente demonstram que, no sentido mais literal, não sabem do que estão falando. Porque amor desperta amor em troca; e amor, uma vez despertado, deseja proporcionar contentamento.[4]

E o que traz contentamento a Deus? Deus fica contentado quando paramos de nos gloriar e extrair nossa identidade da sabedoria humana, do poder e da riqueza e começamos a viver com generosidade, justiça e retidão. "Porque é dessas coisas que me agrado, declara o Senhor" (Jr 9.23,24, NIV).

É a compreensão da graça de Deus que remove nossos fardos. Pessoas religiosas frequentemente convidam descrentes a se converterem conclamando-os a adotarem uma nova série de comportamentos e práticas rituais, e a redobrarem ao mesmo tempo seus esforços para levarem uma vida virtuosa. Isso, no entanto, é sobrecarregar ainda mais as pessoas. Os fariseus faziam isso, colocavam "fardos pesados" sobre as pessoas (Mt 23.4), de modo que elas afundavam. Todas as outras religiões colocam sobre as pessoas o fardo de assegurar a sua própria salvação, enquanto Deus provê a salvação imerecida por meio do seu filho (cf. Is 46.1-4). Embora o evangelho deva levar a uma mudança de vida, não são essas mudanças que salvam você.

Um grupo de rapazes, reunidos em torno de John e Charles Wesley, na década de 1730, lutou para conhecer e servir a Deus. Eles começaram a ler em voz alta o comentário em Gálatas de Martinho Lutero. Uma noite, um desses homens, William Holland, teve uma experiência de graça sobre a qual ele escreveu mais tarde.

> O sr. Charles Wesley leu o prefácio em voz alta: "O quê? Então, não temos nada a fazer? Não! Nada, senão aceitar dele, que se fez sabedoria e retidão e santificação e redenção de Deus para nós". Diante dessas palavras, desceu tamanho poder sobre mim que não consigo descrever bem; o grande fardo que eu carregava caiu naquele instante; meu coração encheu-se de tão grande paz e amor que cai em lágrimas. Quase achei que vira nosso Salvador! Meus companheiros, ao me verem tão impactado, caíram de joelhos e oraram. Quando, mais tarde, fui embora para casa, mal podia sentir sob os pés o chão sobre o qual pisava.[5]

O próprio Charles Wesley teve uma experiência semelhante, também ao ler os escritos de Lutero. E assim ele escreveu a respeito dela:

> Há tempos meu prisioneiro espírito dormia,
> densas prisões de pecado e natureza escura;
> de teus olhos um raio tocou-me a vida sombria…
> Acordei. Na masmorra brilha tua luz de cura.

Grilhões ao chão, meu coração prova a liberdade.
Em pé, fui adiante, te segui p'ra eternidade.[6]

A graça se torna, por assim dizer, a música de fundo de sua vida. Se essa for a canção que seu coração cantar a maior parte do tempo, isso mudará você (Ef 5.19,20).

Como Deus pode ser tão misericordioso, paciente e gracioso? Entrelaçada na oração de Jonas, temos uma pista para a resposta, quando ele clama:

> … do ventre do Sheol, choro e ouves a minha voz. Pois me lanças nas profundezas […] todas as tuas ondas e vagas passam por cima de mim […] Fui afastado de tua vista (Jn 2.2–4).

O "Sheol" significava o reino do castigo divino e da morte.[7] Jack Sasson diz que falar de já ter estado em tal lugar expressa extrema angústia e dor. A metáfora é "singular a Jonas e comunica o mais sombrio dos desesperos".[8] Jonas sabe que seu sofrimento é uma punição, que seu pecado o baniu da vista de Deus.

Quando Jesus diz ser "maior que Jonas", ele se refere aos três dias e três noites que Jonas passou nas profundezas (Mt 12.40,41). Pois, na cruz, Jesus recapitula o sofrimento de Jonas, embora em grau infinitamente maior, quando grita: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" (Mt 27.46, NIV). Jonas desceu às profundezas do mar para salvar os marinheiros, mas Jesus desceu às profundezas da morte e da separação de Deus — ao próprio inferno — para salvar Jonas. Jonas é esmagado sob o peso das "ondas e vagas" (Jn 2.3) das "águas" de Deus (v. 5), Jesus, porém, foi sepultado sob as ondas e vagas da ira de Deus. Jonas disse que estava no Sheol e foi expulso da presença de Deus. O Credo dos Apóstolos diz que, por nossa causa, Jesus "desceu ao inferno". Esta é uma explicação clássica dessa linha:

> O ponto é que o Credo expõe o que Cristo sofreu aos olhos dos homens e, então, fala oportunamente do julgamento invisível e incompreensível que ele sofreu aos olhos de Deus, a fim de que pudéssemos saber não apenas que o corpo de Cristo foi dado como o preço de nossa redenção, mas que ele pagou um preço maior e mais excelente ao sofrer em sua alma os terríveis tormentos de um homem condenado e abandonado.[9]

Seja qual for o seu problema, Deus o resolve com a sua graça. A graça de Deus revoga a culpa para sempre. Você pode estar cheio de arrependimento pelo passado ou pode estar vivendo com uma sensação de grande fracasso. Não importa o que fez. Ainda que você fosse cem vezes pior do que é, seus pecados não seriam páreo para a misericórdia de Deus. Há um hino que diz assim: "Bem pode rugir o Acusador/A respeito dos pecados que tenho cometido/Eu vejo todos eles, e milhares mais". Contudo, se estou em Cristo, "Jeová não vê nenhum".[10]

A graça põe fim ao medo do fracasso, que pode ter sido parte do problema de Jonas. Muitos de nossos mais profundos anseios de sucesso são meras maneiras de sermos para nós mesmos o que Cristo deveria ser para nós. O que realmente estamos dizendo é: "Se eu conseguir isso, então sou aceitável!". Mas quando paramos de tentar usurpar autoaceitação de outras fontes, perdemos nosso medo. Nós nos tornamos destemidos sem nos tornarmos desafiadores.

A salvação pertence ao Senhor. Tudo vem dele. Não vem em parte de você e em parte dele. Vem dele. Se você sentir que "gostaria de ser mais digno", ainda não está entendendo. Ele *é* seu merecimento. Se você diz: "Eu o quero em minha vida, mas não o vejo operando", você ainda não entende como a graça dele é fundamental. Se você a quer, de qualquer modo que seja, isso é Deus atuando em sua vida. Você, por si mesmo, não é capaz de querê-lo. A salvação vem do Senhor.

Tempestades do coração (Jn 4.1-3)

Vimos que a recaída irada de Jonas teve relação com uma excessiva preocupação com a sorte política de sua nação. Pode-se dizer que ele caiu em uma espécie de partidarismo extremo, segundo o qual ele preferiria ver pessoas destruídas e espiritualmente perdidas desde que isso beneficiasse seu país. Poderíamos dizer também, como muitos têm dito, que Jonas era, na melhor das hipóteses, um xenófobo, e, na pior das hipóteses, um racista. O perigo em dizer isso é que, conquanto essa denúncia possa fazer com que nos sintamos virtuosos, e devemos também fazer justiça ao amor legítimo pelo país e ao apego positivo ao seu povo e à sua cultura.

O conjunto de ensaios *The four loves* [Os quatro amores], de C. S. Lewis, é famoso pelo que diz sobre temas como amizade e sexo. Menos

conhecido, porém, é seu tratamento do tema patriotismo. Lewis serviu seu país na Primeira Guerra Mundial. Ele foi ferido e perdeu colegas. Sentia orgulho e amor por sua nação e por sua terra. Ainda assim, ele começa sua discussão sobre o "amor ao país" dizendo: "Todos nós sabemos agora que esse amor se transforma em demônio quando se torna um deus".[11] Lewis estava se referindo ao nazismo, uma forma de patriotismo intenso que se tornou demoníaco.

Lewis diz que, em resposta aos horrores perpetrados no mundo pelo nacionalismo extremado, "alguns começam a pensar que [o amor ao país] não passa de um demônio". Certamente nos dias de hoje, na cultura ocidental, esse sentimento tem crescido. Em muitas escolas secundárias e universitárias, praticamente qualquer expressão de orgulho nacional é vista como algo fascista e/ou racista. Lewis, contudo, rejeita o antipatriotismo como apenas outra forma de extremismo. Aqueles que veem o amor à nação como algo sempre tóxico "têm de rejeitar metade da alta poesia e metade dos atos heroicos que nossa raça já produziu". E acrescenta, de forma surpreendente: "Não podemos nem mesmo ressalvar o lamento de Cristo sobre Jerusalém [no qual] ele também demonstra amor por seu país ".[12]

Em vez disso, Lewis nos leva sabiamente a desdobrar o patriotismo ou o amor ao país em vários aspectos ou tipos, alguns dos quais têm menor probabilidade do que outros de levar à crueldade e à opressão.

O primeiro tipo é o "amor ao lar" — amor pelo lugar em que crescemos, pelos tipos de pessoas que vivem lá, pelo cenário local, pelas paisagens e sons, pela comida, pelos cheiros e pelo estilo de vida local. Lewis considera esse tipo de amor pelo país como o menos propenso a gerar animosidade em relação àqueles que são diferentes. Apreciação pelas coisas que tornam o seu lugar algo único ajuda a pessoa a imaginar os outros amando da mesma maneira os respectivos lugares de onde vieram.

O segundo tipo de amor ao país é "uma atitude particular em relação ao passado do país […] e aos grandes feitos de nossos ancestrais". Ele diz que isso já representa um perigo. É tentador retocar nossa história e varrer para debaixo do tapete o quanto "a história real de cada país é cheia de feitos sórdidos e até mesmo vergonhosos". Quando isso acontece, perdemos o senso de que nossa nação e cultura são como todas as demais, isto é, uma mistura de pessoas e elementos bons e maus. Esse é o ponto em que um

sentimento de superioridade nacional pode começar a nascer, junto com um potencial para acreditar que *nossa raça* herda essa superioridade automaticamente.[13]

Lewis acredita que, quando uma nação intencionalmente suprime e apaga seus próprios erros históricos, isso pode levar, em terceiro lugar, a sentimentos conscientes e deliberados de superioridade racial. Ele se lembra de uma ocasião em que ouviu um homem falando abertamente da superioridade inglesa em face de outros países e culturas. Lewis respondeu, talvez com uma pitada de humor, que todo país gosta de pensar que seu povo é o mais corajoso e o mais correto do mundo, ao que o homem respondeu sem ironia: "Sim, mas na Inglaterra isso é verdade".[14] Nesse ponto, segundo Lewis diz, estamos às portas do racismo e da opressão. "Se a causa de nosso país é a causa de Deus, as guerras devem ser guerras de extermínio. [Isso é o que acontece quando] uma falsa transcendência é atribuída a coisas que são caracteristicamente deste mundo".[15]

O estágio final desse caminho — que vai do amor saudável ao lar e ao país à divinização da raça e da nação — ocorre quando uma raça ou um país usa a premissa de sua superioridade como base para crueldade, opressão, exclusão e até mesmo extermínio. "Cães! Conheçam seus superiores!"[16]

O caminho que Lewis apresenta, e que leva de um amor saudável a um patriotismo tóxico, atravessa vários estágios, e parece que Jonas foi passando de um para o outro. Nós sabemos pela história que a Assíria mais tarde veio a destruir as dez tribos do norte de Israel. Então, os temores de Jonas não eram irrealistas. Apesar disso, Deus o estava chamando para colocar sua Palavra e o bem-estar espiritual daquelas pessoas à frente dos interesses de Israel.

O patriotismo e o amor de Jonas por seu povo — que eram coisas boas — acabaram azedando. O amor por seu povo se tornou intolerância e, então, sem esperança de que Israel venceria essa luta internacional pelo poder, sua vida perdera todo o sentido. Enquanto servir a Deus se encaixava em seus objetivos para Israel, ele estava bem com Deus. Tão logo Jonas teve de escolher entre o verdadeiro Deus e o deus que realmente adorava, ele se voltou contra o verdadeiro Deus em ira. A identidade nacional particular de Jonas era mais fundamental para sua autoestima do que seu papel como servo do Deus de todas as nações. O verdadeiro Deus tinha sido

para ele apenas um meio para um fim. Ele estava usando Deus para servir ao seu verdadeiro deus.[17]

Raça e nação são apenas duas das infinitas coisas boas que podemos transformar em ídolos. O filósofo Paul Tillich argumentou que todos devem viver por algo, a fim de que a vida tenha sentido, e, seja isso o que for, essa coisa se torna "a preocupação última". Tillich duvidava, portanto, de que o verdadeiro e completo ateísmo fosse realmente possível. Ele argumentava que, se você não chama o sentido da sua vida de deus, ele ainda assim funciona como um deus e, portanto, a vida de todos é baseada na fé.[18] Na mesma linha, o romancista pós-moderno David Foster Wallace afirmou que na vida diária "não existe tal coisa como [...] a não adoração". E prosseguiu dizendo que "de onde [quer] que você extraía o verdadeiro sentido da vida" — seja de ter bastante dinheiro, de ser belo (ou de ter um parceiro belo), seja de ser considerado inteligente ou de promover alguma causa política — "todo mundo adora algo. A única escolha que temos é o que adorar". Wallace sabia que indivíduos modernos e seculares protestariam, de modo veemente, afirmando que *não* estão adorando nada, mas ele comparou essas negações de pessoas seculares a respeito da adoração às negações de pessoas com vícios. "A questão insidiosa", ele disse, "é que essas coisas são inconscientes. São configurações automáticas".[19] Tudo aquilo para que você vive na realidade toma conta de você. Você não se controla de verdade. Tudo aquilo para que vive e tudo aquilo que mais ama controla você.

De que modo podemos identificar essas "configurações automáticas" que podem distorcer tanto a nossa vida, como fizeram com a vida de Jonas? Olhe para suas orações e seus sonhos não respondidos. Quando Deus não os realiza, você luta com o desapontamento, mas depois segue em frente? Ou você examina a si mesmo, aprende lições, faz mudanças e depois segue em frente? Ou você sente que "para mim a morte é melhor que a vida" (Jn 4.3)? A diferença pode dizer se você está lidando com um amor normal em sua vida ou com um ídolo.

Tendo identificado isso, como podemos alterar essas configurações automáticas? A única coisa que nos liberta das garras dos ídolos é compreender com o coração a graça radical de Deus. Jonas esteve próximo de compreender isso pela primeira vez. Em 2.8, ele fala de idólatras pagãos e diz: "Aqueles que se apegam a ídolos vazios são privados da graça que *lhes pertence*". Literalmente, ele está dizendo que os idólatras abandonam a

própria graça. Por um momento, ele entende. É como se ele estivesse dizendo: "Agora vejo que, uma vez que a salvação é do Senhor, ela é somente pela livre graça e somente pela misericórdia somente; portanto, ninguém é diferente. O povo moralmente 'bom' e os pagãos perversos — a graça de Deus é tanto deles quanto nossa! Somos todos indignos, mas todos podemos recebê-la". Se ele tivesse compreendido essa ideia plenamente, ela o teria purgado da justiça própria que se reafirmou depois que Nínive foi poupada. Teria rebaixado seu amor pelo país de algo supremo para algo bom, e, assim, seu desapontamento no capítulo 4 não teria irrompido em desespero suicida.

No final do capítulo 2, parecia que Jonas estava prestes a mudar de uma identidade moralista para uma identidade graciosa. Acontece que ele é um pouco como o homem que precisava de mais do que um toque de Jesus (Mc 8.23-25). A maioria de nós é como Jonas. Devemos passar por múltiplas exposições tanto à nossa necessidade da graça de Deus — que geralmente vem por meio de experiências de desapontamento e fracasso — quanto à mensagem do evangelho. Fazer do amor de Deus e da graça de Cristo os princípios que motivam nosso coração e a camada fundamental de nossa identidade é um processo, e, em geral, um processo lento.

Como podemos nos libertar de nossos ídolos e dessa inclinação para nos salvar e justificar a nós mesmos, coisas que são tão frágeis e sujeitas às circunstâncias? Somente por meio da graça de Deus, que nos corta até a medula (At 2.37), mas nos eleva mais alto que os céus (Ef 1.3-10), fundamentando nossa felicidade e nossa identidade no amor imutável do Pai. O evangelho nos oferece a perspectiva de uma autoestima que não é *conquistada*, *mas, sim, recebida*. Embora mantenhamos toda nossa identificação em fatores como raça, nacionalidade, gênero, família, comunidade e outras conexões, a coisa mais fundamental sobre nós é que somos pecadores salvos pela graça. Em nós mesmos estamos perdidos, somos falhos e indignos; contudo, em Cristo somos completamente aceitos por aquele a quem mais adoramos em todo o universo, e nele nos deleitamos.

Por um lado, essa identidade recebida coloca de lado nosso orgulho e nos humilha. Como podemos nos sentir superiores a quem quer que seja se nossa posição diante de Deus se dá somente pelas riquezas da graça conquistadas por Cristo? Por outro lado, estamos absolutamente seguros do

amor infinito e imutável de Deus, uma vez que despontamos em Cristo. "Não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). Não há necessidade de inflar nossa imagem excluindo os outros.

O caráter da compaixão (Jn 4.4-11)

Deus não tentou libertar Jonas de sua identidade que justifica a si mesmo apenas com discurso. Não devemos nos esquecer de que ele também enviou dificuldades e decepções ao profeta. Da primeira vez, Deus enviou uma tempestade que lhe ameaçou a vida. Da segunda vez, ele lhe tirou a planta que tinha sido um grande consolo para Jonas, algo que ele amava e, de repente, murchou e morreu. Por que Deus fez isso? Porque estava sendo misericordioso e, portanto, estava fazendo uma cirurgia espiritual nos ídolos do coração de Jonas. John Newton tem um hino inteiro sobre essa passagem em que Deus seca essa videira, que, no caso, ele chama de "aboboreira":

Pedi ao Senhor que eu crescesse
em fé, amor e toda graça;
e que mais de sua salvação eu conhecesse;
e que sua face com mais fervor eu buscasse…

E esperava que, no momento de sua preferência,
de uma só vez, ele fosse atender meu pedido;

e pelo poder constrangedor de seu amor
subjugasse meus pecados — e me desse descanso.

Em vez disso, ele me fez sentir
os males ocultos de meu coração;
e deixou que os poderes irados do inferno
assaltassem cada parte de minh'alma.

E mais, com a própria mão ele parecia
ter a intenção de agravar minha aflição;
frustrou todos os belos planos que eu havia feito,
secou minhas aboboreiras e me deitou abaixo.

— Senhor, por que isso — tremendo bradei.
— Queres perseguir teu verme até a morte?
— É assim — disse o Senhor —
que respondo às orações por graça e fé.

— Essas tribulações interiores emprego
para de ti mesmo e do teu orgulho te libertar;
e teus artifícios de alegria mundana quebrar
para que encontres tudo em mim.[20]

Esse notável hino é quase um comentário sobre o diálogo final entre Jonas e Deus. Jonas, como qualquer profeta do Senhor, certamente queria crescer em caráter e desejava que Deus o ajudasse nisso. Deus, pelo contrário, parecia persegui-lo com desapontamentos e desastres. Deus "secou suas aboboreiras", não apenas aquela que literalmente lhe dera sombra e conforto, mas também outra maior: a sua paixão pela prosperidade e pelo sucesso de sua nação; e ainda a maior de todas elas: o orgulho que tinha de sua própria justiça.

Por que Deus estava lhe enviando um dilúvio de decepções? "É assim", o Senhor respondeu, em essência: "Estou *respondendo* suas orações por graça e fé. Estou apenas tentando libertar você das coisas que o escravizam, guiam e controlam. Você não percebe que, se me amasse acima de tudo, mais do que qualquer outra coisa, você seria verdadeiramente livre? Encontre seu tudo em mim".

Esse chamado de Deus a Jonas é um chamado para todos nós. É um processo doloroso encontrar o nosso tudo nele, todavia, é o único caminho verdadeiro para a alegria. Portanto, não sintamos pena de nós mesmos. Jesus trilhou um caminho infinitamente mais doloroso pela "alegria que lhe estava proposta" (Hb 12.2, NIV) — a alegria de dar contentamento a seu Pai e redimir a nós, seus irmãos e suas irmãs (Hb 2.10-15).

Os versículos finais do livro de Jonas nos dizem que a marca daqueles que foram imersos na graça de Deus não é desprezo, mas, sim, compaixão e amor pelas pessoas que não são como eles. Deus desafia Jonas por confrontar pessoas profanas e ímpias sem lágrimas nem compaixão. Por certo o erro e o mal devem ser denunciados. No entanto, Deus é justo e amoroso, e ele repreende Jonas por pregar à cidade sem amar a cidade.

Vivemos em um mundo fragmentado em várias "bolhas midiáticas", nas quais a pessoa ouve apenas notícias que confirmam aquilo em que já acredita. Qualquer um que use a internet e as mídias sociais ou até mesmo que assista a maioria dos canais de notícias hoje em dia está sendo diariamente encorajado, por meio de uma porção de maneiras diferentes, a se tornar como Jonas em relação "àquelas pessoas lá". Grupos demonizam e zombam de outros grupos. Cada região do país e cada partido político encontra razões para desprezar os demais. Os crentes hoje estão sendo sugados para dentro desse redemoinho tanto quanto quaisquer outras pessoas, se não mais. O livro de Jonas é um aviso. Deus nos pergunta: Como podem olhar para alguém — mesmo para aqueles com crenças e práticas profundamente opostas [às suas — sem compaixão?.

Se quiser que a sua compaixão seja semelhante à de Deus, você deve abandonar seu mundo acolhedor de autoproteção. A compaixão de Deus significou que ele não pôde ficar debruçado no globo terrestre e simplesmente se lamentar por nós. Ele desceu aqui, tomou para si a natureza humana, literalmente entrou na nossa pele e assumiu nossa condição, nossos problemas e caminhou conosco. Se você tem algum amigo ou alguma amiga que esteja passando por um momento muito difícil, não seja alguém ocupado demais para passar tempo com essa pessoa. Caminhe com ela por meio do sofrimento. Claro que você vai chorar. Vai doer! Mas foi isso o que Deus fez por você.

---

1 Martinho Lutero, "An introduction to St. Paul's letter to the Romans", in: Johann K. Irmischer, org., *Dr. Martin Luther's vermischte deutsche Schriften* (Erlangen, Germany: Heyder and Zimmer, 1854), vol. 63, p. 124-5.

2 Veja "Cheap grace", in: Dietrich Bonhoeffer, *The cost of discipleship* (New York: Touchstone, 1995), p. 43-56 [edição em português: *Discipulado, 13. ed.* (Porto Alegre: Sinodal/EST, 2016].

3 Sigmund Freud atribui essas palavras a Heinrich Heine, em sua obra *The joke and its relation to the unconscious* (New York: Penguin, 2003), p. 109.

4 J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 124 [edição em português: *O conhecimento de Deus: para uma maior*

compreensão de Deus, para um relacionamento mais próximo com ele, tradução de Paulo César Nunes dos Santos (São Paulo: Cultura Cristã, 2014)].

5 Citado em Arnold Dallimore, *George Whitefield: the life and times of the great evangelist of the eighteenth century revival* (Edinburgh: Banner of Truth, 1970), p. 183.

6 Charles Wesley, *Amazing love* (hino), 1738.

7 Bryan D. Estelle, *Salvation through judgment and mercy: the gospel according to Jonah* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing, 2005), p. 82-3.

8 Jack M. Sasson, *Jonah: a new translation with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible (New York: Doubleday, 1990), p. 172, citado em Estelle, *Salvation through judgment and mercy*, p. 82.

9 João Calvino, *Institutes of the Christian religion*, edição de John T. McNeill, tradução de Ford Lewis, The Library of Christian Classics (Louisville: Westminster John Knox Press, 2011), vol.1, p. 516 [edições em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006), 4 vols., e *A instituição da religião cristã*, tradução de Carlos Eduardo Oliveira; José Carlos Estêvão (São Paulo: Ed. Unesp, 2008)].

10 Samuel Grandy, *I hear the accuser roar* (hino).

11 C. S. Lewis, *The four loves* (New York: Harcourt and Brace, 1960), p. 22 [edição em português: *Os quatro amores*, tradução de Estevan F. Kirschner (Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017)].

12 Ibidem.

13 Lewis, *Four loves*, p. 26.

14 Ibidem.

15 Lewis, *Four loves*, p. 29.

16 Lewis, *Four loves*, p. 27.

17 Alguns intérpretes resistem a essa caracterização de Jonas. Alguns já chegaram a argumentar que a raiva de Jonas não tem nenhuma relação com a raça ou o fato de os ninivitas serem estrangeiros e que Jonas só estava aflito com o fato de que esse povo tão perverso e violento pudesse ser perdoado e não punido.
Outros argumentaram que Jonas sabia que ir a uma nação estrangeira com a mensagem de salvação era parte da rejeição e do juízo de Deus

sobre Israel (por exemplo, Deuteronômio 32.15-21). Como exemplo desse ponto de vista, veja Peter Leithart, *A house for my name: a survey of the Old Testament* (Moscou: Canon Press, 2000), p. 181-2. Leithart argumenta que, quando Deuteronômio 32.21 diz que Deus vai "provocar" Israel "ao ciúme daqueles que não são 'povo'", está predizendo que Deus julgará Israel indo aos gentios, estendendo-lhes misericórdia e, assim, provocando a "inveja" dos judeus para ganhá-los de volta para si mesmo. De fato, Paulo cita Deuteronômio 32.21 em Romanos 11.19 e diz que isto é o que Deus está fazendo no tempo de Cristo, especificamente, por meio do crescimento da igreja cristã. Leithart insiste que Jonas, em sua própria época ainda, teria lido Deuteronômio 32.21 da mesma maneira que Paulo lia, embora não haja indicação de que os mestres judeus antes Cristo entendessem o texto dessa maneira. A explicação de Leithart do por que Jonas se recusou a ir a Nínive é nova, mas é definitivamente uma visão minoritária.

Outro grupo alerta, com razão, que chamar Jonas de racista pode ser por si mesmo um exercício de antissemitismo. Pode ser uma maneira de criticar apenas os judeus, em vez de apontar para a propensão humana universal ao fanatismo racial e ao preconceito.

Entretanto, a evidência do nacionalismo racista de Jonas é muito forte. Logicamente, é natural que Jonas queira ver malfeitores punidos, como também é inteiramente compreensível preocupar-se com a ameaça da capital assíria a Israel. Mas, quando Jonas recusou uma ordem direta para levar a mensagem de Deus aos ninivitas, ele estava tomando a decisão de colocar os interesses nacionais e políticos de Israel à frente da vontade de Deus. E, tornar a sua nação e a sua raça algo mais importante do que Deus, é, por definição, transformá-las em ídolos.

Há outras indicações de que o livro de Jonas está abordando o nacionalismo racista. Muitos já apontaram que toda a história "deliberadamente faz uma representação simpática dos gentios" em todos os pontos do texto. Quando comparado aos marinheiros pagãos do barco e aos próprios ninivitas, Jonas parece alguém pouco generoso, cruel e de mentalidade fechada. Allen argumenta que essa visão apreciativa dos não crentes e de pessoas de outras raças é direcionada

para uma comunidade judaica "amargurada por seu legado de sofrimento nacional e oposição estrangeira". Leslie C. Allen, *The books of Joel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans 1976), p. 191.
É importante, no entanto, ver que não apenas Jonas é criticado por racismo, xenofobia e nacionalismo. Deus também está condenando os ninivitas por seu imperialismo, sua opressão e sua injustiça social. Como já observamos, os assírios não estavam sendo chamados por Deus a pararem de adorar seus ídolos e a começarem a adorá-lo. A mensagem de Jonas foi um chamado para que se fizesse justiça, assim como Amós pregou às nações (Am 1.1—2.3). Deus diz às nações pagãs para pararem com a violência contra os fracos e os pobres. O texto, então, denuncia a injustiça e o nacionalismo de todos os lados.

18 Paul Tillich, *Dynamics of faith* (New York: HarperOne, 2009). Ele escreve que não ter alguma divindade ou um deus seria "permanecer despreocupado com o significado da própria existência", de modo que "Deus pode ser negado apenas em nome de Deus" (p. 52).

19 David Foster Wallace, "David Foster Wallace in his own words" (discurso de formatura, Kenyon College, Maio 21, 2005), *1843*, September 19, 2008, disponível em: www.1843magazine.com/story/david-foster-wallace-in-his-own-words, acesso em: 18 out. 2019. Veja também a versão impressa em Dave Eggers, *The best nonrequired reading 2006* (Wilmington: Mariner Books, 2006), p. 355-64.

20 John Newton, *Olney hymns*, 1779, citado em J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1973), p. 229.

EPÍLOGO

QUEM CONTOU A HISTÓRIA?

Somos chamados a ser um povo em missão, a nos tornar vulneráveis para compartilhar nossa fé e amar nosso próximo. Foi isso o que Deus fez em Jesus Cristo, e foi isso que até mesmo Jonas acabou fazendo. Ele foi para Nínive e pregou. Contudo, em sua ira, afastou-se para fora da cidade, na esperança de assistir ao seu fim. Será que ele falhou no final?

Conforme vimos, o livro de Jonas termina em suspense. Não nos é dito como o profeta respondeu ao apelo final de Deus. Proponho, no entanto, que podemos arriscar um palpite razoável sobre como Jonas finalmente respondeu a Deus. Como sabemos que Jonas era tão recalcitrante, desafiador e sem noção? Como sabemos que ele fez aquele discurso inacreditável sobre "eu sabia que és Deus compassivo e odeio isso"? Como sabemos sobre sua oração dentro do peixe? A única maneira possível pela qual poderíamos saber dessas coisas é se Jonas as tivesse contado a outras pessoas. Mas que tipo de homem deixaria o mundo ver quão tolo ele era? Apenas aquele que tivesse se tornado jubilosamente seguro do amor de Deus. Apenas aquele que acreditasse ser simultaneamente pecador, mas completamente aceito. Em suma, alguém que encontrou, no evangelho da graça, o próprio poder de Deus (Rm 1.16).

Se isso pôde mudar Jonas, pode mudar qualquer um. Pode mudar você.